

# **DISCURSOS À BEIRA DO SINOS**

A emergência de novos valores na juventude  
O caso de São Leopoldo

Hilário Dick (Coordenador)

# – SUMÁRIO –

Agradecimentos .....	3
Conversas iniciais .....	5
Pequena e provisória localização.....	5
a) sob o ponto de vista grupal .....	5
b) na perspectiva histórica .....	7
Cap. 1. Primeiro perfil do universo pesquisado .....	11
Cap. 2. O jovem leopoldense e seu mundo de relações ..	15
Cap. 3. Escolaridade e adjacências .....	19
Cap. 4. Rodeando a família .....	23
Cap. 5. Trabalho: eis a questão .....	27
Cap. 6. Cultura política .....	31
Cap. 7. Valores, cuidados e sonhos .....	35
Cap.8. Religião: terreno minado.....	37
Cap. 9. O fenômeno da violência.....	41
Cap. 10. Aspectos afetivos e sexuais .....	45
Considerações finais .....	47
Retomada.....	47
Elementos para um diagnóstico .....	49
Referências bibliográficas .....	53
Anexo.....	55





# AGRADECIMENTOS

---

**E**sta pesquisa só foi possível com a ajuda e o apoio de muitas pessoas e instituições. Além da professora Valburga Schmiedt Strek, decisiva nos primeiros encaminhamentos da pesquisa; da estudante de História e bolsista Cátia Andressa da Silva, que acompanhou todos os passos da pesquisa; da pedagoga Maraike Wegner, muito presente como bolsista, especialmente na primeira fase, mas sempre disposta a dar a mão quando necessário; da estudante de Psicologia e bolsista Anamaria de Miranda, sempre pronta para resumir, corrigir, sugerir com inteligência e interesse o que se apresentasse. Devemos citar, igualmente:

1) a Rede Latino-americana de Investigadores em Juventude;

2) a Coordenadoria da Juventude do município de São Leopoldo, especialmente sob os cuidados de Adriano Pires de Almeida, Carlos Eduardo Ferreira e Eduardo Dutra Fagundes, acompanhando com muita paixão e apoiando financeiramente a aplicação da pesquisa;

3) todo o grupo de jovens e adultos representantes de instituições envolvidos com a juventude que, no dia 13 de maio de 2006, fizeram uma primeira leitura crítica dos dados;

4) o Dr. e Prof. José Ivo Follmann que assumiu a pesquisa ante as instâncias acadêmicas;

5) o Dr. e Prof. Carlos Alfredo Gadea Castro, da Pós-graduação em Ciências Sociais, com muitas contribuições mais do que oportunas; o Dr. Prof. Lúcio Jorge Hammes que se prontificou a olhar tudo com olhos de educação e o prof. Rodrigo de Castilhos que não mediu esforços para enriquecer a leitura dos dados.

Seria muita injustiça, no entanto, não recordar de modo especial **a)** a AID UNISINOS (Agência de Integração e Desenvolvimento) que sempre foi muito eficaz e prestativa em procurar e fornecer dados, interessando-se em colaborar com a melhoria do questionário e sempre disposta a ajudar em tudo que podia e **b)** a ONG Trilha Cidadã que, além de outras ajudas, dedicou-se a apontar a equipe de entrevistadores: Sabrina de Souza, Elisandro Rodrigues, Rodrigo Vieira Fagundes, Clarissa de Sousa, Thales, Vander Machado dos Santos, Alexandre Machado dos Santos que, com a supervisão de Fabiane Asquidamini, se dedicaram por duros meses a percorrer vilas e colégios, cuidando para que o preenchimento do questionário fosse feito dentro das orientações assumidas. A todos e todas – mesmo os que deveriam talvez ser citados – **obrigado pela colaboração.**



# CONVERSAS INICIAIS

Os anos de 1980 não foram como os anos 60 nem os anos de 1990 foram como os anos 80. O contexto é outro, e a juventude participa de outras experiências e valoriza outras ações. Haveria, de fato, uma mudança de valores no mundo juvenil? E se esta mudança se dá, como se manifesta? Sabe-se que a juventude representa um segmento significativo da população como consumidor em potencial e como objeto preferido do marketing comercial e até de campanhas políticas, porém quais as novidades que estão emergindo nela?

Nesta pesquisa, perguntamos se, de fato, há uma mudança de valores no mundo juvenil e se esta mudança se dá, como se manifesta? Move-nos a premência de políticas públicas e ações sociais necessárias para a felicidade e a formação adequada dos jovens deste início de milênio.

Os objetivos centrais desta pesquisa foram:

- Compreender a realidade juvenil de São Leopoldo: São Leopoldo é um município quase totalmente urbano, inserido na região metropolitana de Porto Alegre, conhecido como o berço da imigração alemã no Sul do país, de muita tradição. Uma cidade com cerca de 210.000 habitantes, a 30 quilômetros de Porto Alegre e conhecida, nos últimos anos, como sendo o município do Rio Grande do Sul em que morrem, por causas externas, mais adolescentes e jovens.
- Pesquisar os valores e as mudanças de valores vividos pelos jovens como forma de compreender a situação juvenil vivida no município, abrindo pistas para possíveis intervenções.
- Comparar os dados obtidos em São Leopoldo com outros dados pesquisados, com questionário semelhante, em outras cidades da América Latina.
- Colaborar com a Coordenadoria da Juventude do município para ter uma melhor fundamentação científica de suas atividades no segmento juvenil.

## HIPÓTESES

Para a realização da pesquisa, tivemos as seguintes hipóteses:

- A vivência ou não-vivência, a revelação ou não-revelação de certos valores ajudam tanto na compreensão do mundo com o qual lidamos como na leitura da violência praticada por e com jovens;
- A juventude pode ser considerada um espelho da sociedade e, por isso, os dados podem fornecer pistas sobre a realidade social da população do município de São Leopoldo;
- Alguns dados que conseguirmos coletar podem revelar situações que resultam em atitudes contraditórias, exigindo estudos posteriores.

## PEQUENA E PROVISÓRIA LOCALIZAÇÃO

### A) SOB O PONTO DE VISTA GRUPAL

Os estudos relacionados a questões da juventude<sup>1</sup> tiveram início nos anos 1920, em Chicago<sup>2</sup>, quando as “turmas” de jovens eram lidas como junções étnicas e territorialistas ou, conforme Thrasher<sup>3</sup> (1927), divididas em “Zonas Ecológicas”. Os estudos associam a violência e criminalidade com a juventude, sobretudo imigrante, alegando o enfraquecimento de valores morais e tradicionais que resultariam em desorganização social e maior violência urbana. A “juventude” é vista como “problema”, atendo-se a visão de um segmento da sociedade que reage a uma situação de “exclusão”.

Foi, portanto, na populosa cidade de Chicago, sob os efeitos positivos e negativos da industrialização e da urbanização, que começou a desenvolver-se uma sociologia muito atenta aos problemas da integração social e da juventude. Isso se confirma no trabalho de William Foote Whyte<sup>4</sup> que, sem pretender amparar-se em fortes componentes teóricos,

1 Entendemos por “juventude”, nesta pesquisa, o segmento da sociedade formado por pessoas de 14 a 30 anos, tendo claro que atingimos dois subgrupos, ao mesmo tempo diferentes e muito semelhantes: os adolescentes (14 a 17 anos) e os jovens (18 a 30 anos). Obedecemos nisso, em parte, à conceituação reconhecida por várias instituições e pesquisadores bem como à prática que temos com os dois segmentos. A definição de “juventude” pode obedecer a várias orientações e não desejamos prolongar-nos nessa discussão.

2 Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p.177-201.

3 THRASHER, F. *The gang*. Chicago: The University of Chicago Press, 1927.

4 WHYTE, W.F. *Sociedade de esquina*. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

descreveu, de maneira clara, as formas de interação social de grupos de jovens, filhos de imigrantes europeus recém-chegados a Chicago. Para muitos a contribuição central deste pesquisador está em sua estrutura metodológica e suas conseqüentes descobertas empíricas no que diz respeito ao desvelamento dos conflitos, valores e interesses daqueles jovens. É que a contribuição para qualquer estudo sobre jovens e valores sociais é aquele no qual se pretende demonstrar uma sociologia definida como estudo da ação social e a interação entre os indivíduos, não vistos como ilhas de sentido, mas como sujeitos ativos, agindo dentro das redes e grupos sociais num processo continuado de mudanças e de reinvenção social. Whyte – assim como a extensa produção da Escola de Chicago, parece opor-se a modelos teóricos estáticos, nos quais os indivíduos parecem desempenhar papéis predefinidos dentro de uma estrutura social<sup>5</sup>.

A juventude de São Leopoldo, especialmente a da periferia, não foge dessa realidade. São Leopoldo não deixa de ser uma cidade de imigração e migração constante, podendo ser considerada uma cidade em significativa “mobilidade” histórica e atual. As décadas de 1960 a 1980 foram para São Leopoldo de “explosão demográfica”, e são os filhos dessa geração que foram estudados nesta pesquisa.

Numa perspectiva introdutória é necessário recordar alguns estudos que esse fenômeno já gerou. Depois de Thrasher, nos anos 1960, Merton<sup>6</sup> explicou os atos violentos das gangues dos Estados Unidos pela “Teoria da Frustração”, ou seja, a leitura de uma realidade provocada por uma desigualdade nas oportunidades de ascensão social - desejo este produzido por valores individualistas advindos dos ideais capitalistas. Merton concluiu que era a 2ª geração de imigrantes que se envolvia em tais atividades<sup>7</sup>.

Avançando os estudos, Matza<sup>8</sup> (1964) critica tais teorias e as práticas governamentais, policiais e judiciárias por rotularem jovens de bairros pobres como delinqüentes - principalmente no momento em que estão passando por conflitos próprios da adolescência - chamando isso de “drift”. A rotulação resultaria na sua identificação e atuação.

Todas estas teorias foram criticadas por seu funcionalismo e determinismo; afinal, a porcentagem desta população que se encaixava neste perfil e seguia carreiras criminosas, era muito baixa. Concluiu-se, então, que estas organizações jovens surgiam na integração com as organizações de controle, articuladas com valores sociais. No entanto, todas

concordavam que as gangues são algo peculiar à divisão do espaço urbano, onde os valores suscitavam a competição e o sucesso pessoal, sendo esta união, uma forma de agrupar interessados em melhores condições de competição, seja de forma legal, seja de forma ilegal. São Leopoldo, sendo uma zona industrial em expansão, com claro processo de urbanização (200 mil habitantes), não foge desta mesma realidade.

A “teoria da frustração” foi muito usada por movimentos de esquerda para pressionar o governo dos Estados Unidos (especialmente) a implantar programas sociais em locais desfavorecidos. Contraditoriamente, foi justo nesta década (1960), com a “Guerra contra a Pobreza” que se notou um considerável aumento da violência e do tráfico de drogas, afetando majoritariamente homens jovens. O tipo de violência passava de vinganças privadas (predominantes no início do século) para crimes entre desconhecidos, em locais públicos (semelhante à dinâmica das guerras mundiais por território).

Enquanto Marcuse<sup>9</sup> (1969) define a “juventude” como classe social homogênea, Dubet<sup>10</sup> (1987) afirma que ela não possui uma uniformidade de hábitos e valores. Foi nesta mesma época que sociólogos encontraram diferenças marcantes entre os movimentos universitários de classe média e baixa. Os primeiros caracterizados pelo despojamento na indumentária, pelo compromisso com uma cultura boêmia vanguardista, identificados com trabalhadores e com o movimento feminista, enquanto os segundos se valiam de idéias conservadoras fascistas, xenóforas e bairristas (como, por exemplo, *os skinheads*).

Segundo Katz<sup>11</sup> (1988) e Dubet (1987), são a ideologias da “liberdade e do sucesso” como valores primordiais, a segmentação étnica e racial (junto com novas imigrações latinas e asiáticas), as estratégias políticas com relação ao crime organizado e uma política social baseada na vitimização, que seriam responsáveis pela continuidade das gangues nos Estados Unidos.

Louis Chevalier<sup>12</sup> (1978) elabora a “Teoria das Classes Perigosas”, estudando os movimentos do século XIX, em Paris. Os limites e diferenças de classes eram bem definidos, mas estas diferenças desaparecem no próximo século, quando o crime e a violência estariam difundidos em todas as classes sociais, incluindo organizações de controle social como a própria polícia.

Por volta de 1970 é que aparecem as *galères* na França, explicado por Dubet e Lagrange<sup>13</sup> pelo dismantelamento dos bairros e dos movimentos operários, não sendo a pobreza, mas a exclusão da escola, o desemprego, o enfraquecimento dos movimentos sociais e a diluição dos laços sócioafetivos nos bairros as grandes causas deste dismantelamento. Por

5 VELHO, Gilberto. Observador participante. In: WHYTE, W.F., op.cit.

6 MERTON, R. Structure social, anomie and deviance. In: *Elements de théorie et de méthode sociologique*. Paris: 1965.

7 Vendo, mais adiante, a realidade “familiar” dos jovens de São Leopoldo, a “teoria da frustração” parece ser uma interpretação que não deixa de adaptar-se, de alguma forma, à realidade de São Leopoldo.

8 MATZA, D. The positive delinquent. In: *Delinquency and drift*. New York: Wiley, 1964.

9 MARCUSE, H. *Vers la libération*. Paris: Minuit, 1969.

10 DUBET, F. *La galère: jeunes en servie*. Paris: Fayard, 1987.

11 KATZ, J. *The seductions of crime*. New York: Basic, 1988.

12 CHEVALIER, L. *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris: Pluriel, 1978.

13 LAGRANGE, H. *La civilité à l'épreuve: crime et sentiment d'inécurité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

este “vazio de movimentos” as *galères* são chamadas de “rebeldes sem causa”, atuando por raiva, para identificar-se e opor-se, sem organização nem racionalidade de objetivos, como as gangues dos Estados Unidos. Também não havia um compromisso com a delinquência, mas com a revelação de contradições sociopolíticas, por meio de atos “chocantes”, fora do padrão social. Não há um inimigo específico (como os policiais), no caso das gangues estadunidenses, mas a raiva decorrente da privação de consciência de classe. Este seria o início da organização popular autônoma.

Em 1985, especialmente nos EUA, o nível de violência volta a subir em função do advento do consumo alto de crack, da facilidade de se obter armas e da ineficaz “guerra contra as drogas”, sendo este aumento maior entre os negros jovens.

Lagrange afirma que o interesse de gangues em armas e disputas territoriais poderia ter sido incentivado pelas guerras mundiais por território, mas as gangues já existiam antes mesmo disso<sup>14</sup>.

Diferenças marcantes nestes processos são percebidas entre os Estados Unidos e a Europa. No primeiro, “o processo de individuação e de competição no mercado foi mais rápido” além da política do liberalismo capitalista, com permissão e valorização cultural do “homem armado”; “enquanto na Europa o comunitarismo, a solidariedade e a coletividade teriam maior peso nos arranjos sociais”<sup>15</sup>, acrescidos de uma política clara de pacificação dos costumes e desarmamento da população.

Outras formas de apaziguamento social foram surgindo como o esporte e as festas que, embora sejam disputas, têm regras que evitam a violência física. Diferente dos EUA, no Brasil, as organizações rivais e seus conflitos se manifestavam desta forma como, por exemplo, nas escolas de samba. Elias (1993) chamou este movimento de “processo civilizador”. Este mesmo autor e Dunning<sup>16</sup> (1993:233) concluíram que, onde o estado era fraco, os papéis masculinos de posicionamento eram mais fortes, dando mais abertura para práticas violentas como forma de resolver conflitos.

Esta teoria serve de embasamento para a atuação de gangues, quadrilhas e outros grupos como *hooligans* (surgidos nos anos 1970, fanáticos torcedores de seus times de futebol), característica forte de um dos tipos de violência relatada na pesquisa: as “torcidas organizadas”.

Hoje os jovens foram transformados em consumidores de produtos “especialmente fabricados para eles”; a família está-se dissolvendo, e os laços sanguíneos já não mais significam laços afetivos. Assim, também, estão as classes

sociais e os partidos, regredindo o processo de paz social, estourando uma forte onda de violência por todas as partes, inclusive, e principalmente, entre iguais.

Os pais já não mais dão conta de dar limites aos filhos. Parece que há uma reversão da lógica de espelhamento nos pais, passando a ser uma cultura de valorização do jovem como produto padrão a ser consumido. Com base nisso, com os jovens servindo como modelos sociais (e não mais os adultos), este “modelo” é raramente alcançado por eles. Os jovens sentem-se fora de seu lugar original, têm seus gritos silenciados e acabam assumindo a violência.

## B) NA PERSPECTIVA HISTÓRICA

A situação dos jovens constitui uma preocupação central nos diferentes segmentos da sociedade, ou porque constituem, potencialmente, um grupo de pressão social, ou porque representam uma massa consumidora de notáveis projeções<sup>17</sup>. Seja como for, os jovens são objeto de preocupação para as autoridades políticas, sociais, pedagógicas, religiosas e econômicas. Para seu desenvolvimento, integral e harmônico, a sociedade atual necessita da participação dos jovens que se fazem visíveis na sociedade por meio de diferentes manifestações, tanto pela rejeição à política com a qual se defrontam, como pelo protagonismo que exibem, de diferentes formas, também em atos de violência e no consumo de álcool e drogas.

O grande desafio dos jovens é relacionar-se com uma sociedade e um modelo econômico que os induz, ao mesmo tempo, a consumir e a participar das modernizações e êxitos econômicos e os rechaça, ignora e/ou os castiga por sua condição juvenil. No processo de construção de si mesmos, os jovens se vêem obrigados a tentar a integração ao sistema que os envolve. Longe de serem críticos do contexto que os envolve, muitas vezes têm optado por caminhos legítimos de incorporação, principalmente pela educação e pelo trabalho, deixando de ser “questionadores”. No processo de busca da almejada “integração” surgem, sem dúvida, dificuldades que fazem referência à exclusão do mundo juvenil. Esta exclusão não se refere somente aos jovens pobres; a relação entre os jovens e a exclusão é significativamente mais complexa.

A juventude é um fenômeno que surge especialmente a partir do aparecimento da Escola, como instituição especializada na educação. A discussão da categoria “juventude” pelas Ciências Sociais, contudo, é muito posterior. Não se dá o mesmo com o conceito “adolescência”, que Jung conseguiu tornar de uso reconhecido e popular. Apesar disso, o direito de ser “adolescente”, de fato, durante muitos séculos, foi,

<sup>14</sup> Basta recordar os “goliardos”, dos séculos XIII e XIV e os “pícaros” do século XVI. Veja DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes*, op. cit., p.117 e 139ss.

<sup>15</sup> LAGRANGE, H. op. cit., p. 191.

<sup>16</sup> DUNNING, E. *Quest for excitement, sport and leisure in the civilizing process*. Oxford: Blackwell, 1993.

<sup>17</sup> Valemo-nos da contribuição de Mario Sandoval Manriquez num artigo inédito intitulado “Jovens e exclusão: uma difícil e complexa relação”. Ele é doutor em Sociologia, professor na Universidad Católica Cardenal Raúl Silva Henríquez, em Santiago do Chile.

e continua sendo, um privilégio de uma porcentagem minoritária da população. O período que vai de 1945 a 1957 foi considerado, na Europa, como a “geração pós-guerra”<sup>18</sup>. A juventude viveu, nessa época, uma intensa politização e compromisso, destacando-se os jovens comunistas e os jovens cristãos de esquerda. Na Alemanha, a juventude do pós-guerra se caracterizou por ser cética, despolitizada, materialista, dedicada à vida familiar, movida por valores individualistas. Os sociólogos chamam a atenção para a separação que se produz, por uma parte, entre a instauração de valores hedonistas e lúdicos e a prevalência de uma ética do esforço e do êxito na sociedade norte-americana; por outra, o recrudescimento de fenômenos de delinquência juvenil.

A partir dos anos de 1953 e 1954, os sociólogos norte-americanos começam a construir o modelo de uma “juventude em crise na sociedade moderna”. De fato, nos anos posteriores a 1957, aparece uma série de características similares nos jovens da Alemanha, Itália, Inglaterra, Holanda, França, etc. que mostram aparentar-se com o declínio dos movimentos clássicos da juventude, tendo como objetivos a educação moral e desportiva e que Abboud chama de “crise anti-hierárquica e anti-autoritária”, na base dos movimentos da juventude, relacionados com partidos políticos.

É a época das “revoltas selvagens”, ou dos “rebeldes sem causa”, protagonizadas por milhares de jovens norte-americanos e europeus traduzindo-se em explosões violentas, acompanhadas de atos de vandalismo praticados por grupos como os *Teddy-Boys* (Inglaterra), os *Halbstarcken* (Alemanha), os *Blousons Noirs* (França), os *Hooligans* (Polônia) e os *Astiljagy* (ex-União Soviética). Nos EUA, a partir de 1963-1964, começa a estruturar-se o modelo das comunidades *hippie*, como resposta juvenil à situação norte-americana e, particularmente, como rejeição à participação dos jovens na Guerra do Vietnã. Para o mundo adulto, a juventude passa a constituir um problema que precisa ser entendido e solucionado.

A tendência dominante da época foi atribuir estas condutas consideradas “desviadas”, a falhas no processo de socialização. Na sociologia, é o funcionalismo que impera e impõe seus esquemas explicativos, não querendo conhecer e reconhecer as tremendas tensões de uma sociedade atravessada por conflitos econômicos e as condutas juvenis. Mas a história vai se impondo, e os anos de 1966 a 1968 marcam o início de uma série de movimentos juvenis que começam a questionar a ordem estabelecida<sup>19</sup>, nos quais, os estudantes jogaram um papel protagônico. Basta recordar os incidentes da *London School of Economics* (Inglaterra), as violentas ma-

nifestações na Universidade de Wisconsin e, evidentemente, o famoso “Maio de ‘68”, especialmente na França.

A crise econômica mundial dos anos 1970 trouxe, como conseqüência, o aumento de fortes tensões internacionais em que as principais vítimas foram os jovens. Contudo, as expressões de rebeldia juvenil foram controladas e manipuladas pelos grandes cartolas dos meios de comunicação de massa, criando um conjunto de estilos, modas e de modelos culturais especificamente juvenis. A rebeldia se transformou em consumo, e o mercado veio ocupar o lugar da revolução. Contudo, nas décadas de 1970 e 1980, os jovens começam a experimentar os efeitos de uma terceira revolução industrial, fundada sobre o uso de novas energias (a energia nuclear, por exemplo) e o uso ampliado de tecnologias fundadas na microeletrônica pelas quais os jovens se vêem impelidos a submeter-se a um processo de “segunda alfabetização”.

A partir dos anos de 1980, num contexto de sociedade de massas, de revolução das comunicações e do império das indústrias culturais, parte dos jovens se vê crescentemente marginalizada dos processos de mudança estrutural da sociedade, passando a constituir grupos em transição que não têm muito claro o que querem e nem aonde vão. Outros participam ativamente nos processos acelerados de mudança vivida pela sociedade.

O que mais se pode destacar nos processos de mudança nas sociabilidades são as variações das formas que elas começam a adquirir. Como resultado das novas tensões, frustrações, ansiedades e contradições da juventude contemporânea, começa a esboçar-se uma sociabilidade marcada por uma tipificação nova: a neotribalização<sup>20</sup>. Durante os anos 80 e 90, começa a perceber-se que a neotribalização respondia a um fenômeno complexo, de crescente expressividade. Ela se apresentava como resposta social e simbólica à excessiva racionalidade burocrática, ao isolamento individual urbano e à frieza de uma sociedade profundamente competitiva. Adolescentes e jovens pareciam sentir, nas tribos, a possibilidade de encontrar uma nova via de expressão, uma maneira de distanciar-se da “normalidade” que não os satisfazia e, além disso, a ocasião de intensificar suas vivências pessoais e encontrar um núcleo gratificante de afetividade. Como diria Maffesoli<sup>21</sup>, a sociabilidade em transição que nos sugere este processo de neotribalização anuncia a passagem de uma ordem e princípio comunicacional e simbólico individualista para um relacional e, de forma análoga, a passagem de um princípio político para outro, de caráter estético.

A estética contemporânea encontra uma forma de realização no estilo relacional, numa seqüência de co-presenças: com os diferentes ambientes de interação e seus conseqüentes valores

18 Para ver com mais detalhes este desenvolvimento histórico pode-se ler o verbete “Juventude”, da “Enciclopedia Universalis” (Paris, 1989), escrito por Nicole Abboud.

19 Uma obra que descreve esta situação é *Uma onda mundial de revoltas – Movimentos Estudantis de 1968*, de Luís Antônio Groppo. São Paulo: Edit.UNIMEP, 2005. Numa visão mais ampla, DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes – os jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003.

20 MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

21 MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.



enraizados. A neotribalização sugere, pois, uma reinvenção de elementos arcaicos ou pulsões primárias, no mais estrito critério não-individualista da sociedade. Compreende que a busca de um espaço comunitário redefine o indivíduo que só tem valor em função do grupo ao qual se integra. A transição parece clara: de um princípio individualista a um princípio relacional<sup>22</sup>, de um princípio político para um princípio estético e, por conseguinte, de uma geração apolínea para uma geração dionisíaca.

A análise das “tribos urbanas” de Michel Maffesoli contribuiu muito para uma frutífera revisão da literatura sobre o tema “juventude”. Em *O tempo das tribos* preocupou-se em analisar o comportamento dos jovens urbanos na ótica do nomadismo, do consumo, dos novos formatos associativos e afetivos e a fragmentação social. O eixo central era demonstrar que os microgrupos emergentes de jovens tomavam a forma de comunidades emocionais onde o valor do afetivo e do “estar junto”, a valorização do corpo e os laços de proximidade primários, conduziam não mais a um princípio individualista do social mas a uma produção cultural de grande complexidade. Neste emaranhado de sociabilidades emergentes, Maffesoli chama a atenção para o caráter efêmero destes laços associativos ou neotribais, sua fluidez e flexibilidade, a forte carga local de seu desenvolvimento e o escasso formato organizacional segundo critérios em que o fator político é um componente aglutinador privilegiado. O sociólogo francês realiza uma separação conceitual de grande interesse para compreender as dinâmicas de sociabilidade da juventude: por um lado, uma interação política, projetiva, racionalizada, individualista; por outro, uma identificação estética, emocional, não-direcionada, que se satisfaz em viver o dia-a-dia, no simples prazer de “viver com outros”. Este renovado *carpe diem* tende à indistinção, à aparência, à indiferença para com os “grandes temas” da agenda política, a um “estar junto antropológico”<sup>23</sup> que levanta o estético como fundamento-substituto de um princípio político de sociabilidade.

Praticamente, de forma simultânea, Gilles Lipovetsky<sup>24</sup>, embora não possa ser considerado um autor que analisa os comportamentos juvenis contemporâneos, traz uma série de noções sociológicas que, sem dúvida, se apóiam numa observação concreta das novas modalidades associativas e de comportamento dos jovens. Sem mencioná-los, antecipa modalidades de socialização emergentes sobre a base de uma espécie de narcisismo coletivo: solidariedade grupal, “redes situacionais”, retração dos objetivos universais. Para Lipovetsky, o atual processo de personalização que protagonizamos supõe que a última figura assumida pelo individualismo contemporâneo não reside numa “independência associativa”, mas em ramificações e conexões com interesses miniaturizados, hiperes-

pecializados: grupos de jovens que realizam trabalhos voluntários diversos ou as diferentes comunidades emocionais das quais fala Maffesoli. Isso não significa um processo tendente a conduzir os indivíduos, a reduzir a carga emocional investida no espaço público ou nas esferas transcendentais e a aumentar as prioridades da esfera privada. A valorização do imediato, dos temas cotidianos e das preocupações existenciais de cada dia resulta serem os motores constitutivos dos novos valores emergentes nos grupos de jovens atuais.

Muitas novidades aconteceram na década de 1990 até os nossos dias. Um dos fenômenos mais importantes, no entanto, no campo da juventude, foi o da passagem de uma geração apolínea movida pelo “racional”, pela vontade de “organização”, pela crença na importância de estratégias resultantes de análises de conjuntura, para uma geração dionisíaca movida pelo “corpóreo”, pelo prazer, pela estética e pelo “sentimento”. Como referência para essa transição, a “queda do muro de Berlim”, em 1989, e a entrada do discurso da “pós-modernidade” são muito significativos. Se antes valia o “racional” e a “organização”, a não-importância política da subjetividade e, muito menos, da vivência sexual, isto é, a forma apolínea de agir e pensar, aos poucos foi entrando outra forma de encarar a vida, priorizando o “corpo”, a “festa”, as manifestações “coloridas” e o “prazeroso” da vida, isto é, o dionisíaco, o “pós-moderno”, marcando presença nas atividades e reflexões vitais. Várias publicações importantes surgiram nessa época, procurando ler e compreender a nova “realidade” que se apresentava. Um sintoma desse fato amplo e envolvente é a importância que adquiriu, especialmente para a juventude, a despreocupação com o afetivo e o sexual. Não importava o afeto, mas o prazer.

Dos estudos de Maffesoli e, posteriormente, das análises de Lipovetsky, surgem perguntas interessantes para compreender os novos contornos das práticas culturais e das sociabilidades dos jovens atuais. Magnani<sup>25</sup>, por exemplo, adverte para a necessidade de reavaliar o conceito de tribo desenvolvido amplamente na literatura sobre os jovens durante os anos 1980 e 1990, afirmando que uma de suas mais claras limitações está em possibilitar um mal-entendido entre o sentido que se atribui ao termo “tribo” nos estudos tradicionais de etnologia e seu uso para designar grupos de jovens no cenário da metrópole. Segundo Magnani, nada está mais longe da realidade do que considerar os grupos de jovens como grupos bem definidos e delimitados, com regras e costumes particulares. Por isso, propõe substituir o termo “tribo urbana” por “cultura juvenil”, uma virada interessante no marco teórico que deixa privilegiar perspectivas antropológicas, de corte etnográfico, para dar maior ênfase aos contornos teóricos mais globais, ligados aos denominados “estudos culturais”<sup>26</sup>. A mudança terminológica sugere, também, uma mudança na forma de encarar a questão juvenil, “que transfere a ênfase da marginalidade para

22 Ver o excelente trabalho de GERGEN, Kenneth. *El y o saturado*. Dilemas de identidad en el mundo contemporáneo. Barcelona: Paidós, 1997.

23 MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político*. A tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

24 LIPOVETSKY, Gilles. *La era del vacío*. Ensayo sobre el individualismo contemporáneo. Barcelona: Anagrama, 1994.

25 MAGNANI, José Guilherme. (2005). Os circuitos dos jovens urbanos, In: *Tempo Social*, v. 17, n. 2, São Paulo.

26 Ver MATTELART, Armand & NEVEU, Érik. (2004). *Introdução aos Estudos Culturais*, São Paulo, Parábola.

a identidade, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinquência para o ócio, das imagens para os atores”<sup>27</sup>. O que certamente pode ser constatado é que ao falar de “tribo”, o objeto juventude parece reduzir-se à “forma” da sociabilidade assumida, em que seu caráter particularmente fechado e sólido negligencia a capacidade de movimento que os comportamentos juvenis vieram assumindo. Talvez a noção de “rede” possa ser mais propícia para designar o tipo de sociabilidade empreendida pelos jovens atuais, na medida em que se faz presente o hibridismo e a contaminação de uma multiplicidade de códigos estéticos, valorativos e de consumo generalizado entre a juventude.

A compreensão do que sucede no mundo juvenil tornou-se uma necessidade em todos os setores da sociedade: desde o político e pedagógico até o religioso. Tanto que a Assembléia dos Bispos da Igreja Católica do Brasil – que em toda a sua história nunca se havia manifestado sobre a juventude – escolheu, como tema central da sua assembléia, em maio de 2006, a juventude. Movendo-nos no campo juvenil, localizados numa região do Rio Grande do Sul onde morrem mais adolescentes e jovens, fomos instigados, a partir para uma compreensão mais sistemática do que é, faz e pensa a juventude do município de São Leopoldo, situada na região metropolitana de Porto Alegre, a realizar esta pesquisa.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada de 2003 até o final de 2005. O projeto solidificou-se em outubro de 2002, num encontro da Red Latino Americana de Investigadores em Juventud, quando se decidiu fazer uma pesquisa em conjunto, sobre a mudança dos valores da juventude, especialmente no mundo da periferia, em âmbito latino-americano. Na ocasião, estavam presentes representantes do Brasil, do Paraguai, do Chile e da Nicarágua<sup>28</sup>.

Na UNISINOS, sediada na cidade de São Leopoldo, foi elaborado um projeto sobre a juventude de São Leopoldo, e o ano de 2004 foi dedicado a uma pesquisa qualitativa, resultando numa publicação intitulada *As margens juvenis de São Leopoldo*<sup>29</sup>. Essa publicação foi considerada como um prólogo do que, realmente, se desejava realizar. Pesquisou-se a história da cidade, em seus aspectos sociais, culturais e econômicos; viu-se a evolução da educação no município, passando

por diferentes fases; observou-se a evolução demográfica e a situação dos bairros da cidade; procuraram-se dados sobre a criminalidade no município; estudaram-se e visitaram-se as instituições que trabalham com jovens; pesquisaram-se os locais de encontro da juventude e fizeram-se vários grupos focais de conversa sobre a realidade juvenil de São Leopoldo.

Um outro passo do projeto de pesquisa desenvolvido pela Rede foi a elaboração do questionário a ser aplicado, que foi discutido com a Red Latinoamericana de Investigadores em Juventud. Chegou-se a um acordo de que parte dele seria comum e que outra (a critério dos países) ficaria sob a responsabilidade de cada país<sup>30</sup>. Para São Leopoldo, foi elaborado um questionário de 95 perguntas, das quais 32 são comuns para toda a Rede. A aplicação do questionário se deu de setembro a inícios de dezembro de 2005. Com base nos conhecimentos do município, aplicaram-se 700 questionários em duas grandes realidades:

- a) em 10 colégios, localizados em bairros representativos da realidade leopoldense, aplicando-se o questionário nos próprios colégios;
- b) em oito bairros, aplicando-se os questionários nas famílias e na zona de moradia dos entrevistados, segundo critérios de sexo e idade.

O critério utilizado para a seleção dos jovens a serem pesquisados em diferentes espaços e idades fundamentou-se nos dados da Prefeitura e do IBGE. Foram entrevistados jovens de 14 a 17 anos, jovens de 18 a 21 anos, jovens de 22 a 25 anos e jovens de 26 a 30 anos em 10 colégios selecionados por sua localização geográfica e em oito bairros também escolhidos por sua representatividade social.

## APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Na análise que apresentamos, valemo-nos, portanto, de 700 questionários aplicados aos jovens residentes em São Leopoldo. Os “pesquisadores” foram jovens comprometidos com algum trabalho com jovens e adolescentes, capacitados para esta pesquisa. Estes pesquisadores/as tiveram o acompanhamento constante dos coordenadores e encontravam-se, freqüentemente, para avaliar e planejar seu trabalho, tendo em mãos um “diário de campo”. A resposta ao questionário levava, por pessoa, em média, uma hora<sup>31</sup>.

27 MAGNANI, apud FEIXA, p. 176.

28 Esta Rede continuou a se encontrar, tendo como objetivos colocar em comum seus estudos sobre a juventude e levar em frente uma pesquisa que desse possibilidade de observar o fenômeno juvenil em diferentes realidades latino-americanas, tendo presente, principalmente, a emergência de novos valores na juventude latino-americana, especialmente de periferia.

29 Veja-se DICK, Hilário (coord.). *As margens juvenis de São Leopoldo* – dados para entender o fenômeno juvenil na Região”. São Leopoldo: Cadernos IHU, ano 3, n.º 11, 2005.

30 Na elaboração do questionário valemo-nos, especialmente, de um questionário liderado por Guy Bajoit, do questionário usado por Regina Novaes e MELLO, Cecília na publicação *Jovens do Rio* e nos objetivos que tinha a Rede Latino-Americana de Pesquisadores em Juventude. Em 2005, como realização do Instituto Cidadania e da Editora Fundação Perseu Abramo, publicou-se *Retratos da juventude brasileira* – análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: 2005. É uma das melhores pesquisas realizadas no Brasil, sobre juventude porque conseguiu abranger as diferentes realidades, inclusive o mundo rural.

31 Num só colégio (particular) a aplicação foi feita por um adulto da instituição.

**S**e falamos da juventude de São Leopoldo, falamos de 56.309 pessoas na idade dos 14 aos 30 anos. Dos 700 entrevistados, 47,3% eram do sexo masculino e 52,2%, do sexo feminino. Segundo as idades, 30,9% dos entrevistados têm de 14 a 17 anos; 30,0% de 18 a 21 anos; 19,7% de 22 a 25 anos e 19,0% de 26 a 30 anos. Só se entrevistaram moradores de São Leopoldo.

Dos jovens entrevistados, 56,7% nasceram em São Leopoldo e 43,1% em outro município. Constatou-se que é maior o número de pessoas do sexo masculino, já nascidos nesta cidade, e que são mais numerosos os “nativos” de 14 a 17 anos. São os jovens do “outro lado do Rio dos Sinos”<sup>32</sup> (Região Norte do município), que menos nasceram em São Leopoldo. Ao passo que 64,6% dos jovens do “lado de cá do Rio” nasceram em São Leopoldo, os de Arroio da Manteiga significam 46,3%<sup>33</sup>.

Embora 23,1% não tenham dito o nome do município em que nasceram, vê-se que - dos não-nascidos em São Leopoldo - 65,4% nasceram na região Metropolitana de Porto Alegre, 12,9% na região das Missões, 7,4% em outros Estados do Sul do Brasil, 6,1% na região Hidromineral, 3,0% na região Central, 1,8% nas regiões Serra e dos Vales e 1,2% na região do Pampa<sup>34</sup>.

## FELICIDADE E SITUAÇÃO SOCIAL

85,6% dos jovens leopoldenses consideram-se “felizes” ou “muito felizes” e 10,7% “pouco felizes” ou “infelizes”. “Infelizes” só se declaram 0,4%, destacando-se os jovens do bairro Arroio da Manteiga. Apesar de a resposta significar uma avaliação muito genérica e pouco “subjativa”, as percentagens “adjetivas” apontam para um pano de fundo respingando perguntas sobre a auto-estima dos entrevistados. Há

32 De agora em diante falaremos de “Região Norte” e “Região Sul”. Essa divisão deve-se à passagem do Rio dos Sinos no meio do município. A “Região Norte” envolve os bairros Arroio da Manteiga (o 2º bairro mais populoso do município), Campina, Vila Scharlau, Rio dos Sinos e outros. A “Região Norte” conta com uma população juvenil (14 a 30 anos) num total de 18.303. Fica do lado do Rio dos Sinos para quem vem de Novo Hamburgo; a “Região Sul” envolve os bairros Feitoria (o bairro mais populoso do município), São Miguel, Vila Vicentina, Vila Batista, o Centro, Morro do Espelho, Rio Branco, Vila Duque e outros, contando com uma população juvenil de 31.897 jovens de 14 a 29 anos. Localiza-se do lado do Rio para quem vem de Porto Alegre.

33 Referimo-nos à questão 3 do questionário aplicado.

34 Estas “regiões” correspondem à nomenclatura do “Mapa Turístico e Rodoviário” do Rio Grande do Sul, de 2004.

um discurso de tristeza significativo, decrescente conforme a idade. Os mais novos são os mais felizes.

A primeira causa da infelicidade talvez se refira à situação econômica. Se, por um lado, a “classe média” (sem dizer nem “alta” nem “baixa”) é formada por 24,7% e se a classe média “alta” e rica constitui 3,6% da população, o grande conjunto de jovens (67,3%) considera-se “pobre” ou de “classe média baixa”. 74,9% dos jovens dos bairros e 59,7% dos jovens dos colégios afirmam-se dessa forma. São os jovens da Região Norte do município que expressam mais intensamente a pertença à classe pobre (baixa). A diferença dos que dizem isso vai de 29,4% (Norte) a 18,0% (Sul)<sup>35</sup>. Enorme é a diferença dos jovens do Colégio São José, da juventude restante. Se 27,8% dos entrevistados neste Colégio se dizem pertencente à classe média alta e rica, há quatro bairros da Região Norte que declaram a ausência desta classe na sua região.

Quanto aos pais dos entrevistados, 16,6% deles nasceu em São Leopoldo e 83,4% em outro município. Percebe-se, contudo, que a percentagem maior de pais migrantes se localiza no Bairro Arroio da Manteiga<sup>36</sup>. A percentagem das mães nascidas em São Leopoldo é um pouco maior: 17,7%. Além de 20,0% (por parte do pai) e 16,7% (por parte da mãe) dos entrevistados não dizerem o local de nascimento dos pais, 7,0% (por parte dos pais) e 5,7% (por parte da mãe) confessam claramente não saber onde os pais nasceram. Unindo os que não sabem e os que não disseram o local do nascimento dos pais, temos 27,0% (para o caso dos pais) e 22,4% (para o caso das mães). Isso significa que 49,4% ou não sabe onde nasceu o pai ou não sabe onde nasceu a mãe, no caso de não terem nascido em São Leopoldo (o que representa uma percentagem acima de 80,0%).

Dos que informam o local do nascimento dos pais (a não ser São Leopoldo), destacam-se as cidades mais próximas, isto é, a região metropolitana de Porto Alegre (35,4%). Outra região que se destaca é a dos Vales (20,8%). A terceira região de onde provêm os pais dos jovens de São Leopoldo é a região da Serra (9,8%), seguida pela região Central (8,7%), a região do Pampa (8,0%), a região das Missões (7,2%), sendo as últimas a enviar migrantes as regiões do Litoral Norte (5,1%) e do Sul (1,8%).

35 Veja questão 8 do questionário.

36 Questão 4 do questionário.

Conforme um olhar na perspectiva de “gerações”, evidencia-se que estamos investigando, em grande parte, um segmento de leopoldenses de “segunda geração”. Fica claro, também, que 83,4% da geração dos pais dos jovens leopoldenses entrevistados chegaram a São Leopoldo nas décadas de 1960, 1970 e 1980, época do maior crescimento demográfico do município. Vivia-se a explosão daquilo que ficou conhecido, pelo Brasil, de “milagre econômico”. Em São Leopoldo, acrescentava-se o surgimento de outras realidades culturais, como, por exemplo, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Por um levantamento das residências universitárias, feito em 1978, havia naquele ano (num total de cerca de 15 mil alunos) mais de 4.000 universitários migrantes residindo na cidade de São Leopoldo<sup>37</sup>.

Além disso, São Leopoldo é tida, em geral, como uma cidade de origem germânica. Embora os negros também estejam nesta história, especialmente por causa da plantação do linho cânhamo, em Feitoria Velha, hoje o bairro mais populoso da cidade, os dados atuais não oferecem novidades. 73,6% dos jovens entrevistados se afirmam de raça branca, constituindo os negros, pardos ou morenos um total de 31,5%. Embora os negros estejam espalhados de modo semelhante, o bairro Arroio da Manteiga se caracteriza por sua “brancura”. Se a média geral dos negros significa 9,4% dos jovens, no bairro Arroio da Manteiga a percentagem é de 3,7%. Os jovens indígenas significam 2,4% e, os que se definem amarelos, 0,9%. São Leopoldo é, ainda, uma cidade branca<sup>38</sup>.

## FRAGILIDADES

Os primeiros dados revelam duas “fragilidades”. Em primeiro lugar, a falta de uma referência espacial (geográfica). São Leopoldo não é a terra dos pais nem de quase a metade dos jovens entrevistados. Deixam-se de lado as raízes geográficas e culturais da família. Mesmo que os avós estejam envolvidos na migração feita pelos pais, uma percentagem significativa de jovens não tem raízes históricas e culturais, além de São Leopoldo. Não há laços familiares mais amplos.

Em segundo lugar, o jovem leopoldense é muito frágil na raiz familiar, acrescentando-se que 69,9% são solteiros, 9,5% casados (de diversas formas), 17,4% unidos estavelmente ou morando juntos, 2,3% separados e 0,6% viúvos ou viúvas. Na situação de constituição de uma “família”, temos um total de 30,1%. Conforme as idades, 0,2% de adolescentes, isto é, aproximadamente 723 adolescentes de 14 a 17

anos, vivem em estado “marital” na cidade de São Leopoldo. Se em São Leopoldo a percentagem de “casados”, de 14 a 25 anos, é de 21,4%, no Rio de Janeiro, segundo a pesquisa de Regina Novaes Coelho, essa percentagem de jovens de 15 a 24 anos, é de 15,8%<sup>39</sup>. A percentagem mais alta dos jovens em “união estável” situa-se em dois bairros da Região Norte (Arroio da Manteiga e Santos Dumont), conhecidos por sua carência geral.

Encontramo-nos, contudo, diante de uma situação contraditória: ao mesmo tempo que o jovem se agarra à família, o laço familiar é frágil. Não saber ou não dizer a origem geográfica dos pais é dizer que o contato com as avós e os avôs é muito pouco considerado. O que vale é o núcleo diário, próximo, imediato. A família é “muito restrita”. Não significa que a família seja rejeitada, mas que a relação familiar mais ampla não tem vigor. Portanto, quando para o jovem a família está em alta, precisamos descobrir o sentido desse apreço.

## ASPECTOS FAMILIARES

- a) A vivência familiar próxima, imediata, continua em alta nas respostas ao se afirmar, por exemplo, que a “boa relação familiar” é a coisa mais importante na sua vida pessoal<sup>40</sup> ou quando o item “família” é considerado como “importante” e “muito importante” por 92,9% dos entrevistados<sup>41</sup>. Mais importante do que o item “trabalho”.
- b) Quando se verifica que 57,8% reprovam as aventuras extraconjugais por homens ou mulheres casados<sup>42</sup>. Apesar de ser um discurso mais feminino, o jovem deixa dito que, apesar de tudo, o que vale é a fidelidade. A maior reprovação dessas “aventuras” procede de dois colégios confessionais. É o que vem confirmado quando se pergunta pelos aspectos de um casamento feliz. A fidelidade está em 1º lugar.
- c) Quando se verifica que 51,3% reconhecem que são de determinada religião por influência da família<sup>43</sup>, mesmo que descobramos um dado estranho, relacionado com a religiosidade dos pais<sup>44</sup>. “Estranho” porque contradiz o discurso do senso comum. Ao mesmo tempo que - segundo a visão dos filhos - é maior o número de mães sem religião (33,6%), a percentagem dos pais, na mesma matéria é de 14,0%. As mães sem religião situam-se em dois bairros (Santos Dumont e Vila Campina) e

37 Um sintoma que merecia, talvez, uma análise mais detalhada é dar-nos conta que no fim dos anos 1990, São Leopoldo viu ser fechado o único “shopping” da cidade. É verdade que ele foi reaberto, mas seu fechamento não deixa de ser significativo.

38 Veja a questão 6 do questionário.

39 NOVAES, Regina Reyer, MELLO, Cecília Campello do A. *Jovens do Rio* – circuitos crenças e acessos. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, n. 57, ano 21, 2002.

40 Q. 59.

41 Q. 60.

42 Q. 63.

43 Q. 71.

44 Q. 68 e 69.

no Colégio Sinodal. Verifica-se, também, que é maior o número dos pais que (segundo os filhos) são católicos: 30,6% por parte das mães e 57,0% por parte dos pais. Se este é o dado com relação aos pais, o mesmo não vale para os jovens; mais ainda: o feminino juvenil é mais religioso que o masculino juvenil. Enquanto as “mulheres” que se dizem sem religião chegam a 8,9%, o mesmo – para os homens – é de 15,7%; enquanto 58,8% das mulheres se dizem católicas, o mesmo afirmam somente 52,9% dos homens.

Há um outro aspecto particular nesta matéria:

- 1) assim como os jovens do bairro Feitoria resistem em dizer que suas mães “não têm religião”, 6,5%, a região Norte do município afirma-o numa percentagem de 48,0%;
- 2) assim como são os jovens de 14 a 17 anos que mais afirmam a não-religiosidade das mães, são os jovens de 26 a 30 anos que o afirmam menos.

Quando se faz referência à família, considerando o pouco controle dos pais sobre os jovens, na vivência familiar próxima, é interessante salientar:

- 1) A força crescente dos “laços primários” de sociabilidades, o refúgio na proximidade, no imediato, no vínculo afetivo “pequeno” em contrapartida ao pouco “valor” dos laços “secundários” (escola, política, vida coletiva e pública etc.);
- 2) A diferença notável que se verifica com a radicalidade vivencial dos jovens dos anos 1960 e 1970, mais próximos de uma “política de vida”, quebrando valores e estilos de vida “tradicionais” (de seus pais). Atualmente, os jovens parecem dar importância a uma reedição de valores considerados “tradicionais”. As perguntas que podem ser feitas são: Será que a juventude brasileira transita, de fato, entre a “tradição” e a “modernidade”? Será que os jovens atuais são, realmente, “conservadores” ou o seu pragmatismo leva-nos a vê-los assim?





**DIA NACIONAL DA JUVENTUDE - SÃO LEOPOLDO 2005**

**P**erceber a vida cotidiana do jovem na perspectiva de suas relações é importante porque é ali que se podem revelar os valores cultivados por ele. A pessoa humana é o que são as suas relações. Para conseguir dados sobre este cotidiano, formulavam-se perguntas relacionadas com o lazer, os gostos e diferentes atividades (esportivas, sociais e afetivas).

Começava-se perguntando<sup>45</sup> por onde os jovens “passavam o tempo”, destacando quatro “espaços”: os amigos, o trabalho e o estudo, o espaço religioso e os espaços “sociais” (clube, diferentes associações).

## O MUNDO DOS AMIGOS

O “espaço” relacional, cultivado com mais intensidade, semanalmente, é o espaço dos amigos/as. Dizem-no 72,8% dos jovens. Vendo essa realidade segundo os extratos, chama a atenção a baixa percentagem do cultivo dos amigos, tanto na Região Norte (em geral) e, de modo especial, no Bairro Arroio da Manteiga. Quando a média do encontro semanal com os amigos/as é 72,0%, essa percentagem do Arroio da Manteiga é de 48,1%. Encontram-se mais os que têm de 14 a 17 anos. Verifica-se que 7,1% fazem isso “nunca” ou só algumas vezes ao ano.

Essa resposta combina com uma outra questão<sup>46</sup> onde os amigos (entre oito possibilidades) estão em 4º lugar (depois do trabalho, da família e da religião) nas “coisas que têm importância na sua vida”. Perguntando-se pelo grau de importância que teriam certos aspectos<sup>47</sup> (citaram-se também oito) para melhorar de vida, os parentes e os amigos influentes ficam em último lugar (34,7%).

São afirmações que podem ser lidas em duas perspectivas: por um lado, os amigos/as não são “importantes”, isto é, influem pouco na luta pela vida. Situam-se no campo da gratuidade, num espaço onde não valem os objetivos e as eficácias. A amizade não existe para ser “aproveitada”, embora necessitemos dela. Por outro, verifica-se que a queda dos encontros com os amigos, segundo as idades, é vertiginosa. É um mundo necessário, mas influi pouco, por exemplo, na luta pela sobrevivência. A amizade situa-se no eixo integrador

45 Q. 10.

46 Q. 60.

47 Q.45.

do jovem, na dimensão pessoal, particular, tendo pouco a ver com a dimensão social como tal.

## O ESPAÇO DO ESTUDO E DO TRABALHO

Em segundo lugar, vem o “espaço” do estudo e do trabalho. 29,0% dos jovens (muito menos que os encontros com os amigos) encontram-se semanalmente com estes “colegas”, mas 32,9% não o fazem “nunca” ou algumas vezes ao ano. São estes dois espaços, contudo, considerados os mais importantes<sup>48</sup> e as “coisas” mais decisivas para melhorar de vida. Subir na vida toma a feição de uma questão individual, não de “integração coletiva”. Com os amigos, mesmo que seja no trabalho e no estudo, não se costuma falar do “coletivo”. São relações que não visam à integração na “vida social”. Constituem uma formalidade. É um relacionamento que, igualmente, “não visa nada”, não ocasionando encontros de “cidadãos” que falam nos mesmos objetivos e se unem a eles. Apesar de o trabalho e o estudo serem (ou poderem ser) considerados como eixos de integração não só dos jovens, mas da sociedade em geral, não é isso que acontece nas relações juvenis de São Leopoldo.

## AS IGREJAS

O terceiro espaço é o espaço das “igrejas”. Assim como 11,9% passam o tempo neste espaço semanalmente, 64,1% o fazem nunca ou alguma vez ao ano<sup>49</sup>. A religião ocupa, contudo, o terceiro lugar (após o trabalho e a família) entre as coisas mais importantes da vida. Se a “religião” é importante, ela o é não como vivência nem “motivação de sentido”, mas como algo que “se conquista” ou “se cultiva” no mundo da individualidade. O espaço religioso toma a forma de pura “racionalidade”, formal, tratado como mochila secundária, inaproveitada<sup>50</sup>. A motivação da vida não é preciso ser descoberta. Mais amplo do que o “religioso”, está em questão

48 Q. 45.

49 Q.60.

50 A pesquisa sobre a juventude brasileira da Fundação Perseu Abramo traz como valor mais importante para a grande maioria dos jovens, em uma lista de 18 opções, o “temor a Deus”. Mesmo que teologicamente o “temor a Deus” não tenha o sentido de “medo”, o dado mostra que “Deus” entra no campo do “respeito”, de algo que “causa medo”. A “formalidade” que comentamos da juventude leopoldense se insere nesse contexto de compreensão e vivência.

o “cultural”, a tomada de decisões e de buscas feitas em comum. Pode-se dizer que este espaço também não constitui um eixo integrador para a juventude leopoldense.

## CLUBES E ASSOCIAÇÕES

O quarto espaço é o dos clubes e associações. Se 11,6% passam aí o tempo semanalmente, 54,9% o fazem nunca ou alguma vez ao ano. Isso se relaciona com a reclamação da ausência de áreas de lazer<sup>51</sup> de 31,6% dos entrevistados ou estes “clubes” não são para eles - maioria pobre? O “clube” não é considerado um direito da coletividade; freqüentam-no “os que podem”. Não é, igualmente fator de integração “social”, coletiva. Em São Leopoldo, quem mais freqüenta esse espaço são jovens de três colégios: Olindo Flores (Região Norte), Polisinós e São José (Região Sul). A prática menor dessa atividade fica com a Região Norte, mais pobre. Nessas coerências e incoerências das respostas, a questão dos valores desperta questionamentos. Os “clubes” etc. - pelo que parece - nada tem a ver com amigos/as e esporte. A diversão e o lazer é um direito privado, não suscitando atitudes “sociais”. Tem a ver com a situação econômica, mas também com a postura política.

## LAZER E INFORMAÇÃO

Relacionado com o tempo livre estão os meios que os jovens usam<sup>52</sup>, de preferência em casa, para seu lazer e informação. Quem manda, no caso do lazer, é o rádio (64,6%), a TV (53,7%) e, em terceiro lugar, a internet (22,7%). Como meios de conseguirem informação, quem manda é a TV (73,6%), o jornal (47,9%) e, em terceiro lugar, o rádio (35,1%). Próximo a isso estão os estilos de música preferidos<sup>53</sup>. Ficam evidentes, sem preferências muito destacadas, o hip-hop (44,4%), o pop (41,0%) e o rock (39,0%). O hip-hop é preferência destacada dos que vão de 14 a 17 anos e com a juventude dos bairros da Região Sul. Tem expressão significativa, igualmente, a música eletrônica (34,3%) e o funk. Os tipos de música menos preferidos pelo jovem leopoldense são, em ordem percentual, o samba, a música sertaneja, mais apreciados pelos jovens adultos de 26 a 30 anos, e o pagode. A música gauchesca está no meio do campo, ao mesmo tempo sem muita adesão e sem muita rejeição. Os gostos estão diluídos segundo as preferências e as idades.

## ESPORTES

Evidente que uma outra atividade juvenil é - ou deveria ser - o esporte<sup>54</sup>. Contudo, mesmo que 66,0% afirmem praticar

alguma atividade esportiva, o fato de 33,4% dizerem que não praticam esporte parece significativo e questionador. A não-prática de esportes chega a 49,3% no campo feminino. Quais seriam os motivos dessa não-prática? a falta de oportunidade? A falta de condições? As muitas ocupações? Davam-se sete alternativas variadas, mas, apesar de aparecerem, também, as caminhadas, as artes marciais e a musculação, e apesar de os três esportes mais praticados serem o futebol (30,6%), o vôlei (10,7%) - esporte mais praticado pelas mulheres - e o skate (4,9%), estamos perante um dado que não nos pode deixar indiferentes, pensando em educação e políticas públicas para este segmento social. A luta pela sobrevivência seria tão intensa que o tempo para o lazer não tem espaço?

## DESEJOS

Penetrando no campo dos desejos juvenis, qual a “melhor coisa” e a “pior coisa” em ser jovem?<sup>55</sup>. De fato, duas das piores coisas de ser jovem são “preocupar-se com o futuro” (33,4%) e o desemprego (22,0%). Sonham mais com o futuro os jovens da faixa dos 22 aos 25 anos e a juventude do Arroio da Manteiga. Para os adolescentes de 14 a 17 anos a segunda coisa pior é o controle dos pais. Estamos diante de um refrão insistente ao qual somos tentados a não dar importância. Para o jovem, contudo, o medo de sobrar (no mundo do trabalho) tem um peso enorme. Duas outras coisas muito ruins em ser jovem são o não poder ser auto-suficiente (15,3%), isto é, depender dos outros (realidade tipicamente juvenil, considerando a “fase” que vivem) e uma outra, com o mesmo peso da anterior: a influência das más companhias<sup>56</sup>. Pode-se dizer que “não há confiança” em geral, especialmente por parte dos jovens adultos, no meio em que se vive. A desconfiança do entorno é muito forte e isso, para o jovem, é fatal.

O discurso sobre o que há de melhor em ser jovem<sup>57</sup> é o outro lado da medalha. O melhor, para o jovem, é ter um futuro pela frente (47,4%). Afirma-o quase a metade dos jovens. Em segundo lugar, aparece “poder aproveitar/curtir a vida (28,1%)”. Em terceiro lugar, mais forte que o “não ter responsabilidades”, o “namorar”, o “poder estudar” e, até, o “ser livre” diz-se que o melhor em ser jovem é, simplesmente, “ser jovem como tal”. Inventam-se outras formas de expressar o que julgam, dizendo que “vale o conjunto das alternativas”, que “o melhor é ter saúde”, que o melhor é “poder mudar a ‘merda’ que é o mundo” (sic!), “poder planejar com mais tempo o futuro” etc. O que pesa, no meio das “curtições”, é a

51 Q.13.

52 A “influência das más companhias” – um discurso em geral mais adulto que jovem – ser uma causa reconhecida pelos jovens denota uma situação social não só de desconfiança, mas de medo. Toma conotações de algo que é mais do que pura introjeção. Além de ser um discurso “medroso”, põe a “culpa” no outro, não assumindo a responsabilidade de seus atos.

53 Q.12.

51 Q. 15.

52 Q. 11.

53 Q. 16.

54 Q. 14.



falta de perspectiva, não deixando de ser verdade que o que tem mais peso são as respostas apontadas acima.

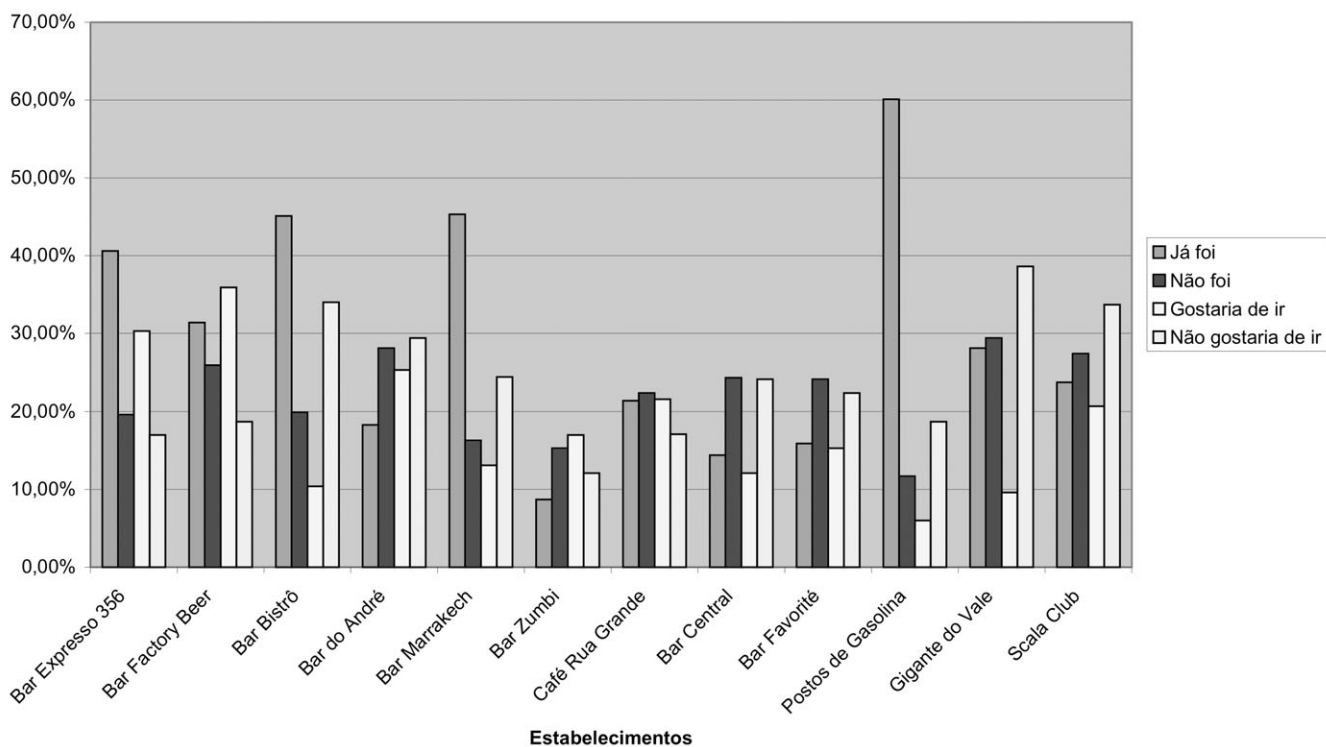
Quando se fala dos “desejos”, Touraine<sup>58</sup>, em seu último trabalho, menciona que, nos jovens atuais, o temor e a insegurança são constantes percebidas por uma sensação crescente de que não existem mais agentes socializadores legítimos (escola, trabalho, assistentes sociais). A incapacidade de integração social “prometida” leva à frustração e a expectativas insatisfeitas, à ausência de confiança nas instituições modernas. Ao contrário, estas se convertem em obstáculos ou instrumentos de exclusão sociocultural, provocando condutas tendentes à depredação dos espaços públicos (grafites, pixações etc.)

## LUGARES DE ENCONTRO

Outro dado se relaciona com os lugares em que o jovem gosta de se encontrar<sup>59</sup> com o todo juvenil. Citavam-se 13 lugares da cidade (centro e arredores), perguntando-se onde já haviam estado (desses lugares), para qual deles gostariam de ir e para qual deles não gostariam de ir. É interessante ver o quadro resultante.

Os lugares de encontro mais apreciados (deixando de lado os postos de gasolina) situam-se no centro da cidade. Outros três, mais na periferia da cidade, não são atração ou são “temidos” por razões não especificadas na pesquisa: distância, “estilo de ser”, frequência segundo as classes sociais, o gosto musical ou outro motivo. Destaca-se, em rejeição, o bailão “Gigante do Vale”, nos limites com Novo Hamburgo. 38,6% dos jovens não gostariam de frequentar esse local. Os que mais rejeitam esse local são os adolescentes de 14 a 17 anos e os do Bairro Arroio da Manteiga. (Os jovens deste bairro, embora rejeitem este local, expressam-no com menos intensidade (27,8%)). Algo semelhante, em proporção menor, sucede com o clube “Scala” (ao lado da rodoviária) e a Sociedade dos Cantores, no Arroio da Manteiga.

Local	Já foi	Não foi	Gostaria de ir	Não gostaria de ir
Bar Expresso 356	40,6%	19,6%	30,3%	17,0%
Bar Factory Beer	31,4%	25,9%	35,9%	18,7%
Bar Bistrô	45,1%	19,9%	10,4%	34,0%
Bar do André	18,3%	28,1%	25,3%	29,4%
Bar Marrakech	45,3%	16,3%	13,1%	24,4%
Bar Zumbi	8,7%	15,3%	17,0%	12,1%
Café Rua Grande	21,4%	22,4%	21,6%	17,1%
Bar Central	14,4%	24,3%	12,1%	24,1%
Bar Favorité	15,9%	24,1%	15,3%	22,4%
Postos de Gasolina	60,1%	11,7%	6,0%	18,7%
Gigante do Vale	28,1%	29,4%	9,6%	38,6%
Scala Club	23,7%	27,4%	20,7%	33,7%



58 TOURAINE, Alain. *Um nuevo paradigma para comprender el mundo de hoy*, Buenos Aires: Paidós, 2006.  
59 Q. 17.



**A** emergência de novos valores na juventude relaciona-se com a exclusão/inserção social. Contudo, analiticamente, é difícil compreender a relação entre os jovens e a exclusão, dado que, por definição, a juventude é ainda uma etapa de dependência, estabelecendo múltiplas relações contraditórias entre os jovens pobres e suas gerações precedentes.

### A EDUCAÇÃO COMO “EIXO” DE INTEGRAÇÃO OU DE EXCLUSÃO DOS JOVENS

Se considerarmos os elementos da educação, do trabalho e da fundação de uma família para definir o que poderia considerar-se uma “juventude normal”, veremos que, no caso dos jovens pobres, essa relação é conflitiva. Genericamente, poderíamos afirmar que “ser jovem” implica estar estudando e depender dos pais (viver com eles); no entanto, entre os jovens da periferia esta situação está muito distante da realidade. Como afirma O. Galland<sup>60</sup>, para compreender a relação entre juventude e exclusão, é necessário definir as fases do ciclo de vida juvenil, de maneira que possamos “conhecer as formas exacerbadas e prolongadas de dependência que são um fator ou um signo de exclusão social”.

É que nas sociedades tradicionais não existia a juventude. Os indivíduos passavam diretamente do status de crianças ao status de adulto, por meio de certos ritos de iniciação. O reconhecimento da juventude como uma etapa diferenciada da vida se dá na época do “século das luzes” relacionado com a educação. Posteriormente, a psicologia contribui com esse processo, realizando estudos científicos da personalidade dos adolescentes. É no período entre as duas guerras mundiais que se constrói a representação moderna da juventude. Em comparação a essa representação, Galland assinala quatro características para definir a juventude pobre: eles não vão à escola; trabalham; continuam vivendo com seus pais; são solteiros. Para este autor, o rito de passagem que marca a diferença entre ser jovem e ser adulto (nos homens) é o serviço militar.

Teoricamente, um jovem, depois de prestar o serviço militar, deveria deixar a casa paterna para tornar-se indepen-

dente, isto é, trabalhar e formar uma família. O mesmo autor reconhece, contudo, que esse processo não se verifica entre os jovens pobres, já que “o fim da escolarização é precoce (13 ou 14 anos) e, durante o período que precede o serviço militar (ao redor dos 17 e 18 anos), o jovem mantém a dependência e o controle de seus pais”<sup>61</sup>. Segundo esse modelo, certo número de jovens são vítimas da exclusão social, produto do dismantelamento dos mecanismos próprios da integração social.

Galland considera que, depois da Segunda Guerra Mundial, o problema muda de natureza com a aparição de diversos fenômenos sintomáticos de uma inadaptação social, gerada pelo desenvolvimento industrial e urbano, afetando os jovens com a aparição da delinqüência. Afirma que “os fracassos da modernização e a dissolução dos laços sociais constituem as novas fraturas da sociedade, inexistentes nas sociedades rurais tradicionais”<sup>62</sup>.

A crise da adolescência, teorizada pela psicologia na década de 1950, combina com a debilitação dos ritos de passagem. A “ruptura da socialização” deve ser suprida pela educação e pelo desenvolvimento de políticas sociais que tendam a integrar os jovens. Exemplos disso foram as “casas de cultura e de juventude”, isto é, iniciativas destinadas à animação juvenil, à ajuda psicológica e ao desenvolvimento de relações estruturantes que permitiriam aos jovens integrarem-se no mundo. A partir da década de 1970, este modelo começa a perder força à raiz dos efeitos derivados do desemprego e da pobreza, passando a criar-se a imagem dos jovens como vítimas da sociedade, vivendo uma crise de socialização e desenvolvendo condutas desviadas. Dessa maneira, toma força o conceito de “moratória”, para referir-se ao prolongamento forçado da juventude, na espera de adquirir um status de adulto. Assim, o conceito de exclusão social resulta do retardamento da independência pessoal, relacionado com o modelo normativo que regula a entrada no mundo adulto.

Galland considera que este diagnóstico deve ser matizado já que, nas sociedades desenvolvidas, se criou todo um sistema público e parapúblico (ONG’s) de socialização pós-escolar que contribui para manter os jovens em compasso de espera e obriga-os a viver na ante-sala da adultez. Portanto, a inclinação dos jovens é inserir-se no mercado de trabalho por

60 GALLAND, Olivier. *Leus jeunes et l'exclusion em L'exclusion l'etat des savoirs*. Paris: Éditions la Découverte, 1996, p. 184.

61 O Galland, op. cit, p. 184.

62 O Galland, op. cit, p. 185.

meio de “polaridades”, desenvolvendo estratégias individuais de inserção social.

Outro elemento que tende a moderar o diagnóstico da exclusão social com relação aos jovens, é a precarização do emprego, o que o obriga ao exercício da solidariedade familiar. Dessa maneira, a família joga um papel de integração, mantendo seus filhos no interior do seio familiar.

## OLHANDO SÃO LEOPOLDO

São Leopoldo situa-se na Região do Vale do Rio dos Sinos. Possui 209.601 habitantes dos quais 26,8% são jovens de 14 a 30 anos. São Leopoldo, entre os 18 municípios do Vale, está em 10º lugar na percentagem de população juvenil. Nesta municipalidade, existem 67 estabelecimentos de Ensino Fundamental e 22 estabelecimentos de Ensino Médio. 1,6% dos jovens de 14 a 30 anos são analfabetos. É, também, um município com apenas 653 pessoas morando na região rural. Um município, portanto, essencialmente urbano.

Na perspectiva educacional, segundo os dados do IBGE, 35.756 jovens de 14 a 30 anos de São Leopoldo, num total de 56.309, estão estudando. Não estudam, nesta faixa, 19.933 jovens. Em 2003, havia 12.642 jovens de 14 a 30 anos matriculados no Ensino Fundamental e Médio e este número corresponde a 22,4% da população juvenil. Portanto, haveria cerca de 23.114 jovens estudando na Faculdade. Havia, na mesma época, 5.035 jovens de São Leopoldo estudando na UNISINOS, não considerando os que estariam estudando fora ou na Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, na Região do Vale, está em 8º lugar na percentagem de jovens estudando, superada por municípios como Campo Bom, Canoas, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz e Taquara. A Região do Vale, aqui considerada, significa uma população de 1 milhão e 469.412 habitantes<sup>63</sup>.

Dos jovens que estudam, 68,0% fazem-no porque acham o estudo “importante para o futuro”, mas 26,6% não dizem o motivo por que o fazem. 1,9% diz que estuda por “obrigação” e 2,7% para “verem os colegas”. Perguntados<sup>64</sup> por aquilo que, segundo eles, é importante, 92,6% afirmam que “ter estudo” é muito importante. Mais ainda: perguntados pelas instituições nas quais mais confiavam<sup>65</sup>, os jovens responderam que a instituição na qual mais confiavam era, em primeiro lugar (entre 10), a “instituição escolar”, com

variedades significativas. O bairro que expressa mais confiança na instituição escolar é a Feitoria (43,5%) e o bairro onde os jovens afirmam menos confiança nesta instituição é o no Arroio da Manteiga (29,7%). A confiança dos estudantes dos colégios, na instituição, tem a intensidade de 47,7%.

Além disso, os jovens dizem que a educação não está entre os principais problemas de São Leopoldo<sup>66</sup>. Pelo contrário, entre os oito itens apontados como problemas, a educação está em 8º lugar. Mais do que o “estudo”, valorizam a “educação” e a escola; esta, também, como um espaço de encontro de “amigos/as”.

## DEIXARAM DE ESTUDAR

Embora 15,3% digam que pararam de estudar porque precisaram trabalhar, 65,6% dos que pararam de estudar, não respondem a esta questão. As alternativas, além de precisar trabalhar, eram três: porque estudar não vale a pena (0,9% concorda com isso), porque as escolas onde estudou eram ruins (0,9% afirmam isso) ou porque concluíram os estudos (8,3% dão essa resposta). Isso se coaduna com as respostas que deram, também<sup>67</sup>, afirmando

a) que “ter um diploma” está em 6º lugar (ao lado de 10), quanto à importância na sua vida pessoal;

b) que a baixa escolaridade ou a falta de educação é a 4ª causa da violência<sup>68</sup> (8,1%), causa afirmada com muito menos intensidade do que o tráfico de drogas, a falta de estrutura ou o apoio familiar e longe da pobreza e dos baixos salários. Aliás, a escola é apontada como o último (entre sete) lugar onde o jovem convive com a violência<sup>69</sup>.

## ESCOLARIDADE E INTEGRAÇÃO

Se dermos uma olhada para o mundo da participação dos jovens (ver quadro abaixo)<sup>70</sup>, veremos duas posturas diferenciadas: ao mesmo tempo em que o “movimento estudantil” é o terceiro “espaço” (entre seis) em que os jovens mais participaram é o quarto “espaço” em que gostariam de participar e o terceiro em que não gostariam de participar.

63 Consideramos a Região do Vale dos Sinos formada por 17 municípios, além de São Leopoldo: Ararica, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Igrejinha, Ivoti, Nova Hartz, Novo Hamburgo, Nova Santa Rita, Parobé, Portão, Sapiranga, Sapucaia do Sul, Taquara e Três Coroas.

64 Q.45.

65 Q.55.

66 Q.51.

67 Q.59.

68 Q. 83.

69 Q.82. Não se pode negar que este dado valoriza a escola como espaço importante para o desenvolvimento da tolerância e a construção da cultura da paz.

70 Q. 50.

Movimentos/ Organizações	Participaram	Não participaram	Gostariam de participar	Não gostariam de participar
Movimento Estudantil	16,6%	41,3%	37,4%	33,1%
Movimentos de Igreja	19,6%	38,0%	21,7%	46,0%
Movimento Ecológico	10,1%	43,0%	49,7%	25,7%
Partidos políticos	13,7%	41,1%	10,4%	61,1%
Voluntariado, ONG's	10,0%	42,9%	45,9%	29,4%
Trabalhos Comunitários	22,1%	37,1%	46,9%	20,7%

O quadro tem vários “discursos” importantes a serem considerados:

- 1) Os dois espaços onde os jovens mais participaram (ou participam) são os trabalhos comunitários e os movimentos de Igreja. Ao passo que um desses espaços é o segundo do qual mais gostariam de participar (trabalhos comunitários), o outro é o mais “rejeitado” na vontade de participar (movimentos de Igreja). A experiência não deve ter sido boa. Olhando os dados por extratos, vemos que é no bairro Feitoria e entre os adolescentes de 14 a 17 anos, onde esta participação foi maior.
- 2) Os dois movimentos/organizações em que os jovens menos participaram (participam) são os movimentos que eles mais gostariam de participar. Estão em jogo o Movimento Ecológico (o de menos participação) e o voluntariado em ONG's (que está em 3º lugar no desejo de participação). A experiência não existe em grau significativo.
- 3) O espaço onde há menos vontade de participação é o dos partidos políticos. Chamamos a atenção para a “rejeição” (61,1%), não podemos deixar de lado que é o espaço em que os jovens tiveram menos experi-

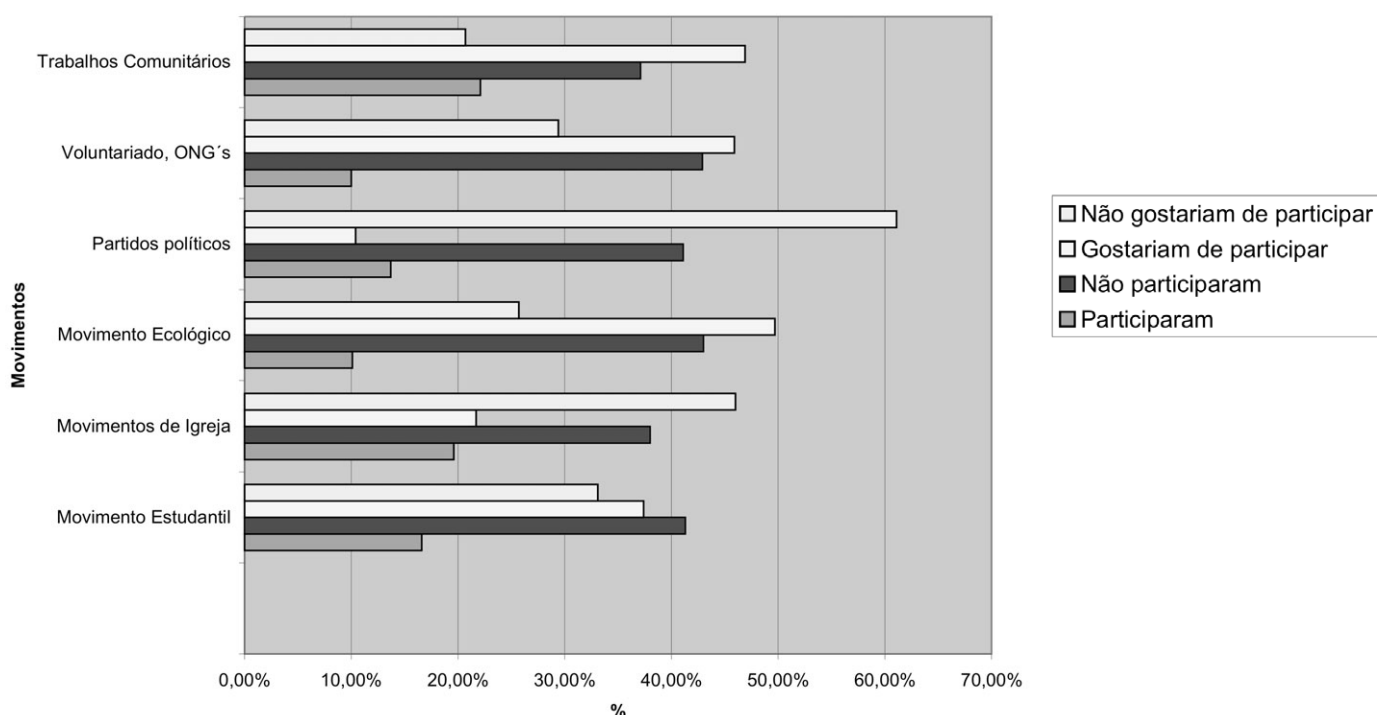
ência (41,1%) e, contudo, é o 4º lugar nos espaços de participação desejada.

- 4) Um dado que mereceria maiores detalhes refere-se ao movimento estudantil. Se é o 3º lugar em não-participação, também é o 4º em vontade de participar. Assim como é no Arroio da Manteiga que a participação no movimento estudantil foi e é menor, é novamente no extrato dos adolescentes de 14 a 17 anos que ela é maior. Como tendência geral, percebe-se:

- a) que estão em alta, em termos de adesão, os movimentos com tonalidade mais “cultural”, em que os conflitos são mais voláteis;
- b) que estão em baixa as organizações/movimentos de carga claramente política (partidos e movimento estudantil) e religiosa.

A “escolaridade” é, ao mesmo tempo, um espaço de integração desejado e um espaço de integração rejeitado. As motivações podem ser as mais variadas, tanto do desejo como da rejeição. O importante é o jovem dar-se conta de que a integração ou a exclusão é algo a ser conquistado e, ao mesmo tempo, algo para o qual deve ser “educado” porque o “empoderamento” não é questão meramente juvenil. Está em jogo uma atitude pedagógica tanto do jovem consigo mesmo como uma atitude dos “educadores” (em nosso caso). A participação, ou não, no movimento estudantil não é questão de “gosto” mas de construção da personalidade do jovem.

## ESCOLARIDADE E INTEGRAÇÃO





Falar em “família e juventude” é pisar em terreno sagrado tanto para adultos como para jovens e, ao mesmo tempo, contraditório e inseguro. Assim como os jovens “adoram” a família, a questionam. Um querer sincero e, ao mesmo tempo, cheio de reservas. O terreno é lindo, mas pedregoso. Jovens e adultos caminham na noite, ofuscados pela luz que, há pouco, os acompanhava. As trilhas não são fáceis de serem percebidas, mesmo considerando que a família possa ser um eixo integrador do jovem na sociedade.

## DADOS GERAIS

Primeiramente, uns dados gerais quanto à convivência familiar e ao desejo de ser pai ou mãe por parte da juventude de São Leopoldo:

1. 70,9% dos jovens de São Leopoldo moram com os pais ou parentes<sup>71</sup>. O morar com os pais pode significar, também, ou somente com o pai ou somente com a mãe. Ao mesmo tempo em que 1,0% dos “casados” mora com os pais, 36,6% desses pais são separados. Aparece um fenômeno significativo com relação ao bairro Feitoria: assim como é o bairro que tem a maior percentagem de pais separados, é a juventude dali que afirma com mais intensidade a fidelidade no casamento (95,6%). Os jovens do bairro Arroio da Manteiga expressam menos decisão quanto à fidelidade.
2. 47,3% das famílias dos jovens são formadas por até três pessoas<sup>72</sup>. Todos eles têm um ou dois irmãos/ãs. Um pouco menos numerosas (44,7%) são as famílias onde residem quatro a seis pessoas, (provavelmente com dois ou três irmãos). 5,9% dos jovens convivem, familiarmente com mais de sete pessoas. As famílias de quatro a seis pessoas são, principalmente, as famílias dos adolescentes de 14 a 17 anos.
3. 21,5% dos jovens de São Leopoldo têm filhos<sup>73</sup>. Em grande parte (64,0% deles), um só filho/a, mas 23,3% dos casados têm dois. Grande parte (69,4% dos que têm filhos) diz que os filhos não foram programados, mas 30,5% asseguram que “sim”. Ao passo que 8,4%

dos jovens de São Leopoldo não querem ter filhos<sup>74</sup>, 33,0% não sabem se desejam ou não. O fato é que 66,9% dos jovens leopoldenses querem ter filhos, sem muita diferença entre homens e mulheres.

4. Falando de aspectos necessários para o êxito do casamento<sup>75</sup>, assim como insistem na fidelidade (3º aspecto mais acentuado entre 15) o “ter filhos” fica em 12º lugar. Quem afirma mais intensamente que “ter filho” é “muito importante” são jovens de dois colégios (um público e um confessional). Os filhos são desejados em percentagem significativa, mas desconfia-se que colaborem pouco para o êxito da instituição.

## SAIR DE CASA?

Um segundo conjunto de informações retrata opiniões e posturas dos jovens com relação ao seu relacionamento familiar:

1. Com relação à vontade de o/a jovem sair de casa<sup>76</sup>. Esta vontade é grande, é pequena? Medindo a intensidade das respostas, verificam-se duas possibilidades:
  - a) olhando as respostas mais “decididas” pelo “sim” ou pelo “não”, olhando o conjunto dos que afirmam a saída com mais intensidade, percebe-se que 27,8% dos jovens têm pouca vontade de sair de casa e que 27,4% têm bastante vontade de fazê-lo. Os que têm mais vontade de sair são os que têm 18 a 21 anos e 26 a 30 anos. Comparando vários extratos, a juventude da Região Sul é a que expressa menos vontade de sair de casa (19,8%). Os estudantes, em geral, afirmam-no com a percentagem de 30,8%.
  - b) olhando, contudo, o total das respostas pelo “sim” mais decidido e pelo “não” mais decidido, o resultado é outro: 32,8% têm pouca vontade de sair e 39,8% bastante ou muita. A satisfação em sair ou a satisfação em ficar não se igualam, ganhando a vontade de sair.

71 Q.23 e 24.

72 Q.25.

73 Q.26 e 27.

74 Q.28.

75 Q.95.

76 Q.29.

2. Quais, segundo os jovens, no seu todo, seriam as motivações para eles não quererem ficar na casa dos pais?<sup>77</sup> Entre seis alternativas chamam a atenção três, não deixando de anotar que 15,3% afirmam, novamente, o desejo de ficar. É ilustrativo o quadro resultante.

Motivação	14-17 anos	18-21 anos	22-25 anos	26-30 anos
A falta de liberdade	23,6%	9,0%	8,7%	9,0%
A busca de autonomia	22,7%	23,3%	31,2%	33,1%
Os conflitos em casa	14,4%	17,1%	13,0%	13,5%
O estudo/trabalho	6,5%	7,1%	7,2%	5,3%
A vontade de morar com amigos/as e companheiros /as	11,1%	14,8%	10,9%	7,5%

Em ordem decrescente, os motivos apontados pelos jovens são:

- a busca de autonomia. Deixar de ser dependente. Dizem-no 26,4%, principalmente a partir dos 18 anos;
- os conflitos em casa. Não se especificava se esses conflitos eram dos pais ou também dos irmãos ou outros habitantes da casa: 14,9%. Os conflitos são mais acentuados num colégio (Polisinos) e em dois bairros (Arroio da Manteiga e Vila Campina);
- a falta de liberdade. Dizem-no 14,9%, no total, mas 23,6% dos adolescentes (14 a 17 anos) apontam para essa motivação.

Não há dúvida de que a observação da vivência familiar nos leva a um capítulo fundamental da vida do jovem e da sociedade: o empoderamento juvenil ou o “protagonismo juvenil” encarado como uma questão pedagógica por parte dos jovens e dos adultos. Quem diz isso são os próprios jovens quando afirmam que a principal motivação de sair de casa é a busca de autonomia. Nem os adultos, muitas vezes, nem os jovens têm consciência do processo que estão vivendo.

É característico de a juventude descobrir o que é ser “sujeito da própria história” e romper com a dependência paterna ou materna. A busca de liberdade e a existência dos próprios conflitos em casa não deixam de ser, também, a tradução da busca de autonomia. O jovem descobre que para “integrar-se” ou “incluir-se” tem que ser ele mesmo e ninguém que o “represente”. Daí a vontade maior ou menor de “sair de casa”.

## POSTURAS ÉTICAS

Um outro conjunto de afirmativas toma em consideração posturas mais éticas com alguns fenômenos ou atitudes tomadas ou assistidas na vivência “familiar”.

77 Q.30.

1. Uma referia-se ao casamento como instituição<sup>78</sup>. Para os jovens, a instituição “casamento” saiu da moda? Está clara a resposta de 55,6%, dizendo que “não”: o casamento não está ultrapassado. Quem afirma com mais intensidade que o matrimônio não caiu da moda são os estudantes (58,9%) e os jovens de 26 a 30 anos. Para 25,1%, contudo, “sim”: o casamento não está mais na moda. Outra percentagem alta (17,1%) diz que não sabe. A questão não é evidente. Assim como os de 14 a 17 anos dizem que “não sabem”, é o segmento com a afirmação mais forte dizendo que o casamento é uma instituição que já caiu da moda. Na vivência do processo de autonomia, é compreensível que as posições não estejam claras.

2. Faz-se outra questão: se uma mulher deseja ter um filho e continuar solteira, você aprova ou desaprova?<sup>79</sup> Ao passo que 54,6% aprovam a atitude dessa mulher, 28,4% a desaprovam. A reprovação mais intensa vem de três bairros da Região Norte (Santos Dumont, Arroio da Manteiga e Rio dos Sinos). A reprovação menos intensa situa-se no Colégio Sinodal. Não há clareza, mas há uma postura moral. As mulheres aprovam essa postura bem mais que os homens. Olhando a questão na perspectiva do processo de amadurecimento, as vacilações se justificam. Além da mudança de “paradigma familiar”, o tomar postura pessoal exige vida e descobertas.

3. De forma semelhante, os jovens comportam-se com relação às aventuras extraconjugais<sup>80</sup> seja do homem, seja da mulher. Olhando a intensidade da rejeição dessas “aventuras”, vemos que há uma tendência mais “liberal”. No total das respostas, contudo, há uma tendência ascendente para ser mais exigente, isto é, a tendência para a rejeição do fato, destacando-se as mulheres (60,9% x 42,5%). O contrário acontece com relação ao divórcio, verificando-se uma tendência ascendente para a aceitação do fato<sup>81</sup>.

4. Respondendo à questão: se os jovens concordam ou discordam que, para alguém crescer numa “atmosfera feliz”, é necessário que estejam presentes pai e mãe<sup>82</sup>, encontramos uma postura bem mais definida do que na questão das “aventuras

78 Q.32.

79 Q.33.

80 Q. 63.

81 A “constituição perversa da família” (devido à impossibilidade econômica de autonomia) explica, principalmente, duas coisas: 1) a convivência de várias gerações num mesmo lar gera um cenário no qual os “choques geracionais” tendem a minimizar-se, e 2) um maior intercâmbio de informações e valores intergeracionais, possibilitando modelos de socialização que reproduzem a estrutura familiar sem grandes modificações nem reservas críticas.

82 Q.34.



extraconjugais”: enquanto 58,4% concordam com a necessidade de que estejam pai e mãe, 27,2% discordam. Os homens concordam mais do que as mulheres. Tanto a experiência de 36,6% de jovens vivendo com pais separados, como a experiência das vivências familiares “bem constituídas” levam o jovem a nadar nessa insegurança. Ele “sabe” que a vivência familiar, o aconchego, a acolhida é fundamental; não sabe, contudo, se isso é possível fora de uma convivência diária de pai e mãe.

5. E para uma mulher ser feliz, é necessário que tenha filhos?<sup>83</sup> Ao passo que 46,1% dizem que para a felicidade da mulher os filhos não são necessários, 26,7% dizem que “sim”, ela precisa ter filhos. E o que valeria para o homem? Para ele desenvolver-se como pessoa, você concorda que ele deva ter filhos?<sup>84</sup> Ao passo que 34,5% dizem que ele precisa “ser pai”, 41,4% discordam, isto é, pode desenvolver-se como pessoa sem ter filhos. Nas duas afirmações, a opinião dos adolescentes varia significativamente em todas estas respostas.
6. Mas, enfim, o casamento ou uma relação estável é condição para ser feliz?<sup>85</sup> As respostas são, novamente, contrastantes: ao passo que 48,6% acham que “sim”, 25,3% acham que “não”. Uma minoria concorda totalmente em que para ter uma vivência feliz é necessária uma relação estável. Diferenciam-se opiniões que vão de 23,3% a 3,4%.

Entre as cinco posturas, quatro delas ficaram no mundo dos questionamentos. O menos intenso relaciona-se ao casamento como instituição, mas as outras (a mulher ser mãe solteira, a necessidade da presença dos pais, a necessidade de ter filhos e o casamento estável como condição de felicidade) nos levam para a indefinição. O jovem não tem clareza.

## VALORES APONTADOS

Quanto aos valores que os pais dos jovens leopoldenses desejam desenvolver em seus filhos<sup>86</sup>, entre 11 alternativas, destacam-se quatro respostas: 61,1% dos jovens falam do sentido da responsabilidade; 48,1% da tolerância e do respeito com os outros; 56,9% das boas maneiras. Em quarto lugar, vem a dedicação ao trabalho, 34,3%. Se a obediência, como valor inculcado pelos pais aparece em 5º lugar,

83 Q.35.

84 Q.36.

85 Q.36.

86 Q.37.

a fé religiosa está em 8º lugar (entre 11). O valor da independência, como valor afirmado pelos pais, está também em 5º lugar.

O que chama a atenção é a insistência em valores “pessoais”, no mundo do relacionamento. Embora essas atitudes não deixem de ser, igualmente, “sociais”, o que predomina é a preocupação com “atitudes” e não com “atos”. O “certo” situa-se na individualidade e não no despertar para a vivência “coletiva” do “cidadão”.

## PORTANTO...

Não há dúvida de que a família é importante para o jovem leopoldense. Entre as coisas consideradas importantes na vida pessoal do jovem<sup>87</sup>, a segunda citada (entre 10) é “a boa relação familiar”. Ela é citada antes de “aproveitar a vida” e antes de “ter um trabalho que o/a realize”. Resposta semelhante se tem quando os jovens dizem que a família ocupa o 2º lugar nas coisas mais importantes na vida deles<sup>88</sup> (92,9%), seguida pelo trabalho e, praticamente, com a mesma intensidade. É no bairro Feitoria que essa importância é expressa por 95,6% dos jovens. A importância da família fica evidente, também, quando olhamos a influência dela na religião abraçada pelos filhos<sup>89</sup>. A influência da família está em 1º lugar ao lado de cinco outras. Da mesma forma, sucede quando o jovem muda de religião. A família é a segunda força que colabora nesta mudança. Visa-se à “integração” pessoal, mas não a integração no coletivo. O cultivo da formação para a coletividade e para um protagonismo que se reflete na vida coletiva não é importante.

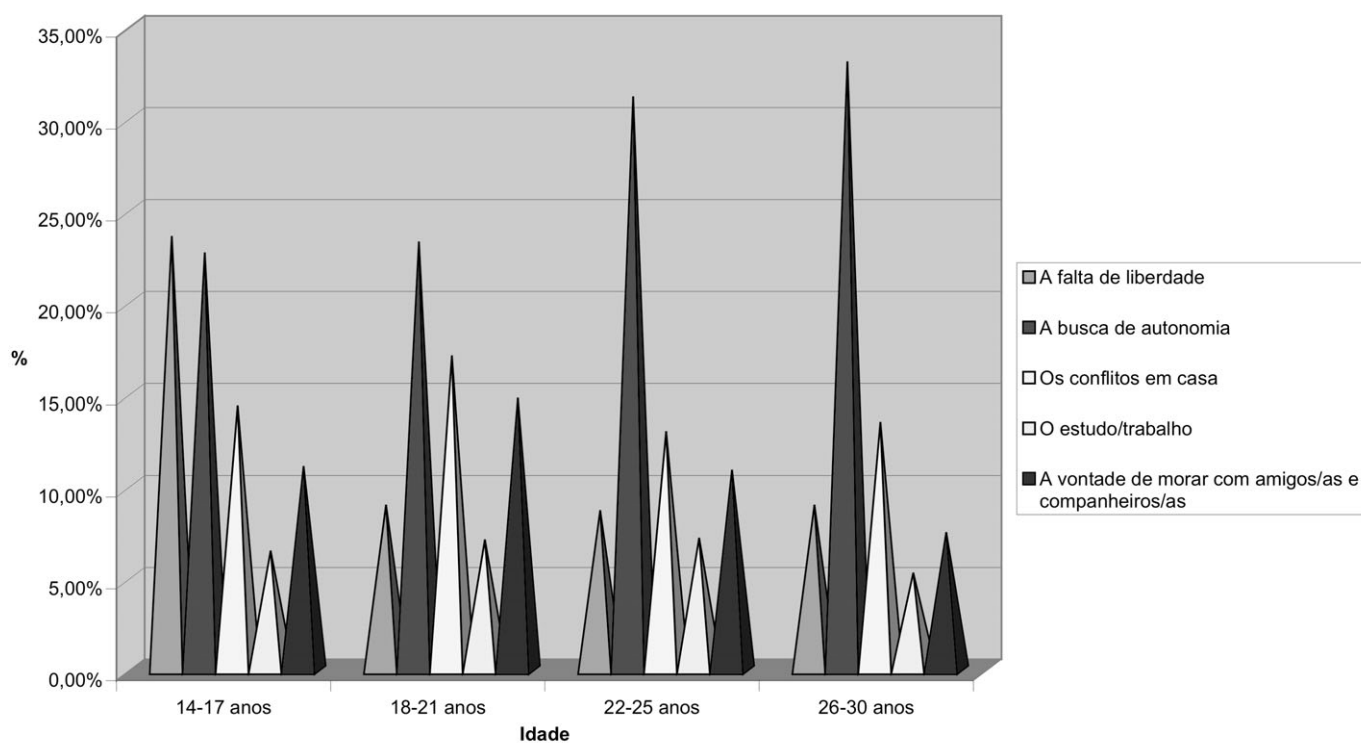


87 Q.59.

88 Q.60.

89 Q.71.

## MOTIVAÇÃO NA JUVENTUDE



“**A**credito em mim, e olhe lá. Hoje eu acredito, amanhã não sei. Acredito no hoje; prefiro acreditar no real, no que eu tenho. Tenho certa insegurança com tudo”. (Diego, 14 anos)

O trabalho é muito mais que instrumento de sobrevivência. Ele é um eixo integrador do jovem na sociedade não só para perceber-se sobrevivendo, mas para contribuir na construção de uma sociedade que sonha ser justa em meio aos conflitos.

Segundo dados do IBGE, 26,4% dos jovens de São Leopoldo trabalhavam em 2003. Entre 18 municípios do Vale<sup>90</sup> há cinco desta Região onde a percentagem dos jovens trabalhadores é menor do que a de São Leopoldo. Nesses 18 municípios, há mais jovens trabalhadores (com relação a São Leopoldo) em Dois Irmãos, Campo Bom, Araricá, Sapiranga e Três Coroas. É nesses municípios, contudo, (com exceção de Campo Bom) onde é maior a percentagem dos jovens que não estão matriculados no Ensino Médio.

Olhando para a geografia brasileira (jovens de 15 a 24 anos) e considerando os que trabalham ou já trabalharam, 35% desses jovens têm uma “relação trabalhista formal” e 63% uma “relação trabalhista informal”. Não se pode esquecer que em 2004, 24,5 jovens (de 100) estavam desempregados no Brasil. São Leopoldo, dentro dos 18 municípios que a rodeiam, ocupa o 13º lugar na oportunidade que dá aos jovens de trabalharem. Para 22,0% dos jovens de São Leopoldo<sup>91</sup>, a pior coisa de ser jovem é o desemprego; para 20,0% dos jovens brasileiros (15 a 24 anos) o pior é a falta de trabalho. Como uma das piores preocupações desse mesmo jovem, o emprego conta com 52% de adesão. Interessa-se por este assunto 37% da juventude, logo depois da educação. Está em jogo um eixo fundamental de integração/exclusão de qualquer pessoa, especialmente do jovem.

jovens de 14 a 30 anos, em São Leopoldo, trabalham. 36,6% (isto é, aproximadamente 11.824 jovens de 14 a 30 anos) não trabalham. Se 31,7% deles têm carteira assinada, 36,6% (isto é, por volta de 20.609 jovens) não a têm<sup>92</sup>. O que torna a situação mais desconfortável é 95,7% afirmarem que a carteira assinada é importante.

A busca de emprego, no mundo juvenil de São Leopoldo, é uma ciranda dramática. Mesmo que 63,1% digam que não procuraram emprego nos últimos 30 dias, 33,0% dizem que “sim”. Isso significa cerca de 20 mil jovens perambulando pela cidade, procurando sobrevivência e ajuda para a família porque estamos falando predominantemente de “pobres” ou de classe média baixa. Dois bairros se destacam nessa busca: o Arroio da Manteiga e a Vila Campina. Um dos segmentos que afirma não ter procurado trabalho nos últimos 30 dias é o Colégio Sinodal.

O trabalho (o emprego) coloca-se no imaginário do jovem leopoldense como a segunda coisa mais importante para melhorar de vida<sup>93</sup>. As “coisas” citadas para melhorar de vida foram oito. Primeiro vem o “ter estudo” (92,6%) e, em segundo lugar, o “trabalhar duro/ser dedicado” (81,3%). Em terceiro lugar os jovens apontam o “falar bem” (77,3%) e, em quarto lugar, o “ser inteligente/talento” (73,7%). “Coisas” consideradas menos importantes para melhorar de vida são a influência de parentes e amigos, o “ter sorte” e o “ter experiência”. Na voz da juventude, muito depende deles. Não aceitam a importância que “a sociedade” dá ao “ter experiência”.

A juventude de São Leopoldo encontra-se numa situação semelhante ao restante da região e do país. Um discurso, no entanto, precisa ser ressaltado: sem negar a importância do trabalho, o jovem leopoldense afirma que, mais importante “para dar-se bem na vida”, é o estudo. Não parece ser esse o discurso da realidade de municípios próximos, mesmo que seja esse, talvez, o discurso da juventude.

## GENERALIDADES

Começaremos com uns dados mais genéricos. Pelos informes, 68,3% dos jovens de São Leopoldo trabalham, de alguma forma. Podemos dizer que, aproximadamente, 38.459

<sup>90</sup> Veja a nota 44.  
<sup>91</sup> Q. 13.

## SIGNIFICADO DO TRABALHO

Que significado tem, contudo, o trabalho para o jovem? O trabalho é considerado importante, mas não pode ter a pri-

<sup>92</sup> Q. 42.  
<sup>93</sup> Q. 45.

meira palavra. Contudo, o que significa o trabalho? Os jovens foram postos diante de seis afirmações, pedindo-lhes que dissessem se concordavam ou discordavam delas<sup>94</sup>.

- 1) “Para alguém se desenvolver plenamente deve ter um trabalho”. A pessoa não se desenvolve, não se realiza sem ter um trabalho. Concordam com essa afirmação 83,0% dos jovens. Poucos são indiferentes ou não sabem ou se igualam aos que discordam da afirmação. Falava-se de “trabalho” e não de “emprego”. É o primeiro grande discurso da juventude leopoldense.
- 2) “É humilhante receber dinheiro sem ter trabalhado para isto”. Receber esmola, seja qual for, não dignifica. As respostas dos jovens se dividem: se 38,3% concordam com a afirmação, 27,8% discordam e 21,6% ficam indiferentes. A dignidade da pessoa não depende só do trabalho; este não é absoluto. A situação precisa ser discernida. Por um lado, exige-se trabalho; por outro, vê-se o caso dos “excepcionais” ou outras situações em que o “trabalhar” não é a lógica que vale.
- 3) “As pessoas que não trabalham perdem o gosto de viver”. A divisão das respostas é mais intensa. Se 35,9% discordam, 36,8 concordam e somente 14,0% põem-se como indiferentes. Mesmo que seja importante, o gosto de viver não depende só do trabalho. O trabalho, mesmo que seja um direito, não é uma necessidade absoluta. A obsessão do trabalho, mesmo um tanto disfarçado, é real.
- 4) “Trabalhar é um dever e um direito dos indivíduos na sociedade”. A postura juvenil é bem definida: 80,6% concordam e 5,7% discordam. Assim como é um dever, é um direito. O trabalho faz parte da felicidade humana, mesmo que não seja uma condição absoluta.
- 5) “As pessoas não deveriam ser obrigadas a trabalhar em algo que não lhes agrada”. O trabalho, apesar de duro, deve carregar consigo o prazer. O trabalho não pode ser um mero castigo: 65,1% concordam e 14,3% discordam.
- 6) “O trabalho deve estar sempre em primeiro lugar embora signifique menos tempo livre”. A questão é discutível; o tempo livre é um direito, mas afirmado com menos intensidade. Os indiferentes e os que não sabem chegam a 12,6% e, por isso, os que concordam somam 49,0% e os que discordam 34,3%. O lazer não é um direito; o que vale é o trabalho.

Notamos que há uma postura indefinida em duas afirmações e dúvidas nas outras quatro. O trabalho é um direito, mas não se sabe se ele é mais importante que o tempo livre.

94 Q. 46.

Não se sabe se o trabalho se relaciona com o sentido da vida e se ele deve ser, de fato, prazeroso. Mais do que ser um eixo integrador da pessoa no mundo, na sociedade e consigo mesmo, o trabalho se veste com o traje ameaçador e pesado da obrigatoriedade.

## COMPETIÇÃO NAS VAGAS

Relacionada ao trabalho, aponta-se a situação do oferecimento de vagas de trabalho, tendo que pronunciar-se para quem, em determinado contexto, as vagas deveriam ser dadas<sup>95</sup>. Distinguiam-se quatro situações: 1) compatriotas ou estrangeiros; 2) homens; 3) jovens; 4) adultos.

- 1) “Se as vagas de trabalho são poucas, os empregadores devem dar preferência às pessoas do próprio país”. 74,3% concordam em que estas vagas sejam dadas preferencialmente às pessoas do próprio país, não aos estrangeiros. Os que discordam representam 12,7% e os indiferentes 3,9%. Embora não se trate de “estrangeiros”, pode-se perguntar o que significa isso para os jovens de São Leopoldo, cujos pais vieram “de fora” numa percentagem de 83,4% e onde somente 56,7% dos entrevistados nasceu. Os estrangeiros, em todo o caso, são postos numa situação delicada, em que se chocam a sobrevivência, o nacionalismo e a competição.
- 2) “Se as vagas de trabalho são poucas, os empregadores devem dar preferência aos homens”. Pode-se dizer que é geral o grito de discordância. Só concordam com essa preferência 5,1% dos jovens. 79,7% discordam claramente. O discurso pode vir tanto por parte da “juventude” como por parte do antimachismo. As mulheres também devem ser consideradas. 88,9% delas discordam.
- 3) “Se as vagas de trabalho são poucas, os empregadores devem dar preferência aos jovens”. A divisão das respostas é clara: se 25,1% concordam, 47,2% discordam e 17,8% ficam indiferentes. Mesmo que sejam jovens os que estão respondendo, e mesmo que tomem uma postura de defesa do segmento a que pertencem, eles afirmam que a solução não é simples. Não tomam uma simples postura de defesa dos jovens. Precisa haver discernimento. O enclausuramento na “classe” não é a solução. Reina a dúvida.
- 4) “Se as vagas de trabalho são poucas, os empregadores devem dar preferência aos adultos”. A resposta é muito semelhante à anterior: 22,6% concordam, 47,2% discordam e 17,8% são indiferentes. Exige-se

95 Q. 47.

que sejam considerados outros valores, além da simples juventude e além da simples adultez. O respeito pelo outro não se fundamenta no fato de ser jovem, homem, adulto.

## E A POBREZA NESTA GEOGRAFIA?

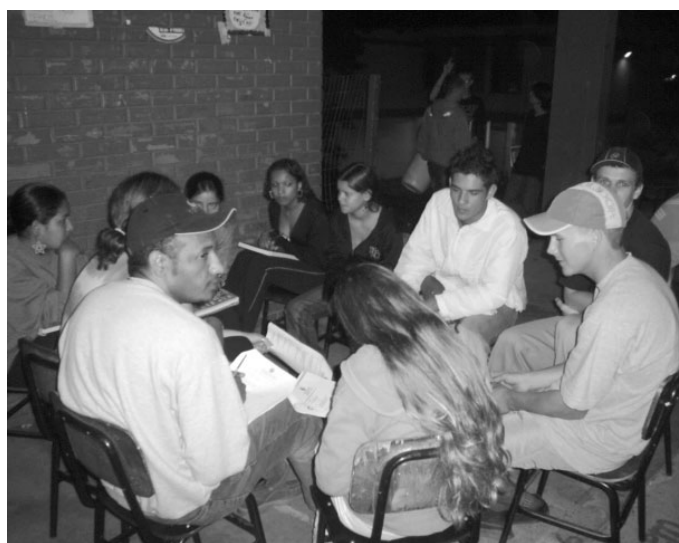
Dentro do contexto de “trabalho” os entrevistados foram levados a pronunciar-se sobre a causa da pobreza<sup>96</sup>. Ofereciam-se quatro possíveis causas: a falta de sorte, a falta de força de vontade, a injustiça da sociedade e a pobreza como algo inevitável na evolução do mundo moderno. Entre as quatro causas, duas se destacam: 39,6% das respostas dizem que a causa é a injustiça da sociedade e 25,6% a falta da força de vontade das pessoas. A consciência da causa nascida da injustiça social é mais forte na Região Sul; mais fraca é a postura dos jovens do bairro Feitoria. A falta de vontade é afirmada com mais intensidade num bairro pobre (Arroio da Manteiga) e com menos intensidade no colégio que se apresenta com mais jovens ricos. Se é, de alguma forma, insignificante a percentagem que se refere à “falta de sorte” (3,3%), “a pobreza como inevitável na evolução do mundo moderno” atinge uma percentagem significativa: 19,1%. Mesmo que a causa “estrutural” não fique claramente expressa na modalidade da expressão das causas e mesmo que a causa “estrutural” seja a resposta mais expressiva, ela é fraca. Concebe-se que a causa da situação de pobreza está nas pessoas e não na estrutura social.

## O TRABALHO EM OUTROS CONTEXTOS

Estas posturas analíticas e valorativas tomam uma conotação especial se considerarmos outras questões formuladas, em que a situação conflitiva do trabalho não era tão evidente. Descobrimos, por isso:

1. Que 67,3% se classificam pertencentes à classe pobre e à classe média baixa<sup>97</sup>. São os pobres que dão a tônica das posturas acima, demonstrando ausência de “consciência de classe” e de juventude oprimida. A pertença à classe pobre é mais afirmada na Região Norte, mas, especialmente, no bairro Arroio da Manteiga.
2. Que uma das qualidades que os pais inculcam nos filhos é a dedicação ao trabalho<sup>98</sup>, no parecer dos jovens, e com a concordância deles.

3. Que o desemprego é considerado pelos jovens como o 2º problema principal de São Leopoldo, após a violência e seguida pela má administração pública e a desigualdade social<sup>99</sup>.
4. Que, apesar de colocarem em 5º lugar (41,0%) a ocupação de terras (São Leopoldo é totalmente urbana) e, apesar de aprovarem em 1º lugar (85,7%) as manifestações de rua pela paz ou contra a violência, 72,3% concordam com as greves dos trabalhadores por melhores condições<sup>100</sup>. Percebem que está em jogo a dignidade do trabalhador. A concordância com a ocupação de terras é destacada pelos jovens da Região Norte e pelos jovens do Colégio São José, de classe média alta e rica.
5. Que, entre as “coisas” que o jovem de São Leopoldo considera importantes na sua vida “ter um trabalho que o/a realize” está 3º lugar (entre 10), sem muita diferença com “boa relação familiar” e “aproveitar a vida”<sup>101</sup>.
6. Que a preocupação com os desempregados, embora seja bem maior do que os cuidados com o migrante, e seja menor que o cuidado com o idoso e as pessoas enfermas<sup>102</sup>, ela é significativa. A “classe” que merece menos atenção é o migrante (apesar da alta percentagem de migrantes) e quem conta com mais atenção são os idosos. Quem é mais indiferente é também o migrante. Num universo de desempregados, o desempregado não é a preocupação. O trabalho não consegue ser eixo integrador porque não é um problema que se tornou “social”. Acredita-se mais no esforço individual.



96 Q.48.  
97 Q.8.  
98 Q.37.

99 Q.51.  
100 Q.54.  
101 Q.59.  
102 Q.64.



Descobrir elementos da cultura política da juventude leopoldense com base nos dedos que temos em mãos, é uma tarefa sedutora. Precisamos ter presente que, na ocasião da aplicação da pesquisa, a cidade vivia os primeiros tempos de uma nova caminhada administrativa. Depois de muitos anos, após a evidência de corrupções na administração anterior no comando da Prefeitura, um partido de esquerda ganha as eleições. A pesquisa se realizou, igualmente, com a revelação de uma onda de corrupções em todo o solo brasileiro<sup>103</sup>. Tudo isso e muito mais está, de alguma forma, subjacente às respostas que a juventude leopoldense deu.

Quando se fala da “cultura política”, da desconfiança nas instituições, da própria democracia como instrumento político e modelo de vida pública, dos políticos, parece que estamos ante uma cultura juvenil indiferente e desencantada com o estritamente político<sup>104</sup>. Fizeram-se, igualmente, presentes, na mesma época, várias leituras de “Retratos da Juventude Brasileira”<sup>105</sup>, dando mais solidez para uma análise da situação juvenil no Brasil. A política, especialmente a partidária, é uma questão efervescente, merecendo várias leituras.

## CIDADANIA

Iniciamos com dois dados relacionados à consciência de “cidadania” do jovem leopoldense<sup>106</sup>. O primeiro refere-se à brasilidade. 79,0% deles dizem que têm orgulho e muito orgulho de serem brasileiros. Se 8,9% se afirmam indiferentes, 5,1% têm vergonha ou muita vergonha. Está em jogo a autoestima de um povo e a consciência de pátria.

Outro dado refere-se ao ato de “votar”, como cidadão<sup>107</sup>. A questão afirmava que “no Brasil o voto é obrigatório, por

103 Viviam-se, na época de aplicação do questionário, um tempo de delações de corrupção protagonizada por homens públicos, no campo da política. Os meios de comunicação não insistiam na corrupção, em geral, mas na corrupção dos políticos, deixando de lado corrupções de teor econômico e moral. A corrupção é encarada somente como algo “externo”, de alguns, com certa orientação partidária, não fazendo parte de uma possível “cultura” histórica e introjetada nas pessoas. Era evidente uma busca de desmoralização, por vezes apressada, de tendências partidárias.

104 GADEA, Carlos A. La teatralidad de la indiferencia contemporánea, *Revista La Colmena*, Universidad Autónoma del Estado de México, n.º 35-36, Toluca, México, 2002.

105 Destacamos a publicação da pesquisa do Instituto da Cidadania realizada com a ajuda de várias agências especializadas, merecendo vários estudos significativos. Ressaltamos, aqui, o artigo Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática, de Paulo J. KRISCHKE In *Retratos da Juventude Brasileira* - análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Edit. Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 323-50.

106 Q.58.

107 Q.49.

lei”. (...) “Se o voto não fosse obrigatório, você votaria?” 58,4% responderam que “sim”, isto é, continuariam votando; 28,4% disseram que “não” e 11,1% “não sabem”. Há vontade de “participar” e opinar, embora haja muitas outras formas de fazê-lo. Na questão do voto, as mulheres, os adolescentes (14 a 17 anos) e os estudantes em geral são mais do “sim” que os homens; os jovens de 26 a 30 anos são os que afirmam este “sim” com menos intensidade.

## PROBLEMAS

Tratando dos principais problemas de São Leopoldo<sup>108</sup>, citavam-se oito possibilidades, deixando espaço para que dissessem outro. Observando o resultado, sob a ótica dos “menores” e “maiores”, o resultado é o seguinte:

Problemas maiores	Problemas menores
Violência: 49,7%	Educação: 6,4%
Desemprego: 32,1%	Fome/Miséria: 11,9%
Má administração pública: 29,4%	Saúde: 12,3%

Se o quadro não oferece novidades, há dois aspectos que merecem ser contemplados:

- o extrato que afirma mais fortemente a violência como “problema principal” é o dos estudantes e dos adolescentes de 14 a 17 anos;
- o fato de as drogas e a desigualdade social ficarem no “meio do campo”. Seria isso mesmo ou seria medo e vergonha de expressar-se, considerando que os dois itens são evidentes, mesmo que não sejam “principais”? O discurso poderia ser o do “não vale a pena insistir” e o discurso do “não tem solução”.

Visando a perceber a forma de como os jovens procuram estar informados sobre a realidade social e política, cultivando a “consciência política”, perguntava-se pela frequência com que os jovens alimentam sua leitura da realidade pelos meios de comunicação (TV, rádio e jornal)<sup>109</sup>. Fazem-no todos os dias, 28,4%; de vez em quando, 22,7%; uma ou duas vezes por semana, 20,1%. Os jovens que acompanham os meios de comunicação “uma ou duas vezes por semana” e os que dizem

108 Q.51.

109 Q.52.

“de vez em quando” totalizam 42,8%. Claro que há outras maneiras de se atualizar (escola, reuniões, panfletos, palestras...), mas o dado é questionador. Segundo o sexo e as idades, as alternativas mais fortes são: 1) Todos os dias: 22 a 25 anos; 2) Várias vezes por semana: 18 a 21 anos; 3) Uma ou duas vezes por semana: 26 a 30 anos; 4) Só de vez em quando: o mundo feminino; 5) Nunca: os adolescentes de 14 a 17 anos.

## CONFIANÇA E DESCONFIANÇA

Quanto à confiança dos jovens nas instituições, enumeravam-se 15 delas e o entrevistado indicava o grau de confiança que tinha nelas<sup>110</sup>. O resultado é o seguinte, numa perspectiva de “intensidade” decrescente, em ambos os casos:

Ficam de fora, no “meio do campo”, as religiões em geral, as

Mais confiam	Menos confiam
Instituições educacionais: 44,4%	Partidos políticos: 64,1%
Organizações de jovens: 39,2%	Câmara de Vereadores: 46,8%
Movimentos sociais: 35,8%	Empresários: 38,9%
Meios de Comunicação: 29,3%	Igrejas evangélicas pentecostais: 38,3%
Igreja Católica: 28,5%	Igrejas evangélicas do protestantismo histórico: 37,3%

forças armadas, a prefeitura municipal, a polícia e a segurança pública e a associação de moradores. Seria oportuno perguntar por que foram essas que ficaram no “meio do campo”?

Olhando os dados por dois extratos, chama a atenção que a Igreja Católica, assim como tem mais crédito entre os adolescentes de 14 a 17 anos, o crédito menor dessa instituição localiza-se no bairro Arroio da Manteiga.

## SISTEMA POLÍTICO

Duas outras questões relacionavam-se com o sistema político: uma, sobre o sistema político mais adequado ao momento<sup>111</sup>; a outra, sobre o sistema político democrático<sup>112</sup>. A primeira questão distinguia a) um governo autoritário forte e centralizado; b) um governo formado mais por técnicos do que políticos; c) um governo dirigido pelas forças armadas;

d) um governo democrático com participação popular. Descrevia-se cada forma de governo e pedia-se que os jovens dissessem se era muito bom, bom, ruim ou muito ruim. O resultado é o seguinte:

Questão	Muito bom/Bom	Ruim/Muito ruim
Ter no poder um homem forte que não se preocupa nem com o Congresso nem com as eleições	32,9%	40,6%
Governo orientado por “técnicos” e não por tendências políticas	52,9%	20,4%
Que as Forças Armadas dirijam o país, com ordem e desenvolvimento	34,7%	43,2%
Sistema político democrático, ouvindo a população e fazendo-a participar	86,0%	3,3%

110 Q. 55.

111 Q. 56.

112 Q. 57.

O “discurso” do quadro oferece evidências e contradições. São evidentes a tendência ao sistema político democrático participativo e a tendência a desejar um governo “técnico” e não de tendências políticas. É contraditório, por outro lado - e até alarmante (ao menos para quem acredita em democracia) - perceber o vigor que tem um “homem forte”, sem Congresso nem eleições e o vigor que tem as forças armadas dirigindo o país com ordem e desenvolvimento<sup>113</sup>. O desejo de um “homem forte” aparece em dois contextos bem diferentes: de um lado, dois colégios (público e confessional) e, do outro, um bairro pobre (Rio dos Sinos) com 75,5% dos jovens, dizendo-se da classe média baixa e pobre. Os jovens não viveram de perto o “golpe militar”, no Brasil, de 1964 (nenhum deles tinha nascido em 1964), mas poderiam ter acompanhado, em parte, os últimos anos da volta à democracia. Poderiam ter acompanhado, por exemplo, boa parte da experiência de um governo de participação popular, em Porto Alegre (muito próxima). A situação se torna mais eloqüente quando se vê que o extrato que mais se posiciona com essa afirmação é formado pelos jovens de 26 a 30 anos.

Outra questão referia-se ao sistema democrático como tal. Faziam-se quatro afirmações: a) a democracia pode ter problemas mas, é o melhor sistema de governo; b) na democracia, o econômico funciona mal; c) um sistema democrático tem dificuldades em tomar decisões; d) as democracias não sabem manter a ordem. As respostas são as seguintes:

Questão	Concordam	Discordam	São indiferentes	Não sabem
Democracia: o melhor sistema	53,8%	14,5%	12,6%	13,1%
Na democracia o econômico não funciona bem	47,5%	15,3%	16,9%	13,3%
As democracias não sabem manter a ordem	41,1%	22,4%	16,0%	13,1%

Embora haja respostas evidentes, os jovens tiveram dificuldade em posicionar-se. Isso fica claro na percentagem dos que “não sabem” e dos “indiferentes”. Em todas as alternativas é significativa a percentagem deles, isto é, ou não sabem ou são indiferentes. Choca-se a crença na democracia e sua relação com o funcionamento econômico e a manutenção da ordem. O econômico aproxima-se de uma posição autoritária, imposta e não-debatida. Quer-se participação, mas é mais cômodo receber ordens dadas.

## PARA CONFIRMAR

Para a cultura política do jovem leopoldense a pesquisa oferece, ainda, alguns outros dados que comprovam a rejeição da política:

1. Para a vida pessoal<sup>114</sup>, considerando 10 aspectos que poderiam ser importantes, o “ter uma ideologia ou

113 O modo como a questão foi formulada possivelmente colaborou para uma interpretação não-desejada. Se não se acrescentasse à formulação “com ordem e desenvolvimento” a resposta provavelmente seria outra.

114 Q. 59.

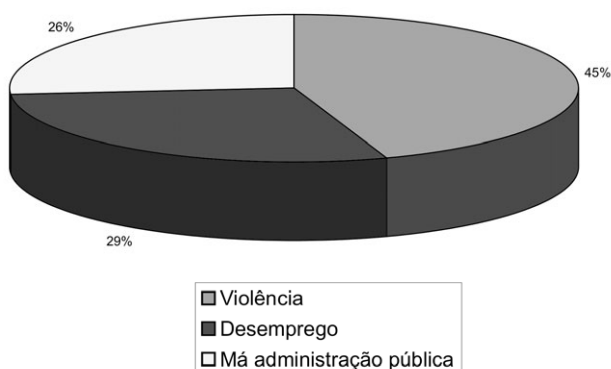


uma crença política” está em 9º lugar, só perdendo para “ser uma pessoa famosa”;

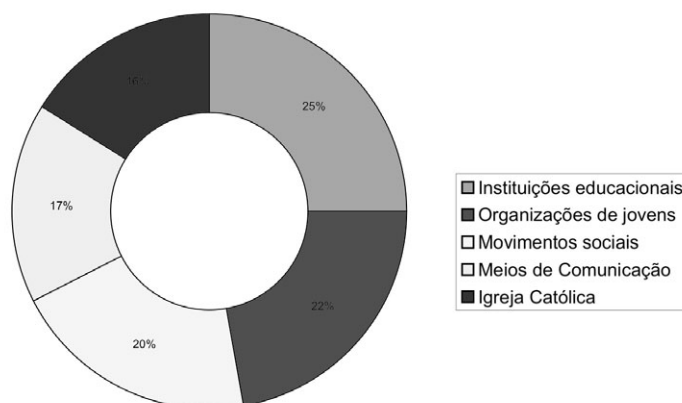
2. Como “coisa” importante na vida<sup>115</sup>, ao lado de oito alternativas, a política está em último lugar. Para 9,1% dos jovens, contudo, a política é muito importante. Onde se afirma essa importância com mais decisão é nos bairros pobres;
3. O que causa mais revolta na juventude leopoldense<sup>116</sup>, em primeiro lugar, é a corrupção dos políticos. O preconceito de cor está em 2º lugar, destacando-se, nesta rejeição, o setor dos estudantes. Se a média da rejeição é de 64,9%, os estudantes a rejeitam por 73,2%. Onde, aparentemente, há menos preocupação com este preconceito é nos bairros mais numerosos: Arroio da Manteiga e Feitoria.
4. Perguntados por vizinhos menos desejáveis<sup>117</sup>, citavam-se 13 tipos de personalidades. Os vizinhos de extrema-esquerda estariam em 8º lugar e os vizinhos de extrema-direita em 10º lugar.
5. Olhando as razões (15) que poderiam levar ao êxito o casamento<sup>118</sup> o estar de acordo em questões políticas está em último lugar. Se considerarmos a vontade de participação, o mapa é outro. Isso, contudo, para os jovens não é ser político. “Político” é o que é partidário.



## PROBLEMAS MAIORES

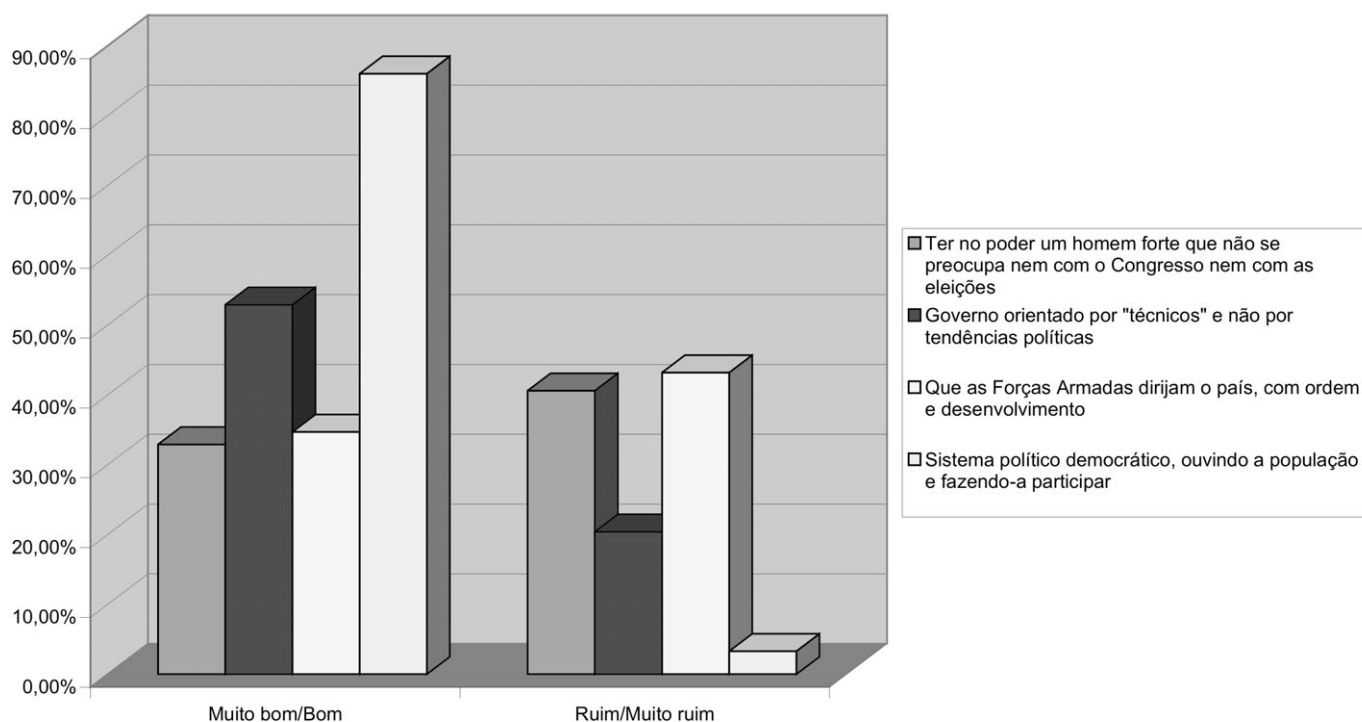


## CONFIANÇA E DESCONFIANÇA (MAIS CONFIAM)

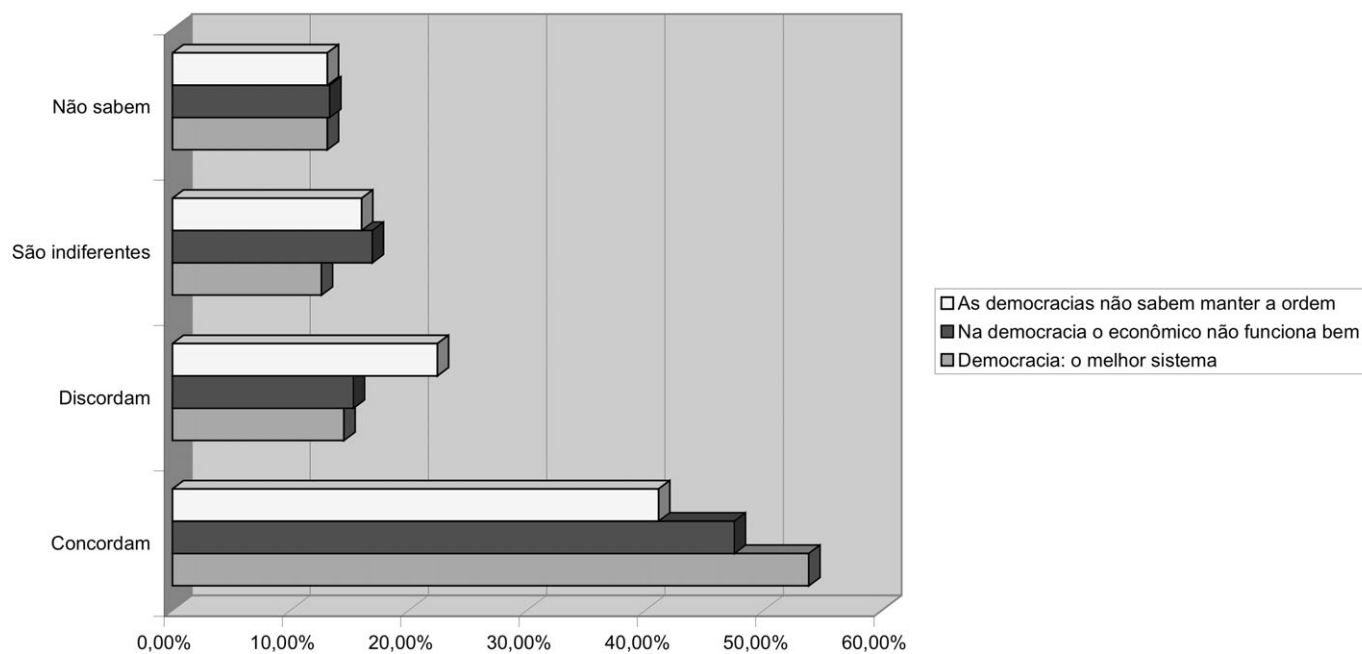


115 Q. 60.  
116 Q. 77.  
117 Q. 94.  
118 Q. 95.

## SISTEMA POLÍTICO



## SISTEMA DEMOCRÁTICO



O questionário punha como um dos subtítulos a palavra “Valores”. Um conjunto de seis perguntas, com vários acréscimos. As perguntas que poderíamos formular são: O que tem, de fato, valor para o jovem leopoldense? Que cuidados ele tem? Quais os sonhos dele? O que não vale? Que interrogações ele carrega na sua mala?

Com relação aos valores vividos ou sonhados, as questões se referem ao valor do coletivo, do político, da moral, da convivência social, da importância do econômico, à vivência diária, afetiva e religiosa, misturando afirmações, dúvidas e rejeições. Aspectos novos alternam-se com coisas já vistas.

## COLETIVO

Há várias afirmações de valores. Iniciamos com o discurso dos jovens com relação ao coletivo e ao político.

1. Entre 10 coisas que “podem ser consideradas importantes” pelo jovem, a segunda coisa menos importante (26,9%) é ter uma ideologia/crença política<sup>119</sup>. Já, o viver numa sociedade mais justa - que supõe uma postura política - está em 4º lugar (70,8%). Três alternativas se referem a respostas cujo centro é o bem-estar do indivíduo. O “sentir-se útil para a sociedade”, com uma percentagem de 67,7%, está em 7º lugar. O coletivo é secundário.

Na relação de oito coisas “importantes para a sua vida”<sup>120</sup>, os jovens dizem que a política, destacadamente, ocupa o último lugar. Todas, com exceção da política e da religião, têm menos de 18% de “rejeição” ou não-importância. Política e religião não são importantes para a vida. Discurso individual.

2. Falando em competição na sociedade<sup>121</sup>, 63,9% afirmam que a competição é boa porque leva o jovem a trabalhar duro e a encontrar novas idéias. O que vale é o indivíduo; o outro é competidor. É preciso competir.

Por outro lado, quando são levados a concordar ou discordar da afirmação que diz que “a competição é perigosa porque ela leva a desenvolver o pior de cada um”, as opiniões

praticamente se encontram (33% concordando e 33,8% discordando), havendo 19,3% de indiferentes. Sinal que o dito anteriormente não é pacífico. É um discurso coletivo.

3. Levados a posicionar-se com relação a enganos (falsificações) na declaração do imposto de renda<sup>122</sup>, ao passo que 50,5% (55,2% por parte das mulheres) disserem que tal atitude não se justifica, 11,8% a aprovam. Vale o coletivo.
4. Em situações menos “econômicas” e mais morais, a posição dos jovens é bem mais decidida. Enquanto 70,0% dizem que não se justifica por nenhum motivo o fato de alguém dirigir bêbado, 55,4% reprovam veementemente o fato de fumar em lugares públicos. Da mesma forma, 61,1% se pronunciam totalmente contra a legalização da maconha<sup>123</sup>. O discurso moral é mais forte que o econômico.
5. Situação mais delicada encontramos na preocupação com as condições de vida de algumas pessoas da sociedade (idosos, desempregados, migrantes e enfermos ou inválidos<sup>124</sup>). A categoria que, de longe, menos preocupa os jovens são os migrantes na cidade (pessoas que vêm de outras regiões). Se os idosos contam com 60,3% de jovens que se preocupam “muito” com as pessoas mais velhas, não fazem o mesmo com relação aos migrantes. 16,9% dos jovens confessam que nunca pensaram nisso. A situação se torna outra, e até contraditória, quando entram em questão os colonos vindos do interior, desejados como os melhores vizinhos.

## POSTURAS MORAIS

Neste item temos, igualmente, afirmações que precisam ser consideradas. Entre as oito coisas importantes na vida dos jovens<sup>125</sup>, ao passo que os amigos estão em 4º lugar (89,5%), as relações amorosas situam-se em 5º lugar. Menos importantes que estas relações são a política, o tempo livre e a religião. Levados a justificar totalmente ou a não justificar de forma nenhuma certos atos<sup>126</sup>, encontramos três posturas:

119 Q. 59.  
120 Q. 60.  
121 Q. 62.

122 Q. 63.2.  
123 Q. 65.  
124 Q. 64.  
125 Q. 60.  
126 Q. 63.

Questão	Justifica-se Totalmente	Não se justifica por nenhum motivo	Nota 5 (intensidade)
Que homens ou mulheres tenham aventuras extraconjugais	12,8%	52,1% para as mulheres 60,9% para os homens	11,0%
O aborto	10,4%	52,9%	15,3%
O divórcio	38,8% p/ as mulheres 41,5% p/ os homens	13,2% p/ as mulheres 11,4% p/ os homens	16,4%
A eutanásia	27,3%	27,7%	13,7%

Manifesta-se uma “moralidade” dividida. A maior dúvida encontra-se no campo do divórcio.

## ○ ECONÔMICO

- Há duas afirmações aparentemente chocantes: assim como o “ter um trabalho que o/a realize” está em 3º lugar nas coisas consideradas importantes na vida<sup>127</sup>, o “ter muito dinheiro” está em 3º lugar das menos importantes (após “ser uma pessoa famosa” e após “ter uma ideologia/crença política”), assim o trabalho é a coisa mais importante na vida deles.
- Outro pronunciamento temos na questão dos salários<sup>128</sup>. Assim como 76,0% dizem que os salários deveriam ser mais igualitários, da mesma forma 69,9% afirmam que deveria respeitar-se mais os esforços individuais. Levados a pronunciarem-se sobre uma indenização além do que se tem direito<sup>129</sup>, assim como há um bom número (16,3%) levado pela dúvida, somente para 38,8% não se justifica totalmente.
- Aparece, igualmente, o cuidado (preocupação) que os jovens têm com os desempregados. Chama a atenção que a preocupação com essa “categoria” é menor do que com os enfermos e os idosos. É a “categoria” na qual menos jovens menos pensaram. Quem manda é o afeto; não a razão. O trabalho se apresenta, novamente, como não integrador.

## ○ RELIGIOSO

Entre os valores considerados importantes, por um lado, a religião se coloca no meio do campo, quando se afirma que o “ter fé” está em 5º lugar<sup>130</sup> numa questão, e em 3º lugar noutra<sup>131</sup>; por outro, se a religião tem o 3º lugar para 84,9%, para 29,1% é a coisa menos importante. O valor religioso anda envolvido num cenário tendente ao turbulento.

## ○ FAMILIAR, O AFETIVO E A “CURTIÇÃO”

Duas coisas consideradas importantes na vida pessoal do jovem são a boa relação familiar<sup>132</sup> e o aproveitar a vida (84,2%) bem como a família em si<sup>133</sup>. Contudo, quando o jovem olha para si mesmo, tem um outro discurso. Quando diz, por exemplo, que “ser uma pessoa famosa” é a coisa menos importante na vida deles, ou quando diz que, entre oito coisas importantes, a que ocupa o 6º lugar, é o tempo livre. É duvidoso que sejam expressões de auto-estima e de cuidado consigo mesmo.

Expressões de afetividade são os cuidados e as preocupações que os jovens dizem ter com os idosos e as pessoas enfermas e inválidas<sup>134</sup>. Embora boa percentagem confesse que essa preocupação é pouca (38,1% para os migrantes e 19,4% para as pessoas enfermas e inválidas) o sentimento humanitário (menos com os migrantes) é afirmado por mais de 50,0%.

## ○ INTELCTUAL

Se a educação é afirmada pelo jovem com muita intensidade, o cultivo do estudo e da intelectualidade o é menos. “Ter um diploma”<sup>135</sup> é um assunto que se coloca no meio do campo. Ele não garante o emprego. Está em 6º lugar das coisas mais importantes. Da mesma forma, o estudo<sup>136</sup> coloca-se em 3º lugar, e o poder seguir uma carreira<sup>137</sup> em 4º lugar. O “cordial”, o “afetivo”, o “sentir-se bem” está acima do “racional”.



127 Q. 59.  
128 Q. 62.  
129 Q. 63.1  
130 Q. 59.  
131 Q. 60.

132 Q. 59.  
133 Q. 60.  
134 Q. 64.  
135 Q. 59.  
136 Q. 60.  
137 Q. 61.

Por várias vezes, o assunto “religião” já voltou à tona. Na pesquisa, no entanto, apresentam-se muitas questões relacionadas explicitamente a ela.

## RETOMANDO

Iniciamos recordando algumas afirmações que retratam uma realidade cheia de interrogações:

1. No capítulo do estado civil<sup>138</sup>, dos 29,2% que podem ser considerados “casados”, com união estável, 4,7% estão casados no civil e no religioso e 1,7% só no religioso, isto é, de cerca de 205 “casados” nem 0,4% são casados pelo religioso.
2. Quanto às pessoas com as quais “passam o tempo”<sup>139</sup>, semanalmente 13,7% deles se encontram com pessoas religiosas; 39,4% dizem que, com essas pessoas, nunca se encontram.
3. Como qualidade desejada pelos pais dos filhos/as<sup>140</sup> (entre 11), “a fé religiosa” está em 8º lugar.
4. Entre os movimentos e organizações das quais os jovens participam ou participaram<sup>141</sup>, a atuação em grupos ou movimentos vinculados a igrejas está em 1º lugar. É esse “espaço”, contudo, que está em 2º lugar quando se pergunta sobre com quais desses movimentos ou organizações os jovens não gostariam de envolver-se. A maior rejeição está na participação em partidos políticos.
5. Viu-se, também, a concordância ou discordância dos jovens com relação aos políticos religiosos e às autoridades religiosas intervindo nas funções públicas. O resultado oferece um quadro com as seguintes feições:

Questão	Concorda	Discorda	Indiferente	Não sabe
Os políticos que não acreditam em Deus não são convenientes para as funções públicas	31,0%	35,1%	21,6%	8,7%
As autoridades religiosas não devem influir nas pessoas quando há eleições	69,7%	9,9%	12,0%	4,6%
Seria melhor, para o Brasil, que nas funções públicas houvesse pessoas com convicções religiosas fortes	22,7%	38,0%	26,6%	7,7%
Os religiosos, responsáveis, não devem nas decisões do governo	45,6%	20,4%	21,1%	8,3%

138 Q. 7.

139 Q. 10.3.

140 Q. 37.

141 Q. 50.2.

Os discursos dessas percentagens são três: 1) “Fé e política não se casam”; 2) “É bom observar a religiosidade dos políticos”; 3) “Cuidado com possíveis fanatismos”. O maior discurso, no entanto, é a indefinição, mesmo quando se trata da intervenção dos religiosos nas eleições.

6. Quando tratamos das instituições nas quais os jovens confiam<sup>142</sup>, a Igreja Católica é a 5ª entre aquelas nas quais os jovens mais confiam e as Igrejas evangélicas pentecostais e do protestantismo histórico estão, respectivamente, em 4º e 5º lugar entre aquelas instituições em que menos confiam.
7. A religião<sup>143</sup> ocupa o 7º lugar (entre oito), falando da sua importância para a vida; além disso, ao se pronunciar sobre as pessoas que não gostariam de ter como vizinhos<sup>144</sup>, entre 12 possibilidades, as “pessoas muito religiosas” estão em 3º lugar, no sentido de “não gostar”.

## CRENÇAS

Convidados a responderem, de maneira intensiva, pela importância que Deus tem na vida deles<sup>145</sup> - mesmo considerando os dados anteriores - 78,8% dos jovens leopoldenses disseram que Deus é muito importante e 2,7% que Deus, para eles, é sem importância. Entretanto, inquiridos sobre aquilo que acreditam<sup>146</sup>, 91,0% diz crer em Deus. Acredita-se, mas a fé não repercute coerentemente na vida prática. Não se transforma em vivência comunitária.

Respondendo a uma questão sobre a participação em encontros ou atividades de sua religião<sup>147</sup>, assim como 17,1% dizem que nunca participam, 22,6% afirmam participar ao menos semanalmente. Essa percentagem de participação com jovens do Rio de Janeiro (15 a 24 anos) é de 21,1%<sup>148</sup> e com estudantes da UNISINOS 13,3%<sup>149</sup>. Os mais praticantes são os adolescentes de 14 a 17 anos e as mulheres.

142 Q. 55.

143 Q. 60.

144 Q. 94.

145 Q. 66.

146 Q. 75.

147 Q. 67.

148 Veja *Jovens do Rio*, de Regina Novaes Coelho, op. cit., p. 31

149 *O imaginário religioso do estudante da UNISINOS*, de Hilário Dick. Cadernos do IHU, ano 1, nº 1, 2003, p. 18.

Perguntados<sup>150</sup> se dedicam algum momento de seu tempo para rezar, meditar, fazer contemplação ou algo parecido, 74,3% diz que “sim”, 21,0% diz que “não”. Até as expressões individuais são frágeis.

## FILIAÇÃO ÀS IGREJAS

Com relação à religião dos jovens leopoldenses, perguntava-se pela religião dos pais e das mães<sup>151</sup>. Citavam-se seis religiões, dando chance para acrescentarem outras. Além das seis, duas religiões que foram citadas de forma mais significativa foram a igreja adventista e as testemunhas de Jeová. Resulta um quadro (parcial) com a seguinte geografia<sup>152</sup>.

	Católica Apostólica Romana	Evangélica Pentecostal	Evangélica Protestante	Umbanda	Não tem
Mãe	30,6%	13,6%	6,4%	3,3%	33,6%
Pai	57,0%	9,1%	4,6%	1,4%	14,0%
Filho	55,7%	11,6%	6,7%	3,7%	12,1%

Estamos ante o discurso dos jovens, falando da sua religião e da religião do pai e da mãe. A grande revelação está no campo das mães. Assim como elas são pouco católicas (a diferença é de 26,4% com relação aos pais), elas também são as que não têm religião (33,6%) e as que, percentualmente, são mais afiliadas à religião pentecostal. Mais do que das mães, os filhos/as se aproximam mais da religião do pai, no caso de ele ser católico, mas se aproximam mais da mãe quando se trata da igreja evangélica protestante. Fica evidente, também, que a falta de religião é menor nos filhos do que nos pais.

Este contexto teria influenciado na escolha da religião dos jovens<sup>153</sup>? As escolhas das religiões, por parte dos jovens, têm três respostas. Reconhecem: 1) que pertencem a esta ou aquela religião por influência da família. Confirmam-no 51,3%; 2) a afirmação da não-influência e dos motivos pessoais se igualam, na prática (16,7% e 15,7% respectivamente); 3) quem exerceu menos influência foram os “agentes religiosos” (1,7%). Foram citadas 31 outras motivações as mais variadas, nesta escolha, mas de pequeno valor percentual.

Com relação ao trânsito por outras religiões ou mudança de religião, isso se verifica em 20,0% dos jovens<sup>154</sup>. Os que asseguram não terem mudado de religião correspondem a 72,7%. A maior motivação para a mudança é porque a religião anterior não respondia mais às necessidades espirituais e emocionais (7,0%). A segunda motivação, em proporção bem menor, é a influência de familiares e amigos.

150 Q. 74.

151 Q. 68-70.

152 O fato de as percentagens das outras religiões estarem abaixo de 2,5%, não entraram nesse quadro. A única exceção é que, por parte dos jovens, a religião Espiritualista ou Kardecista tem uma adesão de 5,3%.

153 Q. 71.

154 Q. 72 e 73.

## UM MAPA DAS CRENÇAS

Um dos costumes populares, também entre os jovens, é informar-se sobre o horóscopo<sup>155</sup>. Entre a juventude leopoldense, embora 29,4% digam que nunca consultam o horóscopo, 20,4% o faz todos os dias e, às vezes, 31,7%. Não está dito nem perguntado se o faz por curiosidade, por diversão ou por convicção.

De teor diferenciado são as crenças. Apresentava-se<sup>156</sup> uma lista de quinze “crenças religiosas”, pedindo se acreditavam nelas, ou não. O resultado está no seguinte quadro:

	Maiores afirmações	Maiores rejeições	Maiores dúvidas
1º	Deus - 91,0%	Duendes - 66,1%	Energias/Aura - 18,4%
2º	Jesus Cristo - 86,9%	Orixás - 52,1%	Imortalidade da alma - 15,7%
3º	Espírito Santo - 73,1%	Demônios - 47,6%	Reencarnação - 15,6%
4º	Anjos - 71,3%	Reencarnação - 35,6%	Espíritos - 13,7%
5º	Ensinamentos da Bíblia - 68,7%	Energias/ Aura - 34,3%	Orixás - 13,3%

Ficaram no meio do campo: 1) a Virgem Maria, com 62,6% de “afirmações”, 18% de “rejeição” e 10,7% de “dúvida”; 2) a astrologia, com 37,0% de “afirmações”, 37,0% de “rejeição” e 15,6% de “dúvida”. Os que declaram com mais intensidade a crença na Virgem Maria são dois colégios: Olindo Flores e São José. Os que “crêem” menos na Virgem são os jovens do bairro Arroio da Manteiga e do Colégio Sinodal.

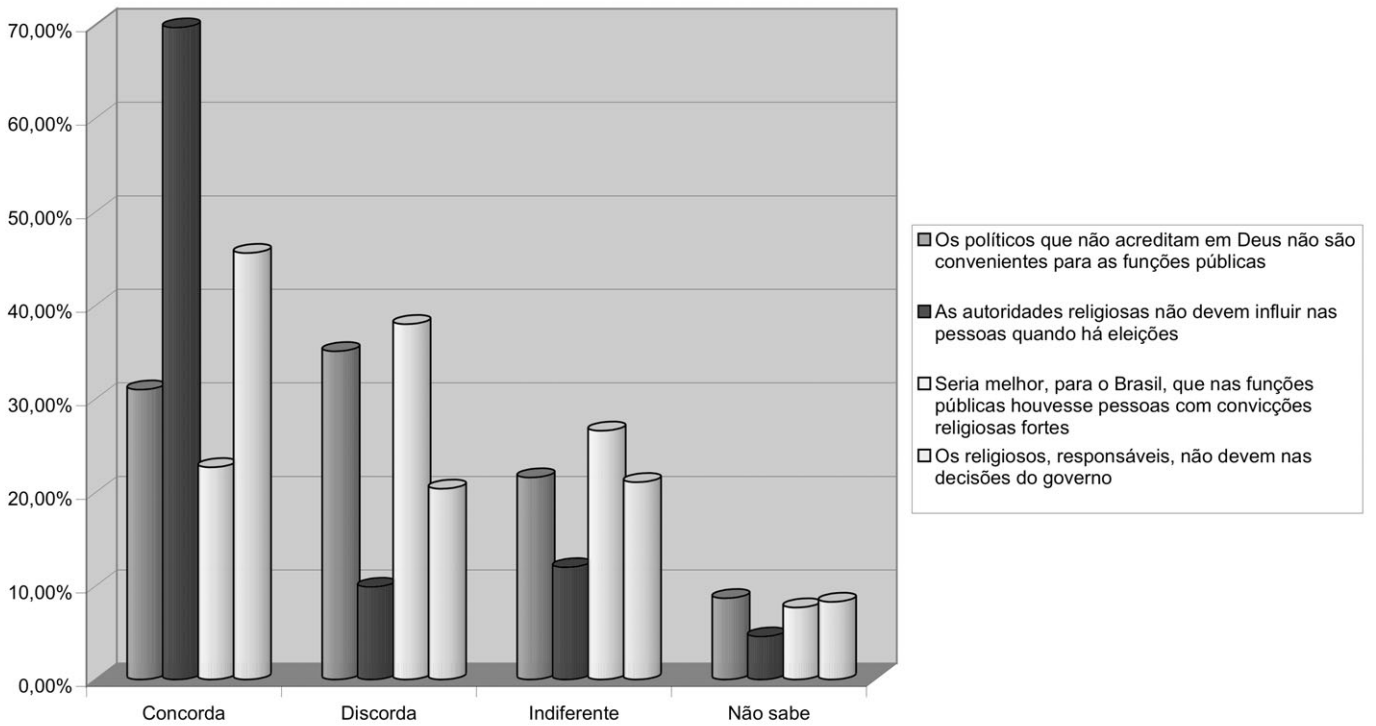
Olhando o mesmo quadro segundo o sexo e as idades, temos outras constatações:

- 1) as mulheres são mais religiosas que os homens. Só no item da crença nos demônios e nas entidades/orixás os homens superam a percentagem da crença das mulheres. As grandes diferenças estão na astrologia, os anjos, nas energias/aura, na Virgem Maria e nos espíritos;
- 2) segundo as idades e sem desconsiderar as “maiores afirmações” do quadro acima, os adolescentes de 14 a 17 anos destacam-se pela crença nos santos, pela crença nos ensinamentos da bíblia, pela crença em duendes e gnomos e pela crença na astrologia; os jovens de 18 a 21 anos se destacam pela fé nos anjos, pela crença nos demônios e pela crença nas entidades/orixás, na imortalidade da alma, reencarnação e espíritos; os jovens de 22 a 25 anos destacam-se pela crença em Deus, Jesus Cristo, Virgem Maria e energias/aura; os jovens de 26 a 30 anos se destacam pela fé no Espírito Santo.

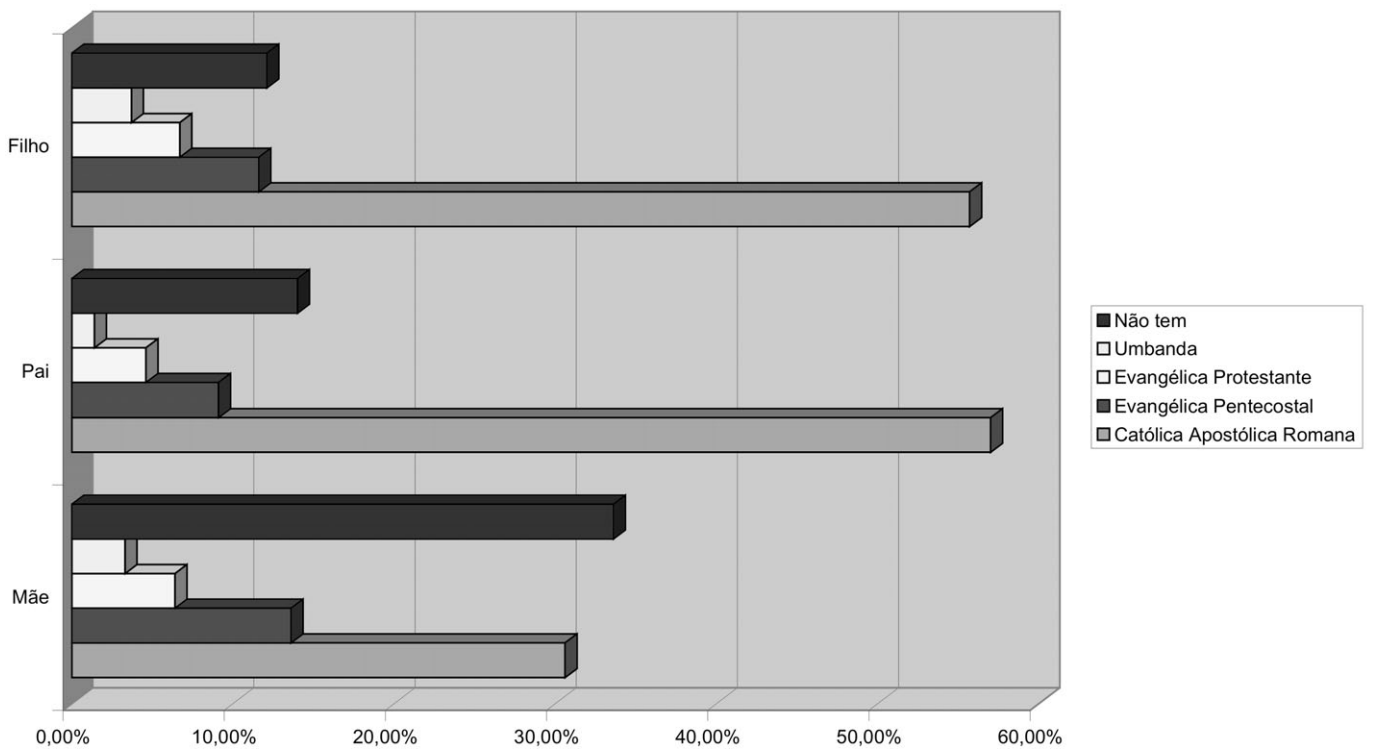
155 Q. 76.

156 Q. 75.

## RELIGIÃO E POLÍTICA



## FILIAÇÃO ÀS IGREJAS







O objetivo da pesquisa não era conseguir muitos dados concretos sobre a violência, mas entender como os jovens a percebem no seu dia-a-dia, em São Leopoldo. Como disseram alguns entrevistados, “a violência está em toda parte”. Nosso objetivo se resumia a este fenômeno nesta cidade<sup>157</sup>, de modo “geral”. No decorrer da pesquisa mais de uma vez surgiu a pergunta: Será possível compreender a juventude leopoldense sem um estudo profundo das manifestações violentas, escondidas nesta cidade? A violência tem vários fundamentos, mas uma raiz certamente decisiva é o tráfico. É um “submundo” onde não tivemos condições de penetrar. Leva-nos a isso a postura firme da juventude da cidade em afirmar<sup>158</sup> que a violência é o 1º grande problema de São Leopoldo (49,7%). A droga, no entanto, é citada num modesto 5º lugar na listagem das causas da violência. Ao lado desse fato, a polícia e a segurança pública são colocadas, estranhamente, no “meio do campo” quanto à confiança e à desconfiança das instituições. Ao mesmo tempo em que dizem isso, asseguram<sup>159</sup>, numa percentagem muito alta (87,3%) que, para termos uma sociedade mais justa e menos violenta é preciso reforçar a segurança policial nas ruas. Assim como não confiam nela (ou confiam pouco) desejam-na mais ativa.

## QUESTÃO DE CONFIANÇA

Apresentando aspectos da forma como a juventude leopoldense experimenta e convive com a violência, iniciamos com uma questão que nos parece fundamental: a confiabilidade nas pessoas. Levados a concordar ou a discordar de três afirmações<sup>160</sup>, as respostas oferecem um retrato significativo.

Questão	Concorda	Discorda
Em geral, podemos confiar na maioria das pessoas	14,6%	63,7%
Em geral, nunca se sabe as intenções dos outros	75,0%	7,5%
Em geral, é melhor não confiar em ninguém	30,7%	41,1%

A grande pergunta é sobre o espírito de confiança nas pessoas. Embora uma boa parte discorde em dizer que “em geral é melhor não confiar em ninguém”, a desconfiança sobre a intenção dos outros é extremamente expressiva<sup>161</sup>.

157 Na elaboração do questionário, percebeu-se que este assunto interessava mais aos brasileiros que a outros pesquisadores latino-americanos, parceiros de estudo.

158 Q. 51.

159 Q. 86.

160 Q. 86.

161 Uma das relações que poderia ser recordada é a atitude que a juventude leopoldense deixa entrever com relação à polícia, à segurança e à violência. Possivelmente há forte

## MAIS E MENOS REVOLTA

Apresentavam-se nove situações que causavam ao jovem mais ou menos revolta, tendo eles que especificar a intensidade de sua indignação diante delas.<sup>162</sup> O quadro resultante é o seguinte:

	Situação mais revoltante	Situação menos revoltante
1º	A corrupção dos políticos - 72,1%	Policial matar bandido - 44,8%
2º	Ter preconceito de cor - 70,9%	Fazer justiça com as próprias mãos - 19,3%
3º	Queimar florestas - 68,4%	Agredir homossexuais - 13,3%
4º	Dirigir bêbado - 61,0%	Bandido matar policial - 12,6%
5º	Ter que ficar horas na fila - 49,2%	Ter que ficar horas na fila - 10,6%

Ficam evidentes algumas posturas: a) a rejeição da corrupção dos políticos, a rejeição do preconceito de cor e da queimada de florestas; b) uma significativa convivência no fato de a polícia matar bandido (44,8%) mas, ao mesmo tempo, a concordância bem menos significativa (mas real), de o bandido matar policial; c) o fato de haver um sentimento claro de revolta (média de 64,3%) de cinco situações que “revoltam”. Não se falava de “incomodar” ou outra expressão mais branda.

Olhando o mapa da revolta conforme alguns extratos não deixam de chamar a atenção alguns fenômenos:

- 1) quem declara menos revolta com ficar horas na fila são os jovens do bairro Feitoria;
- 2) o segmento que menos se incomoda com polícia matar bandido são os estudantes, especialmente os do colégio São José. Para os jovens do bairro Feitoria, o fato incomoda bem mais;
- 3) o sexo que mais se revolta com bandido matar policial é o feminino;
- 4) os jovens do bairro Arroio da Manteiga se revoltam, de forma igual, com a corrupção dos políticos, com os que dirigem bêbados e com o queimar florestas;
- 5) que é o sexo masculino que menos se incomoda em dirigir bêbado;

influência dos Meios de Comunicação Social alimentando este aspecto da “cultura juvenil”. Cultiva-se a desconfiança até por motivos ideológicos. É mais interessante ver no outro um “inimigo” do que um companheiro de convivência.

162 Q. 77.

- 6) que são os estudantes que mais se revoltam com a queima de florestas;
- 7) que são as mulheres que mais se revoltam com a agressão a homossexuais;
- 8) que o bairro Feitoria e o Colégio Sinodal são os dois extratos que menos se revoltam com o “fazer justiça com as próprias mãos”.

## REALIDADE VIOLENTA

Seria, então, a violência uma situação constante? Perguntou-se por isso se nos últimos quatro meses, os jovens tinham sido vítimas de algum assalto<sup>163</sup>. A grande resposta (80,6%) diz que “não” e 12,7% afirma que “sim” – o que significa que, nos últimos quatro meses, aproximadamente 6.757 jovens de São Leopoldo teriam sido vítimas de algum assalto. Perguntava-se, igualmente, se nos últimos quatro meses, eles tinham sido agredidos pela polícia, inclusive com ofensas morais ou verbais. Assim como 84,7% diz que “não”, mesmo assim 9,7% da juventude responde que “sim”, isto é, nos últimos quatro meses aproximadamente 5.461 jovens de 14 a 30 anos teriam sido agredidos, de alguma forma, pela polícia. Os números são grandes e a possibilidade de uma inverdade é muito pequena.

## PRÁTICA E VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA

E quem são os praticantes da violência<sup>164</sup>? São eles os jovens ou os adultos? Se a resposta fosse uma questão corporativista, a culpa deveria ser dos adultos, mas não. Para os jovens de São Leopoldo, os que praticam a violência são os próprios jovens. Dizem-no 42,4%, embora 49,0% declare que os praticantes são ambos. Ao mesmo tempo que reconhecem que a violência é dos dois, não deixam de confessar que a juventude é mais violenta que os adultos. Os adultos são considerados mais violentos por 4,6%.

Em sentido semelhante vai a resposta à questão pelos que são vítimas da violência<sup>165</sup>. Assim como 34,4% dizem que as principais vítimas são os jovens, 55,4% afirmam que a vítima são ambos, jovens e adultos. 6,0% consideram que as maiores vítimas da violência são os adultos. Fica evidente que os jovens são vítimas e protagonistas da violência.

Quando se fala em violência, algumas questões não podem deixar de ser consideradas:

163 Q. 78.  
164 Q. 80.  
165 Q. 81.

- 1) A influência dos meios de comunicação, já que ela agenda temas que logo são considerados importantes pelos jovens;
- 2) As respostas que condenam a violência “buscam”, no sentido comum, o tráfico de drogas, e a “falta de estrutura familiar”. Podemos considerar que a violência se associa à insegurança (em todos os sentidos possíveis: insegurança do futuro, de uma bala perdida, da falta de oportunidades, das drogas etc.)
- 3) A violência pode ser consequência da “falta de reconhecimento”, de visibilidade. Dessa forma, a violência pode converter-se em “doador de sentido social” e em fundador de uma subjetividade. O jovem intui que a violência é crescente (e é um grande problema) na medida em que o próprio jovem perde espaços de expressão e está longe de sua inserção social. Não é a violência, como tal, que causa temor, mas sua imprevisibilidade.

De forma geral, as respostas dadas pelos jovens de 14 a 17 anos demonstram um grau de inconformidade, radicalidade e contestação muito mais marcado que os jovens mais adultos. Estes não parecem apresentar-se de forma muito conciliadora... Podemos definir que, nos próximos anos, teremos jovens com uma radicalidade e criatividade mais desenvolvidas em São Leopoldo ou presenciaremos um “silenciamento” funcional ao ir-se “integrando”, minimamente, o jovem no cenário sociocultural da cidade?

## LOCAIS DA VIOLÊNCIA

Onde sucede, então, a violência? Citavam-se seis espaços<sup>166</sup>. Embora 1,5% digam que a violência acontece em todos os lugares, há três indicados com muita evidência. O primeiro espaço são as ruas (57,0%). O grande perigo está nas ruas. Um segundo espaço foi definido como “perto de casa”. Concordam com isso 12,4%. A referência é o bairro e a vila. Pode ser “centro” e “periferia”, mesmo que isso não esteja explicitado nem na pergunta nem na resposta. Há, contudo, a informação de um terceiro espaço. Referimo-nos aos 9,6% dos que dizem que não convivem com a violência, isto é, por volta de 5.405 jovens leopoldenses mencionam que a violência não é algo familiar na vida deles.

## CAUSAS DA VIOLÊNCIA

Citavam-se seis possíveis causas da violência, pedindo aos entrevistados qual delas, para eles/as é a causa principal

166 Q. 82.

da violência<sup>167</sup>. Embora apareçam algumas outras razões (em percentagem menor que as indicadas) e haja alguns poucos que digam que todas elas influem no espírito de violência na cidade, destacam-se três respostas:

- a) a causa apontada com mais veemência (28,1%) é o tráfico de drogas. Este tráfico, embora signifique o 5º lugar dos problemas de São Leopoldo, é a primeira no capítulo das causas da violência;
- b) a segunda (já referida quando falamos do resultado com relação à vida familiar) é a “falta de estrutura ou apoio familiar”. 22,7% dos jovens mencionam isso;
- c) a terceira causa situa-se no econômico, isto é, no campo da pobreza e dos baixos salários. Afirmam-no 19,9% dos jovens.



## VIOLÊNCIA MAIS TEMIDA

Citavam-se seis tipos possíveis de violência e perguntava-se qual delas é a mais temida pelos jovens<sup>168</sup>. Destacam-se três tipos: a) em primeiro lugar, com 33,6%, “sofrer estupro”; b) em segundo lugar, com 26,6%, “ser assaltado com violência”; c) em terceiro lugar, com 18,1%, “ser atingido por bala perdida”. Os outros tipos são insignificantes, desde a violência policial até o ser roubado. Mesmo assim, a juventude acha que a segurança policial é a medida considerada mais importante.

## SOLUÇÕES SUGERIDAS

Se a violência é real, que medidas são consideradas importantes para termos uma sociedade mais justa e menos violenta<sup>169</sup>? A resposta dos jovens pode ser considerada num quadro onde se apontam e se acentuam quatro soluções, com mais e menos importância.

O quadro não é inocente. Embora todas as medidas sejam consideradas importantes ou muito importantes, chocam-se duas visões: os que vêem a solução no atendimento social à população e os que confiam no reforço de medidas de força, pelo serviço policial.

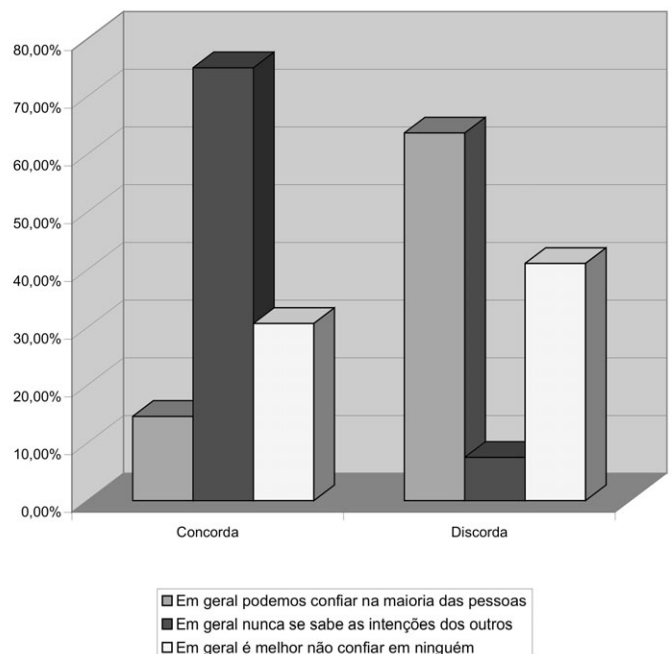
Solução	Importante e muito importante	Pouco importante/sem importância
Eliminar as grandes desigualdades sociais	76,8%	4,9%
Garantir a satisfação das necessidades básicas para todos	84,0%	2,2%
Reconhecer as pessoas segundo os seus méritos	75,7%	4,3%
Reforçar a segurança policial nas ruas	87,3%	3,0%

167 Q. 83.

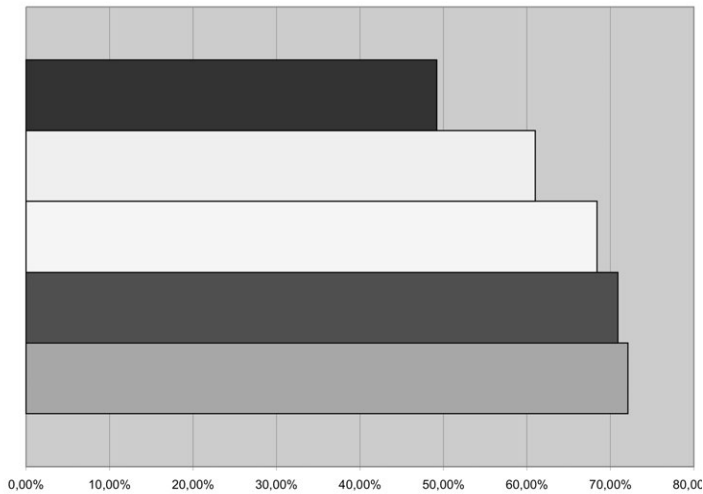
168 Q. 84.

169 Q. 85.

## QUESTÃO DE CONFIANÇA



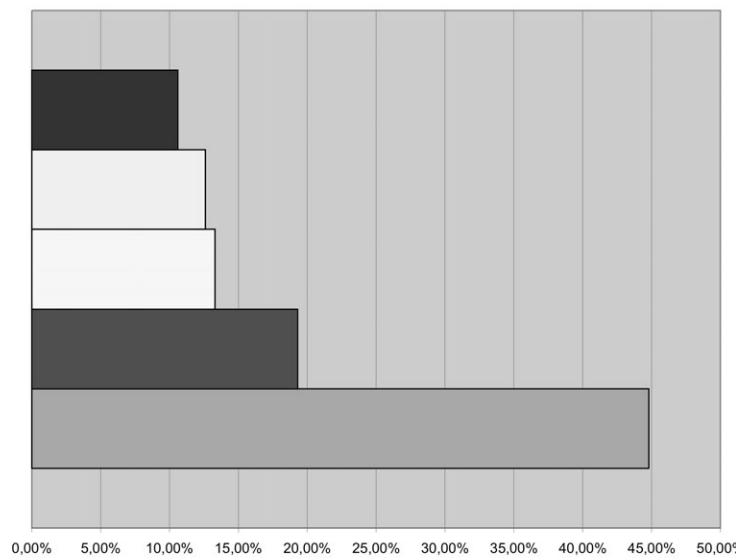
## SITUAÇÃO MAIS REVOLTANTE



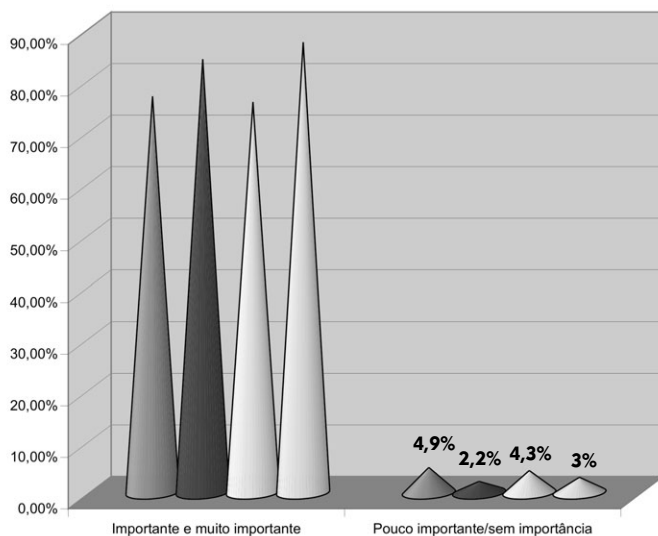
- Ter que ficar horas na fila
- Dirigir bêbado
- Queimar florestas
- Ter preconceito de cor
- A corrupção dos políticos

## SITUAÇÃO MENOS REVOLTANTE

- Ter que ficar horas na fila
- Bandido matar policial
- Agredir homossexuais
- Fazer justiça com as próprias mãos
- Policial matar bandido



## SOLUÇÕES SUGERIDAS



- Eliminar as grandes desigualdades sociais
- Garantir a satisfação das necessidades básicas para todos
- Reconhecer as pessoas segundo os seus méritos
- Reforçar a segurança policial nas ruas

Afetividade e a sexualidade são as grandes descobertas do adolescente e do jovem. Perceber alguns ângulos desses aspectos faz parte do fenômeno juvenil de São Leopoldo. Dados, mesmo gerais, sobre essa realidade são, por vezes, fruto do imaginário da sociedade. Por isso, o interesse de perceber alguns aspectos de forma mais científica por meio dos próprios jovens.

### DESEJADOS E REJEITADOS

Começaremos com o mundo da afetividade social. Revelamo-nos em nossos apegos e rejeições<sup>170</sup>. Perguntava-se pelos vizinhos e vizinhas que não gostariam de ter, escolhendo três deles, entre 15. O quadro que apresentamos distingue níveis de rejeição: os bem desejados, os mais ou menos desejados e os indesejados.

Os menos indesejados	Os mais ou menos indesejados	Os mais indesejados
1º Colonos vindos do interior – 3,9%	1º Pessoas politicamente de extrema-esquerda – 6,1%	1º Drogados/as – 59,1%
2º Pessoas de outra raça – 4,0%	2º Famílias numerosas – 6,3%	2º Alcoólatras – 57,6%
3º Pessoas politicamente de extrema direita – 4,7%	3º Pessoas portadoras de HIV/AIDS – 9,0%	3º Pessoas muito religiosas – 18,1%
4º Pessoas que estão sendo processadas – 5,3%	4º Pessoas emocionalmente instáveis – 9,0%	4º Homossexuais – 17,6%

Está em jogo o relacionamento com classes de pessoas. Assim como os “colonos vindos do interior” são os menos indesejados como vizinhos, os drogados e alcoólatras são, de longe, os mais indesejados. Os “extratos” que mais rejeitam os colonos são dois bairros (Feitoria e Vila Campina) e um colégio (Olindo Flores). O 3º e o 4º grupo mais indesejado são pessoas muito religiosas e homossexuais e as pessoas de outra raça<sup>171</sup>. Os “extratos” que são mais críticos às pessoas “muito religiosas” são duas realidades contrastantes: o bairro Rio dos Sinos (pobre) e o Colégio São José. Rejeitam menos essas pessoas novamente duas realidades diferenciadas: o colégio Olindo Flores e o bairro Vila Campina.

O quadro das relações desejadas e não-desejadas suscita várias perguntas. Assim como há uma preferência pelos politicamente de extrema-direita, menos simpatia gozam os de extrema-esquerda. A simpatia pelos diferentes “tipos” escondem valores e desvalores: por um lado, gente simples,

trabalhadora, rejeitada e, por outro, pessoas que podem trazer vantagem; por um lado, pessoas que incomodam e, por outro, pessoas com problemas ou, então, carregadas de preconceitos. Tomemos um exemplo: se a união civil entre pessoas do mesmo sexo<sup>172</sup> recebe respostas muito parelhas quanto ao “sou a favor” (27,9%), quanto ao “sou indiferente” (28,7%) e quanto ao “sou contra” (20,6%) por que a rejeição tão significativa dos homossexuais? Verifica-se que são jovens de dois bairros que mais resistem à união civil entre duas pessoas do mesmo sexo (Arroio da Manteiga e Santos Dumont) e são os dos colégios particulares que mais aceitam essa realidade.

### CASAMENTO FELIZ

Um outro quadro aparece quando se pediu que os jovens se pronunciassem, em intensidade, sobre as qualidades exigidas para um casamento exitoso<sup>173</sup>. Destacam-se, como importantes ou muito importantes, sete aspectos, com uma percentagem acima de 80%. São, em ordem decrescente: a fidelidade, o discutir os problemas do casal, o falar das questões de interesse comum, o manter boas relações sexuais, a compreensão e a tolerância, o respeitar-se e apreciar-se mutuamente e um salário adequado. Seis dos sete aspectos dependem de atitudes do casal e só o último fala de algo externo, isto é, do salário adequado. Nos aspectos pouco importantes, destacam-se cinco: o estar de acordo em questões políticas, o pertencer ao mesmo meio social, o partilhar as mesmas convicções religiosas, o ter filhos e o viver independentemente dos sogros. Olhando o item “ter filhos”, observamos que são os pesquisadores de dois lugares que afirmam com mais força que não é importante ter filhos: os de um colégio (Polisinos) e os de um bairro pobre (Vila Campina); são os de dois colégios particulares que declaram que os filhos são importantes. Podemos concluir que a situação externa e as situações que exigem uma postura pessoal (política, religião) não são importantes. Os conflitos “racional” não são importantes. Nem o filho conta. Importante é que se sintam bem. O que vale é a afetividade pessoal, não o que cada um pensa e deseja.

170 Q.94.

171 Veja-se a contradição.

172 Q.93.

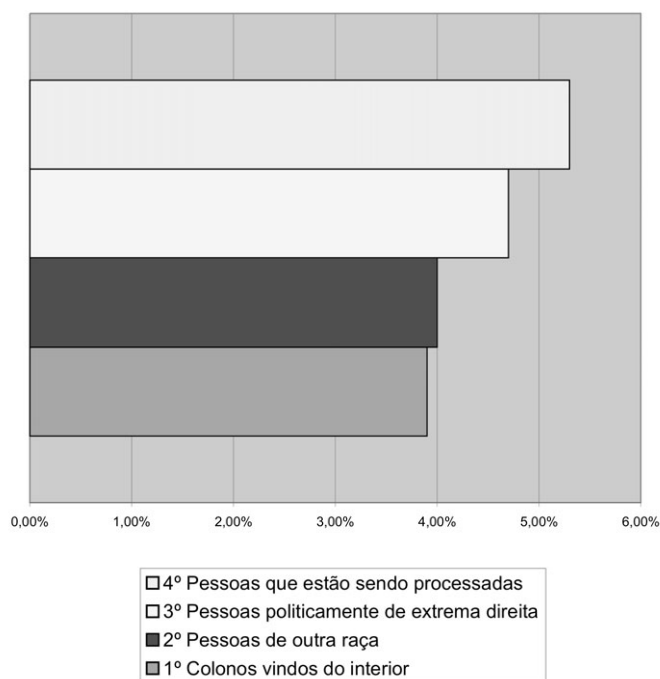
173 Q. 95.

## ABORTO

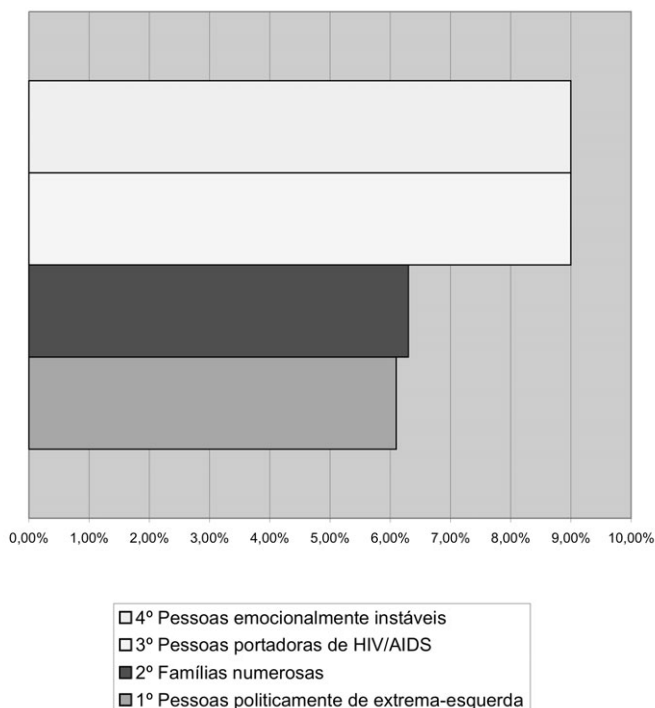
Um assunto que a pesquisa aborda é o aborto. Pedia-se que os jovens se manifestassem quanto aos motivos que justificam fazer um aborto<sup>174</sup>. Indicam-se cinco possíveis motivações, sendo uma das opções “Nada justifica fazer um aborto”. Numa pergunta anterior<sup>175</sup> quando se punha uma opção intensiva do “nada justifica” ao “justifica-se totalmente”, 52,9% a 58,6% dos jovens disseram que “nada justificava” um aborto e 10,3% a 18,3%, disseram que “se justifica totalmente”.

Diante das possíveis motivações de um aborto (não querer ter o filho, não querer assumir o filho, a mãe correr perigo, o bebê nascer com alguma doença ou anomalia, não ter condições para criar o bebê e havendo estupro), a geografia das respostas é totalmente outra: se 15,0% repetem o “nada se justifica”, o fato de a mãe correr perigo (21,4%), o estupro (29,6%) e o bebê ter uma doença ou anomalia (18,0%) são as três grandes motivações que justificariam um aborto. O “nada justifica o aborto”, entre sete razões, fica em 4º lugar. Examinando com mais atenção estas respostas, verificamos que é no colégio Olindo Flores e nos bairros Feitoria e Arroio da Manteiga que os jovens mais confirmam o “nada justifica”. Entretanto, é nos colégios particulares que os jovens mais cedem às motivações apresentadas. De qualquer forma, é muito significativa uma percentagem de 52,9% diminuir para 15,0% e o fato de 10,3% subir, no mesmo assunto, para 82,6%.

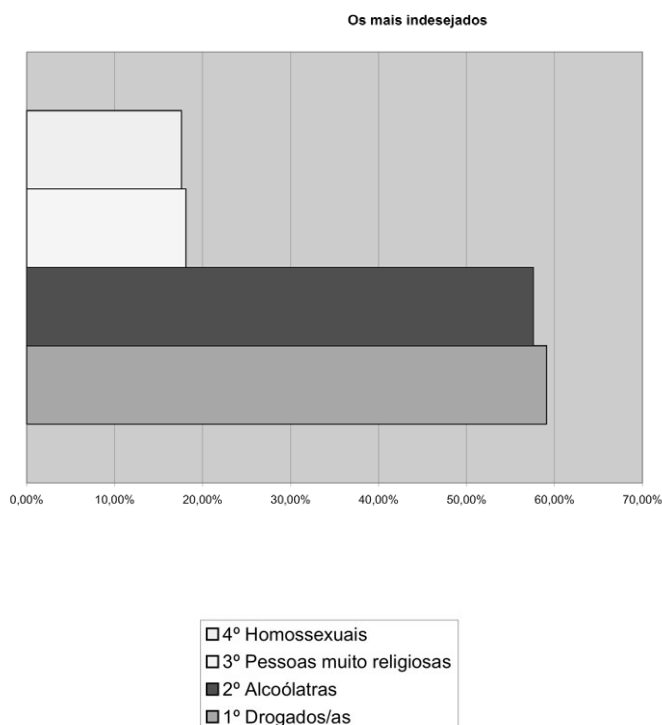
### OS MENOS INDESEJADOS



### OS MAIS OU MENOS INDESEJADOS



### OS MAIS INDESEJADOS



174 Q.92.  
175 Q.63.4

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A**presentamos uma leitura geral dos dados da pesquisa; outras leituras mais específicas esperam ser feitas. Falamos de 56.309 pessoas de 14 a 30 anos. Desses 31.927 (56,7%) nasceram em São Leopoldo; aproximadamente 48.200 (85,6%) deles consideram-se “felizes” ou “muito felizes”, mas cerca de 6 mil declararam-se “pouco felizes” ou “infelizes”. 83,4% dos pais desses jovens não nasceram em São Leopoldo, 41.330 dos jovens leopoldenses afirmam-se brancos e cerca de 40 mil moram com os pais. Os motivos mais fortes de ficarem em casa são econômicos e afetivos. 37.895 dos jovens leopoldenses consideram-se “pobres” ou da “classe média baixa”. Eles têm orgulho de ser brasileiros. O coletivo é menos importante, para eles, do que o privado (individualismo). É uma juventude que não se preocupa muito com os desempregados. Em grande parte é, migrante, branca, levada a ficar em casa, mesmo sem ter raízes familiares sólidas, arrastada pela competição enfrentada individualisticamente, preocupada com o trabalho.

Concluindo, queremos fazer uma retomada dos dados e apontar para um diagnóstico para quem deseja trabalhar com a juventude leopoldense.

## 1. RETOMADA

### A) OS JOVENS PENSAM...

O controle dos pais, em casa, não é de longe o “mal pior” para o jovem por causa do diálogo e apesar dos conflitos. A família, para o jovem leopoldense, é muito importante. Contudo, iguala-se a vontade dos jovens de sair e de ficar em casa. Uma das causas da violência (a quarta) é a baixa escolaridade. Para o êxito no casamento, o “ter filhos” fica em 12º lugar (entre 15 condições de felicidade matrimonial). Para os jovens leopoldenses, o casamento não é algo que caiu da moda, embora 54,6%, isto é, aproximadamente 30.744 jovens, aprovem a mãe solteira. Para boa parte dos jovens de São Leopoldo, as autoridades religiosas não devem influenciar nas eleições. Para eles, o trabalho deve ser prazeroso. Se há vagas de trabalho, elas devem ser dadas, primeiramente, para os cidadãos brasileiros. Eles querem trabalho porque na vida é preciso competir. Ter uma ideologia não é importante para as pessoas, assim como não é importante, no casamen-

to, estar de acordo em questões políticas. Da mesma forma, podemos falar da religião. Ela não é importante para a vida, assim como o ter dinheiro. A maioria dos jovens é favorável ao divórcio. Duas saídas apontadas para termos uma sociedade justa e menos violenta é reforçar a segurança policial e garantir as necessidades básicas para o povo. Estamos diante de uma juventude que tem e procura, na família, um arrimo e encara o estudo como instrumento do “vencer na vida”. O outro, nem mesmo o próprio filho, conta muito. Importa realizar-se e encontrar um/a companheiro/a para seu afeto.

### B) COISAS QUE ENXERGAM

Os jovens leopoldenses afirmam que as mães deles são mais “sem religião” do que os seus pais. Se aproximadamente 17.203 destas mães são católicas, aproximadamente 31.364 dos filhos confessam-se católicos. Se 21,7% dos pais do bairro Feitoria têm o Ensino Médio completo, os pais (homens) do bairro Arroio da Manteiga só chegam a 1,9%. Cerca de 20 mil jovens de São Leopoldo (36,6%) têm os pais separados o que não os leva a largar a família. Aham que os três maiores problemas de São Leopoldo são a violência, o desemprego e a má administração pública - todos problemas políticos - mas rejeitam a política. Os problemas menos importantes, em São Leopoldo, são a educação, a fome e a miséria, mas dizem, ao mesmo tempo, que são de classe baixa, talvez por sorte do destino. Os jovens vêem, também que, nos últimos quatro meses, cerca de 6 mil jovens foram assaltados e cerca de cinco mil jovens foram agredidos. O lugar de maior perigo é a rua. Dizem que as duas grandes causas da violência são o tráfico de drogas e a falta de apoio e estrutura familiar (a qual tanto estimam), e isso não exige “participar”, isto é, organizar-se. As duas piores formas de violência, para os jovens, são o estupro e o assalto violento.

### C) O QUE FAZEM?

De 56.309 jovens, 35.756 estudam. Assim como, 29% dos jovens de 18 a 21 anos não estudam, 40,0% dos jovens de 26 a 30 anos ainda estudam. Contudo, só 31,5% da juventude do bairro Arroio da Manteiga estuda. Em percentagem alta, os jovens encontram-se com os amigos semanalmente. Os jovens que menos se encontram são os do Arroio da Manteiga. Como instrumento de lazer, quem comanda o espetáculo é o rádio; para a informação, o que se usa mais é a TV. Os tipos de mú-

sica mais apreciados são o hip hop, o pop e o rock. Não tem muita entrada o samba. 33,4% dos jovens de São Leopoldo não praticam esporte. Os lugares de encontro mais badalados são os do centro da cidade e, evidentemente, os postos de gasolina. Grande maioria dos jovens não levou o namorado/a para dormir em casa com o consentimento dos pais. 68,3% dos jovens de São Leopoldo, isto é, aproximadamente 38.459 jovens com a idade de 14 a 30 anos, trabalham, mas cerca de 10 mil não trabalham. Dos jovens de São Leopoldo, cerca de 8 mil pararam de estudar por causa do trabalho. Os jovens dizem querer participar, principalmente, de organizações e movimentos sociais dos quais nunca participaram. A juventude leopoldense afirma não ter grande preocupação com os migrantes. Na sua opinião, são principalmente os jovens que praticam a violência. As vítimas da violência, segundo eles, são eles mesmos e os adultos, mas 34,4% dizem que as vítimas são principalmente os jovens. 74,3% dos jovens afirmam que rezam, meditam ou contemplam durante o dia. O trabalho, a educação e a religião não são eixos integradores, e os espaços de lazer não são considerados como um direito de todos.

### **C) O QUE DESEJAM?**

O jovem leopoldense deseja, principalmente, bom futuro e emprego. O bom da juventude, dizem, é ter futuro e curtir a vida. Grande número deles gostaria de ir à boate Factory Beer. Os motivos que os jovens têm para sair de casa são a falta de liberdade, a busca de autonomia e os conflitos em casa, mas não vislumbram que poderiam ser mais protagonistas porque não se é protagonista sozinho. A construção do protagonismo relaciona-se com uma convivência mais “sistemática” Os jovens querem que o casamento signifique uma relação estável. Na voz da juventude, há aproximadamente 18.581 deles buscando emprego em São Leopoldo, mas têm dificuldade em organizar-se. As coisas, para eles, devem vir feitas. Embora os movimentos religiosos sejam os que contam com mais jovens, eles querem participar especialmente de movimentos ecológicos e de trabalhos comunitários, mais distanciados dos conflitos estruturais sóciopolítico-econômicos. O movimento estudantil também é uma das atrações de boa parte da juventude, que prefere um sistema democrático, mas os jovens de 26 a 30 anos (principalmente) sonham com um governo “técnico”, não formado por tendências políticas. Há até os que sonham com uma “mão de ferro”. Os vizinhos menos indesejados pela juventude são os colonos vindos do interior. Assim como a fé religiosa não é desenvolvida pelos pais, ser uma pessoa famosa não é importante para a realização pessoal.

### **D) O QUE A JUVENTUDE REJEITA? DE QUE ELA NÃO GOSTA?**

Embora muito freqüentados, grande parte da juventude não deseja ir nem ao Bistrô, nem ao Gigante do Vale e nem ao Sca-la Club, porque lá vai “gente da ralé” ou adultos. Esperam espaços reservados para eles Os jovens não admitem que pai e

mãe separados tragam uma atmosfera feliz para a família. Eles, igualmente, não aceitam aventuras extraconjugais por parte dos casados, mas aprovam, em sua maioria, o divórcio. Discordam, em grande parte, da ocupação de terras. Rejeitam participar de partidos políticos e não tem muita simpatia por movimentos de Igrejas. Rejeitam a corrupção dos políticos e o preconceito de cor. Resistem, também, em ter vizinhos de extrema esquerda. Condenam fumar em lugares públicos e não gostariam de ter, como vizinhos, pessoas muito religiosas. Assim como afirmam certas situações mais revoltantes (corrupção dos políticos, preconceito de cor, queimada de florestas, dirigir bêbado e terem que ficar horas na fila), dizem que situações menos revoltantes são policiais matar bandido, fazer justiça com as próprias mãos, agredir homossexuais e bandido matar policial.

### **E) DÚVIDAS...**

Não está claro para os jovens de São Leopoldo se as causas da pobreza são a injustiça social ou a falta de força de vontade das pessoas. Ao mesmo tempo que afirmam isso, parece que vale aquilo. Não sabem, também, se preferem as Forças Armadas no poder nem se é bom ter no poder um homem forte que dispense o Congresso Nacional. Ser democrático é bom, mas é difícil e supõe responsabilidades. Os jovens duvidam se as democracias sabem manter a ordem nem dizem com clareza se são aceitas as falsificações em impostos de renda. Não fica muito definida a posição, também, com relação à legalização da maconha. Os jovens são contraditórios quanto a uma postura mais definida diante do aborto. Assim como acham que ele não se justifica de forma nenhuma, são capazes de dizer que, em certas situações, se justifica totalmente. Não fica claro, igualmente, se são válidas, para os jovens, indenizações além do que se tem direito. Assim como ficam indefinidos quanto ao significado dos políticos que não acreditam em Deus. Não seria melhor ter homens públicos com convicções religiosas muito fortes?

### **F) ALGUNS ACENTOS**

Numa visão de conjunto, mesmo repetindo um e outro dado, podem ser destacados alguns aspectos com relação à família, à situação econômica e com respeito a algumas situações sociais.

#### ***Família***

1. Impressiona o fato de 83,4% dos pais dos jovens entrevistados não serem de São Leopoldo e o fato de 49,4% dos jovens não saberem ou não dizerem onde nasceram seus pais ou mães;
2. É significativo que 30,1% dos jovens de 14 a 30 anos vivam em estado “marital” e que apenas 1,7% deles estejam casados no religioso;



3. Destaca-se a informação sobre a percentagem alta das mães leopoldenses sem religião;
4. Será que os adultos estão preparados para ouvirem os jovens afirmarem que a segunda causa da violência em São Leopoldo é a falta de estrutura e apoio familiar?
5. Não deixa de chamar a atenção descobrir que, para os jovens, o ter filhos esteja (entre 15 condições) na 12ª posição para que o casamento seja exitoso.

### **Aspectos econômicos**

1. Não é inexpressivo ouvir 67,3% dos jovens afirmarem que são pobres ou de classe média baixa. A pesquisa atingiu jovens nos locais mais significativos;
2. Os diversos extratos da pesquisa, evidenciam as diferenças entre a Região Norte (do lado do Rio dos Sinos para quem vem de Novo Hamburgo) e a Região Sul (do lado do Rio dos Sinos para quem vem de Porto Alegre);
3. Impressiona a fragilidade analítica das causas da pobreza da povoação. As causas estruturais são apontadas com afirmações muito leves. Parece que a culpa de tudo é a falta de força de vontade das pessoas;
4. Impressiona o número de jovens leopoldenses em busca de emprego.

### **Situações sociais**

1. Pode parecer um caso muito particular, mas chama a atenção que no bairro Arroio da Manteiga:
  - a) só 48,1% dos jovens encontrem seus amigos semanalmente;
  - b) só 31,5% dos jovens do bairro estudem;
  - c) só 1,9% dos pais (homens) tenham o Ensino Médio completo;
2. Não é tranquilo descobrir que São Leopoldo esteja em 8º lugar (entre 18 municípios do Vale dos Sinos) na percentagem dos jovens estudando, superado por municípios como Nova Hartz, Estância Velha, Canoas e outros;
3. Ter que ler, nas mensagens dos números, a pouca importância que tem a fé religiosa para a juventude leopoldense, a pouca confiança que há, por parte deles, nas igrejas, ao mesmo tempo que há uma afirmação significativa da crença em Deus. A religião tornou-se uma formalidade que não conta nos momentos cotidianos da vida;
4. Descobrir, nos dados, o mal que fazem as experiências ruins de participação em movimentos sociais e

organizações juvenis, destacando-se o movimento estudantil e os movimentos de igrejas;

5. Dar-se conta da fraca expressão da presença do tráfico de drogas, considerado somente como o 5º maior problema de São Leopoldo;
6. Perceber a fragilidade, entre os jovens, do senso democrático, do senso coletivo e da pouca importância que tem para a juventude a ideologia;
7. Defrontar-se com a afirmação de três situações consideradas “pouco revoltantes”. Referimo-nos ao fato de bandido matar policial, fazer justiça pelas próprias mãos e policial matar bandido<sup>176</sup>;
8. Enquanto sugestivo, é questionador o quadro dos vizinhos que os jovens sonham ter, ou não. Por um lado, encontrar entre os menos indesejados os colonos vindos do interior e pessoas de outra raça e, por outro, ver que entre os mais indesejados, depois dos drogados, alcoólatras e pessoas muito religiosas, são os homossexuais.

## **2. ELEMENTOS PARA UM DIAGNÓSTICO**

Num trabalho junto, com e para os jovens de São Leopoldo, nas diferentes esferas (educacional, política, religiosa, social...), a pesquisa oferece alguns elementos importantes de serem considerados.

### **1. SÍNDROME DE MIGRANTE**

A população leopoldense e juvenil sofre da síndrome do migrante. São Leopoldo não é ou não se tornou, ainda, o chão de grande parte de sua população. Se os pais dos entrevistados vieram para cá movidos por uma utopia, a mesma utopia não vale mais para os filhos. São Leopoldo é um município que precisa ser mais amado pelas condições que oferece para viver, destacando-se como um município que “adote” grande parte de sua população. Não é a mesma coisa ser nascido no lugar em que se mora ou carregar no sangue a “síndrome do migrante”. As condições adversas existem em toda a parte, mas elas precisam ser minimizadas e superadas. Trata-se de ser um “município”, uma “cidade” que seja a casa de todos os seus habitantes.

### **2. TURBULÊNCIA FAMILIAR**

Os dados que os jovens deram, na pesquisa, deixam bem explícito que há uma turbulência no paradigma familiar. Vimos que a juventude afirma a “fidelidade” de diferentes formas. Não é tranquilo, para os jovens, verem que 36,6% dos pais são “separados”. Se o “casamento” não está fora de

<sup>176</sup> Foi esta palavra que se usou no questionário, talvez não se dando das conotações que pode ter.

moda, há um modo sonhado de convivência feliz, em que o “ter filhos” não é rejeitado, mas não é considerado determinante. A severidade com as “aventuras extraconjugais” não precisa significar um moralismo acomodado. Sonha-se com uma “relação estável” mesmo que a juventude seja a idade dos imediatismos e da falta de experiência. Fica muito claro o desejo que o jovem tem de pertencer a um “lar” onde se sinta acolhido e sirva como referência agradável. É verdade que o “ficar em casa” e o “sair de casa” são contraditórios, mas o que comanda o elã de “sair de casa” é a vontade de ser autônomo, isto é, ser “protagonista”, ser sujeito de sua história. É a grande fragilidade e o grande limite do jovem, mas também é a conquista do que há de mais importante na vida de um jovem que exige, por parte da família e da sociedade, uma atitude pedagógica que ajude na construção desse sonho.

### 3. AUSÊNCIA DE EIXOS INTEGRADORES

Um terceiro campo sintomático que a pesquisa oferece é a ausência, na juventude leopoldense, de “eixos integradores” para o social. Entendemos como “eixos integradores”, por um lado, a família e, por outro, a educação e o trabalho. Referimo-nos especificamente a eixos integradores não somente na dimensão pessoal, mas no social. Fala-se, por exemplo, de uma formação “integral” quando esta formação consegue realizar um trabalho construtivo em todos os aspectos da pessoa: personalização, socialização, capacitação técnica, etc. Um “eixo integrador” é uma realidade que possibilita a pessoa – em nosso caso, o jovem – a “integrar-se”, isto é, a “completar-se”, a “inteirar-se” como indivíduo e como ser social. A constituição de uma família faz a pessoa “integrar-se” na vida da sociedade, com responsabilidades e direitos definidos. O “eixo integrador” não é integrador automaticamente; ele o é quando responde a certas condições. Não basta, por isso, “casar” para viver e ser uma família “integrada”, mas a família, como tal, oferece condições de ser um eixo integrador no sentido social e pessoal. Considerando importante a família, o jovem leopoldense intui que ela (a família) deveria ter condições de ser “integradora”, respondendo a certas exigências. Uma das “condições” de todos os eixos integradores é que o eixo exige “relações sociais”. A família não pode ficar nela mesma, mas coexistir com outras famílias por meio de organizações e programas comuns, tornando-se um “organismo da sociedade civil”. Ultrapassa-se o meramente individual para tomar feições coletivas.

A “educação” é um outro eixo integrador possível. Contudo, assim como a família, o efeito integrador da educação não é automático. Não basta “estudar”, não basta “saber”; a educação é integradora quando ela forma para o social, para o econômico e o político, numa perspectiva mais ampla do que “individual”. Vai-se além da “informação”; trata-se de cultivar e exercer valores comunitários e coletivos no indivíduo. A “educação” torna-se integradora quando o “educando” é

levado a inserir-se, por meio dela, na sociedade como indivíduo feito para os outros. Abraça uma causa não só como indivíduo, mas como “sociedade”. Por isso, a importância da participação em movimentos sociais como, por exemplo, o movimento estudantil. Nenhum “movimento social” existe por si; ele integra-se no social. O fato de 32,9% nunca se encontrar com os companheiros de “estudo”, fora do esquema “escolar”, bem como 33,1% não querer participar de “movimento estudantil” e até ouvir a juventude dizer que a educação “não é problema”, é dramático, pois é um sintoma de que a educação não seja encarada como “integradora” ou de que o jovem não seja orientado para se “integrar”. Desse modo, torna-se no mínimo dúbio o dado que afirma que a instituição educativa é a instituição de maior confiabilidade para o jovem. Por que é num bairro de características bem pobres que essa confiabilidade é questionada? Confia-se porque lá se “educa para a vida” ou porque é lá que encontram tranqüilidade e bons relacionamentos?

Não basta, por isso, oferecer “espaços de lazer”. É necessário garantir que estes espaços sejam “integradores”, levando os jovens a crescer em cidadania pela prática de esportes, por exemplo.

Algo semelhante vale para o “trabalho”. Não é o fato de alguém estar trabalhando que o faz estar “integrado” no social, mesmo que o trabalho seja importante. O trabalho torna-se um eixo integrador não só para o campo da sobrevivência econômica – o que pode ser considerado importante para a sociedade – mas para outros campos da vida da pessoa: vida coletiva, política, cultural e, até, religiosa. O trabalho não é automaticamente integrador. Assim sendo, torna-se problemático ver 61,1% dos jovens afirmarem que não gostariam de participar de partidos políticos. O que interessa não é tanto o “partido”, mas a vontade de vivenciar o coletivo. É claro que há outras formas de vivenciar essa participação, mas nem todas as realidades têm a mesma força integradora no social. Os eixos integradores relacionam-se com a “felicidade” do cidadão, entendido como indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. Há vários dados que mostram que a juventude leopoldense expressa maior adesão ao “cultural” e não ao “econômico” e ao “político”. Além de poder ser a expressão da acomodação diante da vida conflitiva, é ao mesmo tempo a fuga daquilo que é determinante na vida da pessoa e da sociedade.

Os dados gritam que é preciso investir mais na educação para o “empoderamento” juvenil e para a construção do projeto de vida, ajudando os jovens a saírem da dependência e assumirem a vocação protagônica que mora neles, superarem a visão de futuro visto como tormento, aprendendo a encará-lo como alegria. Embora os jovens caiam em atitudes “morais”, não deixam de expressar, igualmente, a confiança que têm no político (não partidário) e no cultural.

#### 4. RELIGIOSIDADES REJEITADAS

Uma situação delicada se apresenta, igualmente, por detrás dos dados relacionados com a religião e a religiosidade. Historicamente, São Leopoldo era (e é) um município formado por luteranos e católicos com uma presença privilegiada e reconhecida de destacados centros de formação filosófica e teológica, centros de espiritualidade, presença de religiosos e religiosas. É verdade que tomava o aspecto de “levas” de estudantes que “passavam”, mas não deixavam de ter contactos com a população. Os dados da pesquisa mostram que os jovens entrevistados afirmam atitudes que parecem, no mínimo, questionadoras dessa herança “religiosa”. Há alguns aspectos que precisam ser ressaltados:

- 1) ou esta “tradição” não foi transmitida ou esta “tradição” foi mal feita. A “leva” de migrantes, em percentagem elevada (como vimos) ficou “de fora” dessa realidade local. O “local” não acolheu a “novidade”;
- 2) um sintoma que se apresenta é que as religiões mais representativas são a católica, a pentecostal e a luterana. Mais ainda: assim como a católica (mais numerosa) está em 5º lugar entre as instituições em que os jovens mais confiam, as outras duas recebem um atestado de confiança muito baixo por parte da juventude;
- 3) outros dois dados que se destacam se referem à pertença “religiosa” das mães dos entrevistados. Se as mães são apresentadas, pelos jovens, como as que são mais significativamente “sem religião” (comparadas com os pais), o local onde essa afirmação é mais forte provém de um colégio “confessional”;
- 4) é questionador, também, o discurso dos jovens falando dos vizinhos que não gostariam de ter e encontrar entre eles, de modo muito significativo, as pessoas “muito religiosas”. Os dados são muito claros: a fé religiosa, para eles, não é só sem importância, mesmo que digam que acreditam em Deus, mas ela é rejeitada. São dados que provam um “curto-circuito” na matéria que pode relacionar-se com a rejeição da “vida comunitária” e a adesão à vivência privada, também do religioso.

#### 5. O HORROR JUVENIL DA VIOLÊNCIA

Uma realidade que, embora não tenha sido investigada de modo específico, acompanha os dados da pesquisa é a violência. O discurso sobre ela é escondido; a juventude leopoldense tem medo e, por isso, deixa “no meio do campo” (como afirmamos na leitura) algumas realidades. A desconfiança é grande. É horrível a juventude ver-se levada a dizer que ela é, ao mesmo tempo,

vítima e protagonista da violência, mas que são eles, os jovens, as maiores vítimas. A violência está em toda a parte, como dizem os jovens, mas ela tomou conta das ruas. Quais as causas desse horror de uma geração destinada a ser a alegria da sociedade? Talvez justamente por serem destinados a ser a alegria da sociedade, são colocados no lugar de “modelo ideal de felicidade”, são impedidos de ser autênticos em sua diversidade, de mostrar-se infelizes, de poder “sofrer em paz”, o que acaba saindo por outra via: a violência. Eles são muito certos na resposta: por um lado, a falta de trabalho gera falta de esperança e oportunidade; por outro lado, os jovens apontam para a desestrutura familiar. Ao mesmo tempo que sonham com família, é ali que reside a fonte do terror. A desestrutura familiar está em que há uma inversão de valores na sociedade capitalista. É o jovem o modelo ideal de felicidade que está sendo perseguido pelos pais, e não mais o contrário. Com isso, fica mais difícil os pais estabelecerem limites para os jovens, pois “juventude é não ter limites, e isto é ser feliz” como dizem os comerciais. Cria-se, assim, uma onipotência nos jovens que põem a resposta dos problemas sociais fora deles. Estão “sem lugar real”, mas simbólico e não-correspondente à realidade. Cria-se uma confusão de valores dentro dos quais o jovem está perdido, procurando uma saída, dificilmente encontrando-a. Eles falam, também, do tráfico, mas de maneira tal que parece um discurso proibido. É perigoso falar de “certos assuntos”... tanto assim que a situação de pobreza só chega em terceiro lugar. Por isso, São Leopoldo assiste a uma juventude brigando, principalmente, em dois “bandos”: a torcida do “grêmio” (Torcida Jovem) e a torcida do “internacional” (Camisa 12). O que deveria ser fonte de lazer e de vibrações festivas e apaixonadas, torna-se fonte de agressões e desrespeitos. Onde, contudo, extravasar tanta energia opressora e tanta falta de acolhida que pesa sobre os ombros dessa juventude?

Um quadro muito revelador é o da confiança e desconfiança. Outro é o das situações revoltantes. Como sociedade, temos que perguntar-nos o que significa para um coração juvenil a corrupção, tendo conseguido disfarçar-se por séculos e, aos poucos, mostrando alguns *icebergs* de sua hediondez. É verdade que a justiça pelas próprias mãos é a encarnação de uma sociedade que perdeu sua dignidade, mas ante o horror que herdaram, impedidos de caminhar livremente pelas ruas, os jovens são levados, devagarzinho e com muita vergonha, a aprová-la. Infelizmente rejeitam menos o fato de um policial matar um bandido do que um bandido matar um policial. É o medo de morrer e o medo de sobrar agregados pelo medo de “ficar por fora”, isto é, estar desconectado. Só quem não entende de juventude não sabe o tamanho que tem esse medo...



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOUD, Nicole. Verbete Juventude. In: *Enciclopédia Universalis*. Paris: 1989.
- ABRAMO, Helena Wendel; MARTONI BRANCO, Pedro Paulo (org.). *Retratos da Juventude Brasileira* – análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BAJOIT, Guy. *Todo cambia*: analysis sociológico del cambio social y cultural em las sociedades modernas. Santiago: LOM, 2003.
- CASTRO, Carmen (org.) *Jóvenes*: en busca de una identidad perdida? Santiago: Universidad Católica Cardenal Silva Henríquez, Centro de Estudios en Juventud. Serie Jóvenes n. 1. s/d.
- CHARVET, Dominique. *Jeunesse, le devoir d'avenir*. um défi démocratique in Jeunesse, le devoir d'avenir. Paris: La documentation française, 2001.
- DICK, Hilário. *Gritos silenciados mas evidentes* – os jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola, 2003.
- DICK, Hilário (coord.) *Às margens juvenis de São Leopoldo* – dados para entender o fenômeno juvenil na Região. São Leopoldo: Cadernos IHU, ano 3, nº 11, 2005.
- DICK, Hilário. *O imaginário religioso do estudante da UNISINOS*. São Leopoldo: Cadernos IHU, ano 1, nº 1, 2003.
- DUBET, F. *La galère en servie*. Paris: 1987.
- DUNNING, E. *Quest for excitement*, sport and leisure in the civilizing process. Oxford: Blackwell, 1993.
- GADEA, Carlos A. La teatralidad de la indiferencia contemporánea, *Revista La Colmena*, Universidad Autónoma del Estado de México, n. 35-36, Toluca, México, 2002.
- GALLAND, Olivier. *Les jeunes et l'exclusion em L'exclusion l'état des savoirs*. Paris: Éditions La Découverte, 1996.
- GERGEN, Kenneth. *Ely o saturado*. Dilemas de identidad en el mundo contemporáneo. Barcelona: Paidós, 1997.
- GROPPO, Luís Antônio. *Uma onda mundial de revoltas* – Movimentos Estudantis de 1968. São Paulo: Editora UNIMEP, 2005.
- KATZ, J. *The seductions of crime*. New York, 1988.
- LAGRANGE, H. *La civilité à l'épreuve*: crime et sentiment d'insecurité. Paris: Press Universitaires de France, 1995.
- LIPOVETSKY, Gilles. *La era del vacío*. Ensayo sobre el individualismo contemporáneo. Barcelona: Anagrama, 1994.
- KRISCHKE, Paulo J. Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática. In: *Retratos da Juventude Brasileira* – análise de uma pesquisa nacional São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 323-350.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político*. A tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme. Os circuitos dos jovens urbanos, In: *Tempo Social*, v. 17, n. 2, São Paulo, 2005.
- MARCUSE, H. *Vers la libération*. Paris: Minuit, 1969.
- MATZA, D. *The positive delinquent in Delinquency and drift*. New York, 1964.
- MERTON, R. *Structure social, anomie and deviance in Elements de théorie et de méthode sociologique*. Paris, 1965.
- NOVAES, Regina Reyer; MELLO; Cecília Campello do A. *Jovens do Rio* – circuitos, crenças e acessos. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, n. 57, ano 21, 2002.
- SANDOVAL MANRIQUEZ, Mario. *Jovens e exclusão: uma difícil e complexa relação*. Artigo inédito.
- THRASHER, F. *The Gang*. Chicago: The University of Chicago Press. 1927.
- ZALUAR, Alba. *Integração perversa*: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Edit. FGV, 2004.

# ANEXO - QUESTIONÁRIO

## A emergência de novos valores na juventude latino-americana – o caso de São Leopoldo -

### I. Perfil

1. Sexo: a.  feminino b.  masculino
2. Qual a sua idade? R: \_\_\_\_\_ anos
3. Aonde você nasceu?
  - a.  No município de São Leopoldo
  - b.  Em outro município. Qual? \_\_\_\_\_
4. Aonde nasceu o seu pai?  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_ Não sei (  )
5. Aonde nasceu sua mãe?  
Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_ Não sei (  )
6. Como você se identifica em termos de raça e cor?
  - a.  branca
  - b.  negra
  - c.  parda
  - d.  amarela
  - e.  indígena
  - f.  Outra. Qual? \_\_\_\_\_
7. Entre as categorias abaixo, qual descreve melhor a sua situação atual?
  - a.  solteiro/a
  - b.  casado/a no religioso
  - c.  casado/a apenas no civil
  - d.  casado/a no civil e no religioso
  - e.  separado/a/divorciado/a
  - f.  união estável/mora junto
  - g.  viúvo/a
- \* 8. Você se considera pertencente a qual das seguintes classes sociais?
  - a.  Pobre/classe baixa
  - b.  Classe média baixa
  - c.  Classe média
  - d.  Classe média alta
  - e.  Rico/classe alta
  - f.  Não sei<sup>177</sup>
- \* 9. Você se considera:
  - a.  Muito feliz
  - b.  Feliz
  - c.  Pouco feliz
  - d.  Infeliz
  - e.  Não sei

<sup>177</sup> As questões acompanhadas pelo \* são as questões comuns para os pesquisadores da *Red Latinoamericana de Investigadores en Juventud*.

## II. Atividades preferidas

\* 10. Para cada uma das atividades do quadro abaixo, diga se você as realiza (aproximadamente) “todas as semanas”, “uma ou duas vezes por mês”, “algumas vezes ao ano”, “nunca”.

	Todas as semanas	Uma ou duas vezes por mês	Algumas vezes o ano	Nunca
10.1 Passar o tempo com amigos/amigas				
10.2 Passar o tempo com colegas de trabalho e/ou estudo (fora do lugar de trabalho e/ou estudo)				
10.3 Passar o tempo com pessoas de sua Igreja				
10.4 Passar o tempo com pessoas num clube, associação esportiva, cultural, artística ou outra.				

\* 11. Quais os meios que você mais utiliza para se informar ou para seu *lazer* (marque dois itens em cada coluna)

Meio de comunicação	Informação	Lazer
11.1 TV		
11.2 Rádio		
11.3 Jornal		
11.4 Revista		
11.5 Internet (chat, orkut...)		
11.6 Outro		
11.7 Nenhum		

12. Qual é a melhor coisa em ser jovem? (marque apenas UMA opção)

- a. ( ) Poder aproveitar/curtir a vida;
- b. ( ) Ser jovem, como tal;
- c. ( ) Não ter responsabilidades;
- d. ( ) Namorar;
- e. ( ) Poder estudar;
- f. ( ) Ser livre;
- g. ( ) Ter um futuro pela frente;
- h. ( ) Outro: \_\_\_\_\_

13. Qual é a pior coisa em ser jovem? (marque apenas UMA opção)

- a. ( ) O controle dos pais;
- b. ( ) Não poder se sustentar sozinho;
- c. ( ) O desemprego;
- d. ( ) A influência das más companhias;
- f. ( ) A preocupação com o futuro;
- g. ( ) Outro: \_\_\_\_\_
- h. ( ) Não sei

14. Você pratica alguma atividade esportiva? a. ( ) Sim; b. ( ) Não.

- Se sim, qual a principal? 14.1. ( ) Skate; 14.2 ( ) Basquete; 14.3 ( ) Futebol;  
14.4 ( ) Atletismo; 14.5 ( ) Vôlei; 14.6 ( ) videogame 14.7 ( ) Natação;  
14.8. ( ) Outra: \_\_\_\_\_

15. No seu bairro, qual a situação das áreas de lazer?

- a. ( ) Boa
- b. ( ) Ruim
- c. ( ) Regular
- d. ( ) Não há lugar de lazer

16. Que tipo de música você gosta de escutar? (marque até três):

- a. ( ) Pop
- b. ( ) Hip-hop
- c. ( ) Pagode
- d. ( ) Samba
- e. ( ) Gauchesca
- f. ( ) Eletrônica (techno)
- g. ( ) Sertaneja
- h. ( ) Rock
- i. ( ) Outra: \_\_\_\_\_
- j. ( ) Não sei.

17. Vamos apresentar uma lista com o nome de vários lugares freqüentados por jovens à noite. Para cada um dos lugares que vamos citar, diga se você já foi ou não e se gostaria de ir ou não.

Lugares	“Já fui!”	(se não foi) Gostaria de ir?	Não sei; Não conheço!
17.1 Bar Expresso 356	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.2 Bar Factory Beer	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.3 Bar Bistrô	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.4 Bar do André	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.5 Bar Marrakech	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.6 Bar Athelier Zumbi	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.7 Bar Café Rua Grande	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.8 Bar Central	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.9 Bar Favorité	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.10 Postos de gasolina	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.11 Gigante do Vale	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.12 Scala Club	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.13 Sociedade dos Cantores	a. ( ) Sim; b. ( ) Não.	c. ( ) Sim; d. ( ) Não.	( )
17.14 Outro:			

### III. Escola, estudo...

18. Você está estudando? a. ( ) Sim; b. ( ) Não.

19. Se está estudando, por que você vai à escola?

- a. ( ) é obrigado/a
- b. ( ) acha importante para o futuro
- c. ( ) para ver os colegas
- d. ( ) não sabe

20. Se não está estudando, por que parou de estudar?

- a. ( ) precisou trabalhar;
- b. ( ) estudar não vale a pena;
- c. ( ) as escolas onde estudou eram ruins;
- d. ( ) concluiu os estudos;
- e. ( ) outro: \_\_\_\_\_

21. Nos seus estudos, até onde você chegou?

- a. ( ) Nunca estudei;
- b. ( ) Até a quinta série ou menos do ensino fundamental;;
- c. ( ) Entre a 6ª e a 7ª série do ensino fundamental;
- d. ( ) Ensino fundamental completo;
- e. ( ) Ensino médio incompleto;
- f. ( ) Ensino médio completo;
- g. ( ) Superior incompleto;
- h. ( ) Superior completo ou mais.

22. Qual a escolaridade que seus pais alcançaram?

PAI	MÃE
22.1 ( ) Nenhuma	22.8 ( ) Nenhuma
22.2 ( ) Fundamental incompleto	22.9 ( ) Fundamental incompleto
22.3 ( ) Fundamental completo	22.10 ( ) Fundamental completo
22.4 ( ) Ensino Médio incompleto	22.11 ( ) Ensino Médio incompleto
22.5 ( ) Ensino Médio completo	22.12 ( ) Ensino Médio completo
22.6 ( ) Superior incompleto	22.13 ( ) Superior incompleto
22.7 ( ) Superior completo ou mais	22.14 ( ) Superior completo ou mais



## IV. Família

23. Você mora com os seus pais? (*Pode ser apenas um dos pais*)  
a.  sim;      b.  não
24. Se não, mora com parentes? a.  Sim.    b.  Não
25. Quantas pessoas vivem na mesma residência onde você mora (incluindo você)?  
a.  1 a 3 pessoas; b.  4 a 6 pessoas; c.  7 ou mais pessoas.
26. Você tem filhos?  
a.  Sim. Quantos? \_\_\_\_\_ b.  Não
27. Eles foram “programados”? a.  sim    b.  não
28. Pretende ter filhos? a.  sim    b.  não    c.  Não sei
29. Se você tivesse que classificar, de 0 a 10, o seu grau de *vontade de sair* de casa dos seus pais, que nota você daria? (*0 = nenhuma vontade de sair da casa; 10 = muita vontade de sair da casa*)

(Nenhuma vontade)

(Muita vontade)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

30. Qual seria o seu motivo mais forte para *não querer ficar* na casa dos pais? (*Marque apenas uma opção*)  
a.  A falta de liberdade;  
b.  A busca de autonomia;  
c.  Os conflitos em casa;  
d.  O estudo/trabalho;  
e.  A vontade de morar com amigos ou amigas, companheiros ou companheiras...  
f.  Não tenho vontade de sair da casa dos meus pais.
31. Pesquisas constataam que os jovens saem cada vez mais tarde da casa dos pais. Dos motivos que vamos citar abaixo, qual você considera o PRINCIPAL para um jovem *permanecer* na casa dos pais? (*Marque apenas UMA opção*):  
a.  Não ter dinheiro para manter-me sozinho/a;  
b.  Na casa de meus pais tenho liberdade e conforto;  
c.  Não quero assumir a responsabilidade pela casa o tempo todo;  
d.  Eu tenho um bom relacionamento com eles; gosto da companhia deles;  
e.  Mesmo tendo dinheiro para viver sozinho/a, não seria possível manter o meu padrão atual;  
f.  Outro: \_\_\_\_\_
- \* 32. Você concorda com a afirmação de que “o casamento é uma instituição que saiu da moda”?  
a.  Sim;      b.  Não;      c.  Não sei.
- \* 33. Se uma mulher deseja ter um filho e continuar solteira, você a aprova ou desaprova?  
a.  Aprovo  
b.  Desaprovo  
c.  Não sei
- \* 34. Se você ouviu alguém dizer, “para que alguém cresça numa atmosfera feliz, é necessário que estejam o pai e a mãe”, você está:  
a.  Muito de acordo;  
b.  De acordo;  
c.  Em desacordo;  
d.  Muito em desacordo;  
e.  Não sei.
- \* 35. Você acredita que para uma mulher ser feliz:  
a.  é necessário ter filhos;  
b.  não é necessário ter filhos;  
c.  Não sei.

\* 36 Em que medida você concorda ou não com as seguintes afirmações?

	Concordo totalmente	Concordo	Estou indiferente	Discordo	Discordo totalmente	Não sei
36.1 Um homem precisa ter filhos para desenvolver-se como pessoa						
36.2 O casamento ou uma relação estável é condição para ser feliz						

\* 37. Das qualidades, que os pais desejam desenvolver em seus filhos, abaixo citadas, quais são para você as TRÊS mais importantes?

- As boas maneiras;
- A independência;
- A dedicação ao trabalho;
- O sentido de responsabilidade;
- A imaginação;
- A tolerância e o respeito com os outros;
- O espírito de economia (não esbanjar nem o dinheiro nem as coisas);
- A determinação, a perseverança;
- A fé religiosa;
- A generosidade;
- A obediência;
- Outra: \_\_\_\_\_

38. Na sua opinião, na sua família existe diálogo? a.  Sim; b.  Não

39. Normalmente, você recebe o abraço dos pais? a.  Sim; b.  Não

40. Você já levou o namorado ou a namorada ou paquera para dormir na sua casa com o consentimento dos seus pais? a.  Sim; b.  Não.

41. Seus pais vivem separados? a.  Sim; b.  Não.

## V. Trabalho

42. Qual, das opções abaixo, melhor descreve a sua situação em relação ao trabalho? (Marque apenas UMA opção: qual o trabalho que toma o maior número de horas diárias)

- Empregado/a com carteira assinada;
- Empregado/a sem carteira assinada;
- Trabalho por conta própria/autônomo;
- Trabalho não remunerado;
- Estagiário, com remuneração;
- Não trabalho;
- Tomo conta de casa;
- outro: \_\_\_\_\_
- Não sei

43. Você acha importante ter um trabalho formal com carteira assinada e seus direitos trabalhistas?

- É importante
- Não é importante
- Não sei

44. Nos últimos 30 dias, você procurou emprego?

- Sim;
- Não

45. Para melhorar de vida, o que na sua opinião é importante? Dê o grau de importância, atribuindo notas de 0 a 10 a cada uma delas. (Marque um x em cada linha)

	Nada importante					Totalmente importante					
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
45.1 Ter estudos											
45.2 Falar bem											
45.3 Ter boa aparência											
45.4 Ter parentes e amigos influentes											
45.5 Ter sorte											
45.6 Trabalhar duro; ser dedicado											
45.7 Ter experiência											
45.8 Ser inteligente ou talentoso											

\* 46. Concorda ou não com as afirmações abaixo?

	Concordo totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo totalmente	Não sei
46.1 Para alguém se desenvolver plenamente, deve ter um trabalho						
46.2 É humilhante receber dinheiro sem ter trabalhado para isto						
46.3 As pessoas que não trabalham perdem o gosto de viver						
46.4 Trabalhar é um dever e um direito dos indivíduos na sociedade						
46.5 As pessoas não deveriam ser obrigadas a trabalhar em algo que não lhes agrada						
46.6 O trabalho sempre deve estar em primeiro lugar embora signifique ter menos tempo livre						

\* 47. Você concorda ou discorda com relação às seguintes afirmações?

	Concordo	Discordo	Indiferente	Não sei
47.1 Se as vagas de trabalho são poucas os empregadores devem dar preferência às pessoas do próprio país				
47.2 Se as vagas de trabalho são poucas os empregadores devem dar preferência aos homens				
47.3 Se as vagas de trabalho são poucas os empregadores devem dar preferência aos jovens				
47.4 Se as vagas de trabalho são poucas os empregadores devem dar preferência aos adultos				

\* 48. Por que você que há gente que vive na pobreza?(Das quatro explicações abaixo, qual você considera a mais correta?). MARCAR SOMENTE UMA.

- Os pobres são pobres porque não tiveram sorte.
- Os pobres são pobres porque não têm força de vontade.
- Os pobres são pobres porque há muita injustiça na sociedade.
- Os pobres são pobres porque a pobreza é algo inevitável na evolução do mundo moderno.
- Outra: \_\_\_\_\_
- Não sei.

## Política

49. No Brasil o voto é obrigatório por lei. Cada cidadão, em condições de votar, deve fazê-lo, queira ou não. Se o voto não fosse mais obrigatório, você votaria?

- sim;
- Não
- Não sei

50. Das organizações e movimentos que vamos citar, indique se você participa ou participou nos últimos seis meses, e se você gostaria, ou não, de participar

	Participa ou participou nos últimos seis meses?	Se não, gostaria de participar?
50.1 Movimento estudantil	a. <input type="checkbox"/> Sim; b. <input type="checkbox"/> Não.	c. <input type="checkbox"/> Sim; d. <input type="checkbox"/> Não.
50.2 Grupos ou movimentos vinculados a igrejas	a. <input type="checkbox"/> Sim; b. <input type="checkbox"/> Não.	c. <input type="checkbox"/> Sim; d. <input type="checkbox"/> Não.
50.3 Movimento ecológico/ambientalista	a. <input type="checkbox"/> Sim; b. <input type="checkbox"/> Não.	c. <input type="checkbox"/> Sim; d. <input type="checkbox"/> Não.
50.4 Partido político	a. <input type="checkbox"/> Sim; b. <input type="checkbox"/> Não.	c. <input type="checkbox"/> Sim; d. <input type="checkbox"/> Não.
50.5 Voluntário em ONGs	a. <input type="checkbox"/> Sim; b. <input type="checkbox"/> Não.	c. <input type="checkbox"/> Sim; d. <input type="checkbox"/> Não.
50.6 Trabalho comunitário	a. <input type="checkbox"/> Sim; b. <input type="checkbox"/> Não.	c. <input type="checkbox"/> Sim; d. <input type="checkbox"/> Não.

51. Na sua opinião, quais são os dois problemas principais de São Leopoldo (*marque somente duas opções*):

- a. ( ) Desigualdade social
- b. ( ) Má administração pública
- c. ( ) Fome/miséria
- d. ( ) Educação
- e. ( ) Violência
- f. ( ) Saúde
- g. ( ) Desemprego
- h. ( ) A droga
- h. ( ) Outro: \_\_\_\_\_
- i. ( ) Não tem nenhum problema
- j. ( ) Não sei

52. Com que frequência você segue a atualidade política na televisão, periódicos ou no rádio?

- a. ( ) Todos os dias
- b. ( ) Varias vezes por semana
- c. ( ) Uma ou duas vezes por semana
- d. ( ) Somente me informo de vez em quando
- e. ( ) Nunca

\* 53. Em que medida você concorda com as seguintes afirmações?

	Concordo totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo totalmente	Não sei
53.1 Os políticos que não acreditam em Deus não são convenientes para as funções públicas						
53.2 As autoridades religiosas não devem influir nas pessoas quando há eleições						
53.3 Seria melhor, para o Brasil, que nas funções públicas houvesse pessoas com convicções religiosas fortes						
53.4 Os religiosos, responsáveis, não devem influir nas decisões do Governo						

\* 54. Você concorda ou discorda com os seguintes movimentos e/ou formas de ação popular citados no seguinte quadro?.

	Concordo totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo totalmente	Não sei
54.1 Ocupação de terras (para a reforma agrária)						
54.2 Greves de trabalhadores por melhores condições						
54.3 Manifestações de rua pela paz ou contra a violência						
54.4 Manifestações pelo não-pagamento da dívida externa						
54.5 Mobilização de rua pela redução da idade penal						
54.5 Abaixo-assinados por alguma causa social ou ambiental						
54.6 Tomada de prédios: de fábricas, de universidade ou outros						

\* 55 Em que instituições você confia mais? Dê o seu grau de confiança de 0 a 10 a cada uma delas:

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
55.1 Igreja católica											
55.2 Igrejas evangélicas do protestantismo histórico											
55.3 Igrejas evangélicas pentecostais											
55.4 As religiões em geral											
55.5 Forças armadas											
55.6 Empresários											
55.7 Partidos políticos											
55.8 Meios de Comunicação (rádio, TV, jornais)											
55.9 Prefeitura Municipal											
55.10 Instituições educacionais											
55.11 Câmara de Vereadores											
55.12 Polícia e segurança pública											
55.13 Associação de Moradores											
55.14 Organizações de jovens											
55.15 Movimentos sociais											

\* 56. Na sua opinião qual o sistema político (ou forma de governo) mais adequado para o momento?

	Muito bom	Bom	Ruim	Muito ruim	Não sei
56.1 Ter no poder um homem forte que não se preocupa nem com o Congresso nem com as eleições					
56.2 Que os governantes sejam “técnicos” e não um Governo orientado por tendências políticas					
56.3 Que as Forças Armadas dirijam o País, para garantir ordem e desenvolvimento					
56.4 Ter um sistema político democrático onde a população seja ouvida e possa participar					

\* 57 Com relação a um sistema político democrático, qual a sua opinião, diante das seguintes afirmações?

	Concordo totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo totalmente	Não sei
57.1 A democracia pode ter problemas, contudo é o melhor sistema de governo que existe						
57.2 Na democracia o sistema econômico funciona mal						
57.3 As democracias têm problemas para tomar decisões, havendo muitos interesses divergentes						
57.4 As democracias não sabem manter a ordem						

\* 58. Você diria que tem orgulho de ser brasileiro?

- a. ( ) Muito orgulho
- b. ( ) Orgulho
- c. ( ) Indiferente
- d. ( ) Vergonha
- e. ( ) Muita vergonha
- f. ( ) Não sei

## VII. Valores

\* 59. Abaixo você encontra uma lista das coisas que podem ser consideradas importantes na sua vida pessoal. Dê uma nota de 0 a 10, indicando o grau de importância de cada uma delas na sua vida.

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
59.1 Boa relação familiar											
59.2 Ter fé											
59.3 Viver numa sociedade mais justa											
59.4 Aproveitar a vida											
59.5 Ter um diploma											
59.6 Ter muito dinheiro											
59.7 Ter um trabalho que o/a realize											
59.8 Ser uma pessoa famosa											
59.9 Ter uma ideologia/ crença política											
59.10 Sentir-se útil para a sociedade											

\* 60. Qual a importância que têm, na sua vida, os itens abaixo?

	Muito importante	Importante	Pouca importância	Sem importância
60.1 Trabalho				
60.2 Família				
60.3 Estudos				
60.4 Amigos				
60.5 Tempo Livre				
60.6 Religião				
60.7 Política				
60.8 Relações amorosas				

\*61. Abaixo encontrará algumas características que podem ser consideradas como importantes num trabalho ou atividade profissional. Quais delas você considera as mais importantes? (*Marque com um "x" as três principais*)

61.1 Ganhar bem
61.2 Ter bom ambiente de trabalho
61.3 Ter um trabalho estável
61.4 Poder seguir uma carreira
61.5 Ter um trabalho reconhecido socialmente
61.6 Ter um horário adequado
61.7 Poder desenvolver iniciativas
61.8 Ser um trabalho útil para a sociedade
61.9 Poder gozar de férias
61.10 Ter encontrar-se com pessoas diferentes
61.11 Ter responsabilidades
61.12 Ser interessante
61.13 Ser um trabalho onde posso utilizar minhas capacidades

\* 62. Com relação à questão da competição e dos salários, em que medida você concorda ou discorda das seguintes afirmações?

	Concordo totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo totalmente	Não sei
62.1 A competição é boa porque leva a gente a trabalhar duro e a encontrar novas idéias						
62.2 A competição é perigosa porque ela leva a desenvolver o pior de cada um						
62.3 Os salários deveriam ser mais igualitários						
62.4 Com relação aos salários dever-se-ia respeitar mais os esforços individuais						

\* 63. Para cada uma das situações apresentadas abaixo, poderia dizer-nos, pondo sua opinião na escala, se a situação se justifica totalmente ou se não se justifica de nenhuma forma:

**63.1 Solicitar uma indenização além do que se tem direito**

Se justifica totalmente

Não se justifica por nenhum motivo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**63.2 Se você tem a possibilidade, enganar na declaração do imposto de renda**

Se justifica totalmente

Não se justifica por nenhum motivo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**63.3 Que homens ou mulheres casados tenham uma aventura extraconjugal**

Se justifica totalmente

Não se justifica por nenhum motivo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**63.4 O aborto**

Se justifica totalmente

Não se justifica por nenhum motivo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**63.5 O divórcio**

Se justifica totalmente

Não se justifica por nenhum motivo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**63.6 A eutanásia (isto é, por fim à vida de alguém que sofre de uma enfermidade incurável)**

Se justifica totalmente

Não se justifica por nenhum motivo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**63.7 Dirigir após ter ingerido bebida alcoólica**

Se justifica totalmente

Não se justifica por nenhum motivo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**63.8 Fumar em lugares públicos**

Se justifica totalmente

Não se justifica por nenhum motivo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

\* 64. Em que medida você se preocupa com as condições de vida das seguintes categorias de pessoas:

	Muito	Pouco	Indiferente	Não sei	Nunca pensei nisso
64.1 Idosos					
64.2 Desempregados					
64.3 Migrantes na cidade (que vêm de outras regiões)					
64.4 Pessoas enfermas e inválidas					

65. Qual a sua opinião sobre a legalização das drogas

- a. ( ) Sou a favor somente da legalização da maconha
- b. ( ) Sou totalmente contra
- c. ( ) Sou a favor da legalização de todas
- d. ( ) Não sei

## VIII. Religião

\* 66. Em que medida Deus é importante na sua vida?

Sem importância						Muito importante			
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

\* 67. Com que frequência você participa de encontros ou atividades da sua religião? (*Marque apenas UMA opção*)

- a.  Todos os dias
- b.  Duas a três vezes por semana
- c.  Uma vez por semana
- d.  Quinzenalmente
- e.  Mensalmente
- f.  Anualmente
- g.  Nunca
- h.  Não sei

68. Qual é a religião de sua mãe? (*Pode marcar mais de uma alternativa*)

- a.  Afro-brasileira (candomblé ou outra religião de origem africana)
- b.  Umbanda
- c.  Protestante ou Evangélica não pentecostal (luterana, anglicana ou outra)
- d.  Evangélico pentecostal (Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino, ou outra)
- e.  Espírita kardecista ou espiritualista
- f.  Católica Apostólica Romana
- g.  Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- i.  Não tem religião

69. Qual é a religião de seu pai? (*Pode marcar mais de uma alternativa*)

- a.  Afro-brasileira (candomblé ou outra religião de origem africana)
- b.  Umbanda
- c.  Protestante ou Evangélica não pentecostal (luterana, anglicana ou outra)
- d.  Evangélico pentecostal (Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino, ou outra)
- e.  Espírita kardecista ou espiritualista
- f.  Católica Apostólica Romana
- g.  Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- h.  Não tem religião

70. Qual é a sua religião? (*Pode marcar mais de uma alternativa*)

- a.  Afro-brasileira (candomblé ou outra religião de origem africana)
- ( b.  Umbanda
- c.  Protestante ou Evangélica não pentecostal (luterana, anglicana ou outra)
- d.  Evangélico pentecostal (Assembléia de Deus, Igreja Universal do Reino, ou outra)
- e.  Espírita kardecista ou espiritualista
- f.  Católica Apostólica Romana
- g.  Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- i.  Não tem religião

71. O que influenciou a sua escolha por esta religião? (*Pode marcar mais de uma alternativa*)

- a.  Família
- b.  Amigos/as
- c.  Agentes religiosos
- d.  Motivos pessoais
- e.  Não teve influência
- f.  Outro. Qual? \_\_\_\_\_
- g.  Não sei

72. Você já mudou de religião?

- a.  Sim, mudei uma vez
- b.  Sim, mudei duas vezes
- c.  Sim, mudei mais de duas vezes
- d.  Não



73. Qual foi o principal motivo para que você deixasse a sua religião anterior (*Marque apenas UMA opção*)

- a. ( ) Nunca mudei de religião
- b. ( ) Por influência de familiares e amigos/as
- c. ( ) Porque a religião anterior não respondia mais à sua necessidade espiritual e emocional
- d. ( ) Por falta de coerência entre o que a religião pregava e as atitudes das pessoas
- e. ( ) Por desentendimentos com líderes da sua religião (padre, pastor, mãe-de-santo, médium etc.)
- f. ( ) Porque era muito rígida e exigente
- g. ( ) Outro: \_\_\_\_\_
- h. ( ) Não sei.

\* 74. Você dedica algum momento de seu tempo para rezar, meditar, fazer contemplação ou algo parecido?

- a. ( ) Sim
- b. ( ) Não

\* 75. Você acredita em....

	Sim	Não	Não sei
75.1 Deus			
75.2 Jesus Cristo			
75.3 Virgem Maria			
75.4 Santos			
75.5 Anjos			
75.6 Espírito Santo			
75.7 Ensinamentos da Bíblia			
75.8 Energias/Aura			
75.9 Demônios			
75.10 Duendes, gnomos			
75.11 Entidades/Orixás			
75.12 Imortalidade da alma			
75.13 Reencarnação/ Vidas passadas			
75.14 Espíritos			
75.15 Astrologia (horóscopo, influência astral...)			

\* 76. Quantas vezes você consulta o horóscopo para conhecer o seu futuro?

- a. ( ) Todos os dias
- b. ( ) Uma vez por semana
- c. ( ) Uma vez por mês
- d. ( ) Somente às vezes
- e. ( ) Nunca

## IX. Violência

77. As situações abaixo mencionadas lhe causam revolta? Em que medida? Dê uma nota de 0 a 10 indicando o seu grau de revolta em relação a elas

	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
77.1 Ter que ficar horas na fila											
77.2 Polícia matar bandido											
77.3 Bandido matar policial											
77.4 A corrupção dos políticos											
77.5 Dirigir bêbado											
77.6 Queimar florestas											
77.7 Ter preconceito de cor											
77.8 Agredir homossexuais											
77.9 Fazer justiça com as próprias mãos											

78. Nos últimos 04 meses, você foi vítima de assalto?  
 a. ( ) sim      b. ( ) não      c. ( ) Não sei
79. Nos últimos 04 meses, você foi agredido/a pela polícia, inclusive com agressão moral ou verbal?  
 a. ( ) sim      b. ( ) não      c. ( ) Não sei
80. Entre jovens e adultos, quem pratica mais violência são:  
 a. ( ) Os jovens.      b. ( ) Os adultos.      c. ( ) Ambos.
81. Entre jovens e adultos, quem é mais vítima da violência são:  
 a. ( ) Os jovens.      b. ( ) Os adultos.      c. ( ) Ambos
82. Onde você convive mais com a violência? (*Marque somente UMA opção*):  
 a. ( ) Perto de casa  
 b. ( ) Na escola/universidade  
 c. ( ) Nas ruas  
 d. ( ) Nos bailes/boates  
 e. ( ) Nos ônibus/trem  
 f. ( ) Nos estádios de futebol  
 g. ( ) Não convivo com violência  
 h. ( ) Outro: \_\_\_\_\_  
 i. ( ) Não sei.
83. A principal causa da violência em São Leopoldo, na sua opinião, é: (*Marque apenas UMA alternativa*)  
 a. ( ) A pobreza; os baixos salários  
 b. ( ) A baixa escolaridade; falta de educação  
 c. ( ) A violência na televisão  
 d. ( ) A falta de estrutura ou apoio familiar  
 e. ( ) O tráfico de drogas  
 f. ( ) A violência da polícia e/ou corrupção policial  
 g. ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_  
 h. ( ) Não sei
84. Qual o tipo de violência de que você *tem mais medo*? (*Marque apenas uma resposta*)  
 a. ( ) Ser assaltado com violência  
 b. ( ) Ser atingido por bala perdida  
 c. ( ) Sofrer violência policial  
 d. ( ) Sofrer acidente de trânsito  
 e. ( ) Sofrer estupro  
 f. ( ) Ter bens roubados/danificados  
 g. ( ) Outro: \_\_\_\_\_  
 h. ( ) Não sei

\* 85. Na sua opinião, qual a importância das medidas abaixo para termos uma sociedade mais justa e menos violenta?

	Muito importante	Importante	Indiferente	Pouco importante	Sem importância	Não sei
85.1 Eliminar as grandes desigualdades salariais dos cidadãos						
85.2 Garantir a satisfação das necessidades básicas para todos						
85.3 Reconhecer as pessoas segundo os seus méritos						
85.4 Reforçar a segurança policial nas ruas						

\* 86. Com relação às três afirmações abaixo, em que medida você concorda ou discorda?

	Concordo totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo totalmente	Não sei
86.1 Em geral podemos confiar na maioria das pessoas						
86.2 Em geral nunca se sabe as intenções dos outros						
86.3 Em geral é melhor não confiar em ninguém						

## X. Afetividade e sexualidade

87. Quando o assunto é sexo, você acha:

- a.  Que já sabe tudo
- b.  Que sabe um pouco
- c.  Que não sabe nada
- d.  Que sabe o bastante

88. Onde você busca informações sobre sexualidade?

- a.  Na escola
- b.  Não procura
- c.  Com os amigos
- d.  Busca na prática
- e.  Com os pais
- f.  Nas atividades religiosas
- g.  Em outros lugares. Quais? \_\_\_\_\_
- h.  Não sei.

89. Você já transou alguma vez?

- a.  Sim
- b.  Não

90. Se sim, nos últimos trinta dias (no último mês), com quantas pessoas você teve relações sexuais?

- a.  Uma pessoa;
- b.  Duas pessoas;
- c.  Três pessoas;
- d.  Mais de três.

91. Com relação ao uso da camisinha, qual a sua prática? (*pode marcar mais de uma alternativa*):

- a.  Não usa por motivos religiosos;
- b.  Não usa quando tem relações sexuais com uma pessoa em quem confia;
- c.  Não usa quando o/a parceiro/a não quer;
- d.  Não usa quando você ou o/a parceiro/a não tem camisinha na hora de transar;
- e.  Usa em todas as relações sexuais
- f.  Nunca usa

92. Quais dos motivos abaixo justificam fazer um aborto (*pode marcar mais de uma alternativa*)

- a.  Quando a mulher não quer ter o filho
- b.  Quando o pai não quer assumir o filho
- c.  Quando a vida da mãe corre perigo
- d.  Quando o bebê pode nascer com alguma doença ou anomalia
- e.  Quando faltam condições para criar o bebê
- f.  Quando houve estupro
- g.  Nada justifica fazer um aborto

93. Qual o seu posicionamento frente à união civil entre pessoas do mesmo sexo

- a.  Sou a favor
- b.  Sou indiferente
- c.  Sou contra
- d.  Não sei.

94. Que tipo de pessoas você não gostaria de ter como vizinhos ou vizinhas? (Marcar com um X, no máximo, três alternativas)

94.1	Pessoas que estão sendo processadas
94.2	Pessoas de outra raça
94.3	Pessoas politicamente da extrema-esquerda
94.4	Alcoólatras
94.5	Pessoas politicamente da extrema-direita
94.6	Famílias numerosas
94.7	Pessoas emocionalmente instáveis
94.8	Colonos vindos do interior
94.9	Pessoas portadoras de HIV/AIDS
94.10	Drogados/as
94.11	Homossexuais
94.12	Pessoas muito religiosas

\* 95. Para o êxito do casamento, na sua opinião, qual a importância que têm os aspectos abaixo mencionados?

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Não sei
95.1 A fidelidade				
95.2 Um salário adequado				
95.3 Pertencer ao mesmo meio social				
95.4 Respeitar-se e apreciar-se mutuamente				
95.5 Partilhar as mesmas convicções religiosas				
95.6 Ter boas condições de moradia				
95.7 Estar de acordo em questões políticas				
95.8 Compreensão e tolerância				
95.9 Viver independentemente dos sogros				
95.10 Manter boas relações sexuais				
95.11 Partilhar as tarefas domésticas				
95.12 Ter filhos				
95.13 Discutir os problemas do casal				
95.14 Passar a maior parte do tempo juntos				
95.15 Falar das questões de interesse comum				

Muito obrigado.

Dia: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_/

Telefone do entrevistado: \_\_\_\_\_(opcional)